

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA  
MESTRADO EM SAÚDE COLETIVA**

**THIAGO DE SOUSA FREITAS LIMA**

**POR UMA CLÍNICA DOS POROS: CONHECIMENTO E PRÁTICAS EM SAÚDE A  
PARTIR DO EXERCÍCIO DE UM CORPO SENSÍVEL**

**VITÓRIA (ES)  
2014**

THIAGO DE SOUSA FREITAS LIMA

**POR UMA CLÍNICA DOS POROS: CONHECIMENTO E PRÁTICAS EM SAÚDE A  
PARTIR DO EXERCÍCIO DE UM CORPO SENSÍVEL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Espírito Santo, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof.º. Dr.º. Túlio Alberto Martins de Figueiredo

VITÓRIA (ES)  
2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

L732p Lima, Thiago de Sousa Freitas, 1988-  
Por uma clínica dos poros: conhecimento e práticas em  
saúde a partir do exercício de um corpo sensível / Thiago de  
Sousa Freitas Lima. – 2014.  
159 f. : il.

Orientador: Túlio Alberto Martins de Figueiredo.

Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade  
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências da Saúde.

1. Corpo Humano. 2. Movimento. 3. Saúde Pública. I.  
Figueiredo, Túlio Alberto Martins de. II. Universidade Federal do  
Espírito Santo. Centro de Ciências da Saúde. III. Título.

CDU: 614

---

## **THIAGO DE SOUSA FREITAS LIMA**

POR UMA CLÍNICA DOS POROS: CONHECIMENTO E PRÁTICAS EM SAÚDE A  
PARTIR DO EXERCÍCIO DE UM CORPO SENSÍVEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva na área de concentração Política e Gestão em Saúde.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2014.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof.º Dr.º Túlio Alberto Martins de Figueiredo**  
Universidade federal do espírito Santo  
Orientador

---

**Prof.ª. Dr.ª. Luciana Vieira Caliman**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Permanente Externo

---

**Prof.ª. Dr.ª. Francis Sodré**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Permanente Interno

---

**Prof.ª. Dr.ª. Maria Amélia Lobato Portugal**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Suplente Externo

---

**Prof.º Dr.º. Adauto Emmerich Oliveira**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Membro Suplente Interno

## **AGRADECIMENTOS**

Não se pode nomear aquilo que é tudo e todos.

Ao que nos toca.

Gratidão.

Tudo o que nos separava subitamente falhou.

(Rubem Braga)

Talvez quem vê bem, não sirva para sentir.

(Alberto Caeiro)

## **BIOGRAFIA**

Thiago de Sousa Freitas Lima nasceu em 1988, na cidade de Niterói – RJ.

Desde 2008, ainda graduando em psicologia na UFES, se dedica a experimentações corporais como prática de estudo e intervenção nas corporalidades.

Iniciou, ainda em 2008, sua experiência no campo da Saúde Coletiva ao participar de projetos de extensão universitária na área de Gestão e Política bem como promoção de saúde na prevenção de DST/aids.

Formou-se em 2012 em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Em 2013 concluiu o curso de Pós-Graduação em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama: Clínica de Indivíduos, Grupos, Organizações e Redes Sociais pela Fundação Educacional Lucas Machado, FELUMA/Fundação Gregório Barembliitt, Belo Horizonte – MG.

Em 2012 iniciou o Mestrado em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo

Neste percurso acumulou experiência em intervenções que permearam a formação em psicologia, além de atividades com trabalhadores e estudantes nas áreas de educação, saúde e organizacional.

Dentre as atividades aparecem trabalhos para promoção de saúde em asilos na Colômbia, trabalhos de apoio institucional na rede municipal de saúde de Cariacica, intervenção em empresas, intervenção com professores e pedagogos da rede pública, oficinas de sexualidade e prevenção de DST/aids e oficinas para prática de alimentação saudável e atividade física nas escolas.

Atualmente dedica sua pesquisa na criação de ferramentas de cuidado a partir dos gestos. Todos os seus trabalhos são focados em metodologias participativas e vivências corporais.



## RESUMO

Tendo em vista a atual configuração do trabalho em saúde, entende-se que nos espaços de formação desta área torna-se relevante a realização de intervenções que se dediquem ao desenvolvimento de tecnologias relacionais. Tais tecnologias referem-se à produção de vínculo como instrumento de realização nas linhas de cuidado. Esta pesquisa objetivou compreender como essas tecnologias se corporificam a partir da utilização de clínicas em experimentações corporais. Foi utilizado como cenário para o estudo o grupo de pesquisa Rizoma: Saúde Coletiva e Instituições, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo. Os sujeitos do estudo foram profissionais e pesquisadores de diversas áreas da saúde que participam do referido grupo. Como instrumentos de produção do material, utilizou-se de registros fotográficos, diário de campo, co-análises sobre o trabalho, experimentações com movimentos de consciência corporal e mobilização de cargas afetivas. A análise do material se deu a partir de uma leitura esquizoanalítica. As clínicas criaram espaços de reflexão para aumentar a capacidade dos participantes em afetar e serem afetados. Tais experimentações geraram estratégias para um cuidado de si e dos outros. Desta forma os participantes relataram maior capacidade de atenção às suas relações cotidianas e de trabalho, aumento de sensibilidades e transformação de comportamentos padronizados em novas formas de se articular.

Palavras chaves: Corpo, Movimento; Saúde Coletiva.

## **ABSTRACT**

Based on the current configuration of health work, it is understood that the spaces of formation in this area becomes relevant for interventions engaged in the development of relational technologies. These technologies relate to the production of bonding as a tool for achieving the lines of care. This research aimed to understand how these technologies are embodied from the use of clinical corporal trials. Public Health and Institutions linked to the Graduate Program in Public Health, Federal University of Espirito Santo: Rhizome research group was used as the setting for the study. The study subjects were professionals and researchers in various areas of health that participate in this group. As the material instruments of production, we used photographic records , field journal , co - analyzes of the work , trials with movements of body awareness and mobilization of affective charges . The analysis of the material was made from a schizoanalytic reading. The clinics created spaces of reflection to increase the participants' ability to affect and be affected. Such trials have generated strategies for care of self and others. Thus participants reported greater ability to focus on their daily life and work, increased sensitivity and processing of standardized new ways of articulating behaviors.

Key words : Body, Movement, Public Health

## RESUMEN

Teniendo presente la configuración actual del trabajo en salud, entendemos como de gran importancia la realización de intervenciones que se dediquen al desarrollo de tecnologías relacionales. Estas tecnologías se refieren a la producción de vínculos, colocando el énfasis en este como posible instrumento de realización de líneas de cuidado. Esta investigación intenta comprender como las tecnologías relacionales se corporifican a partir de la utilización de clínicas para experimentaciones corporales. Fue utilizado como espacio para el estudio, el grupo de investigación Rizoma: Salud Colectiva e instituciones, vinculado al Programa de Pos Graduación en Salud Colectiva de la Universidad Federal de Espírito Santo. Las personas que colaboraron como sujetos de estudio fueron, profesionales e investigadores de distintas áreas de la salud, estas personas participan actualmente del grupo anteriormente citado. Como instrumentos de producción de material se utilizó, registros fotográficos, bitácoras, co-análisis sobre el trabajo, experimentaciones con movimientos de conciencia corporal y movilización de cargas afectivas. El análisis del material se dio a partir de una lectura esquizoanalista. Las clínicas crearon espacios de reflexión que favorecieron la capacidad de los participantes de afectar y ser afectados. Tales experimentaciones generaron estrategias para un cuidado de si y de los otros. De esta forma los participantes reportaron aumento de su capacidad de atención tanto en sus relaciones cotidianas como de trabajo, aumento de sus sensibilidades y transformación inclusive de comportamientos ya estereotipados en nuevas formas de relacionarse.

Palabras claves: Cuerpo, movimiento, salud colectiva.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Clínica da Metamorfose .....	69
Figura 2- Clínica da Metamorfose .....	70
Figura 3 - Clínica da Metamorfose .....	71
Figura 4 - Clínica da Metamorfose .....	72
Figura 5 - Clínica do trabalho e crueldade .....	84
Figura 6 - Clínica do cuidado anatômico .....	98
Figura 7 - Clínica do cuidado anatômico .....	99
Figura 8 - Clínica do cuidado anatômico .....	100
Figura 9 - Clínica do cuidado anatômico .....	101
Figura 10 - Clínica do cuidado anatômico .....	102
Figura 11- Clínica da máquina de guerra .....	117
Figura 12 - Clínica da máquina de guerra .....	118
Figura 13 - Clínica da máquina de guerra .....	119
Figura 14 - Clínica da máquina de guerra .....	120
Figura 15 - Clínica da máquina de guerra .....	121
Figura 16 - Clínica da máquina de guerra .....	122
Figura 17 - Clínica da máquina de guerra .....	123

## SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	15
2 O CONHECIMENTO EM SAÚDE NO TRABALHO EM ATO: ENTRE SABERES E ENCONTROS .....	22
3 A POROSIDADE DO CORPO, RASPAGEM E MOVIMENTO: UMA INTERVENÇÃO COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE .....	33
4 OBJETIVO.....	40
5 ESCOLHAS METODOLÓGICAS .....	41
5.1 Método, escolhas e dispositivos.....	41
5.2 Dispositivo corpo.....	45
5.3 Dispositivo grupo.....	52
5.4 Dispositivo fotografia.....	57
5.5 Dispositivo formação.....	58
5.6 Procedimentos .....	61
5.7 Considerações éticas.....	67
6 AFINANDO O SUTIL: IMERSÕES ENTRE AFETOS E OS RANGIDOS DO CORPO .....	68
6.1 Clínica da metamorfose .....	69
6.2 Clínica do trabalho e crueldade.....	84
6.3 Clínica do cuidado anatômico .....	98
6.4 Clínica da máquina de guerra .....	117
7 DESPEDIDAS .....	133
8 REFERÊNCIAS.....	140
APÊNDICES.....	148
APÊNDICE I.....	149
APÊNDICE II.....	152
ANEXOS .....	155
ANEXO I .....	156

Entre desejos – tempos e prazos para produzir uma dissertação .....	156
ANEXO II .....	158

## 1 APRESENTAÇÃO

Todo amor já é um pouquinho de saúde.  
(Guimarães Rosa)

O dia me envolve,

cheio de tempo e paisagem uma vontade de escrever vai ganhando voz.

E nasce um jogo de forças como uma luta livre. Ora por movimentos que permitem a escrita, ora por movimentos que me dispersam.

Paro.

Sinto que para resistir (existir de outra forma) é preciso lentidão e densidade.

Com pés no chão e o peito conectado com a barriga penso sobre essa tal dificuldade de escrever. Uma dificuldade que faz sua vez aqui mesmo, durante a escrita deste palavreado.

Chega-me uma imagem de que escrever é como fazer microcirurgias. As palavras como bisturis arrancam afetos de mim. Uma cirurgia que se não for feita com cuidado pode transformar afetos singulares em apenas coisas. Palavras coisas!

Escrever é uma violência.

Além disso, a escrita é sempre uma exposição. São pedaços de mim lançados sobre a tela. Pedaços de um corpo vivo, um corpo se revirando pra fazer contato com algo que o move. Pedaços de corpos desesperados por outros corpos. Afetos que precisam de conexão com o leitor para não perder seu movimento. Conexões que podem gerir comuns - podem inventar danças que a vida antes desconhecia.

Escrever é ritmo em busca de par.

Talvez sejam essas minhas aflições. Não seria então escrever um desafio. Até porque escrever pra você – que me lê -, não tem cara de desafio.

Aflito por não querer perder a cor dos afetos. Aflito por não querer pisar no seu pé enquanto te chamo para dançar com frases.

...,

assumindo que se algo caótico e incoerente aparecer - esta é minha vida. Uma vida de literatura bastarda e econômica. Uma vida que caminha com múltiplas vidas em mim.

Vozes que às vezes não funcionam por fila - funcionam por brigas. Vozes que se alteram e se dominam.

Sopros de sentimentos que só querem brincar de ser letra.

Por fim, escrevo-te.

Escrevo para não me apresentar, pois não se apresenta o que vive em percurso – apenas se colhem marcas, sujeiras, paisagens cores e sensações -que atravessam o momento da escrita e dura um apertar de dedo nas teclas. Não se apresentam palavras, essas são, ao mesmo tempo, pegadas e pernas de um trajeto. Com elas se caminha e se observa redescobrimo cada frase – palavreando a escrita.

O texto produzido não deve ser encarado como um caminho, mas como um plano no qual cabem infinitas trilhas, retas, pontos - um cenário liso de possíveis consistências, coerências e incoerências.

Reconhecendo que em alguns momentos o projeto e o texto se distanciam de mim para servir ansiedades ou medos catedráticos. Nestes momentos acredito que o projeto também ficará longe do leitor, peço paciência, pois a experimentação não está apenas no campo da pesquisa – o texto também está se experimentando a cada passagem de olho.



Podem aparecer conceitos mal formulados ou não explicados. A utilização de alguns conceitos não serve para encerrar a realidade, mas para garantir movimento à mesma. Conceitos e palavras novas que se inventam ou se encaixam para estremecer mundos, uma vez que se propõe inventar novas formas de existir e agir em saúde, concomitantemente torna-se necessário inaugurar novas palavras e conceitos. Portanto não se acomode com os conceitos expostos, peço que você os convide para caminhar, percebendo como os mesmos se diferenciam a cada cenário.

Eis que ocorre o momento de enfrentar a tarefa e suas demais tormentas. Um tempo de escrita onde os braços e dedos devem ocupar lugares específicos e disciplinados a fim de converter todo sangue e paixão em palavras. Mais um passo, ainda sentado.

Em direção à tarefa...

Caminhar para encontrar - para se encontrar - mesmo que nesses encontros surjam medos distintos, pois é necessário também habitar o medo. Todavia, nas trilhas já percorridas houve espaço para se trabalhar, nos pensamentos navegantes e nos tremores do corpo, as ocorrências do medo e seus delineamentos possíveis. Ainda nos contentamos em lidar com possíveis.

Não é sobre o medo que versa este trabalho, mas sobre a aprendizagem, considerando-a na sua beleza inquietadora, perturbadora, desestruturante, promotora de movimentos novos, inovadores.

Partimos de experiências singelas, dessa forma, não é possível descrever um Sistema Único de Saúde (SUS) total e imaculado, nem mesmo grandes e cheios programas de saúde em busca de indicadores perdidos. Trata de alguém que provou da simplicidade de um sorriso e sentiu, ali, saúde na possibilidade de conseguir encontrar uma gargalhada entre tudo o que parecia imutável. Conseguir deixar-se levar por essa gargalhada que vem do meio do corpo, dando chance para

ela recheiar os espaços invisíveis aos olhos. Saúde na alegria de poder contar com lugares e pessoas inesperadas para alargar nosso alcance de mexer com a vida.

Após muitas viagens e experiências com corpos que caminham, envelhecem, trabalham, trepam, adoecem, e podem se afetar e compor com diferentes velocidades e gestos. Percebi que construir algo novo e suportá-lo, não se trata de pular incessantemente de um lugar para outro, nem de buscar algo maior ou distante – que apenas em distância sustenta sua promessa de felicidade. É uma questão de habitar os encontros do presente – sentir o que se passa, passando cada vez mais perto de si e estar disponível ao contato.

Nesse sentido lembrar um trajeto desenhado até aqui é reafirmar uma memória viva e incorporada. Uma memória que não relata fatos, mas que me exercita uma experiência de deslocamento, lançando meu corpo para momentos de contato e ação. Evocar estes episódios não serve para registrar e repetir alguma intervenção bem sucedida, mas para reforçar a confiança nos acontecimentos.

Tento trazer sem tom biográfico, mas como análise de implicação o que me trouxe até o programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva:

Em um primeiro momento percebo meu corpo se dobrando para dar consistência a uma abordagem que deixou marcas e impulsos durante a graduação em psicologia – a esquizoanálise.

A esquizoanálise chega até mim como um “amasso” no escuro. Dentro de um lugar sagrado como a sala de aula, palavras e expressões de professores profanam dogmas com cheiro de mofo. Não consigo ver nenhuma forma definida, os mestres se transformam em máquinas de soprar. A sala fica escura e sem nenhuma forma definida, as expressões me acariciam, mordem, batem, arrancam pedaço.

Era preciso arrumar alguma forma de compor com essa nova experiência que violentava o pensamento formal e deixava passar fluxos, novidades e ideias criativas. Como dar consistência a um desejo com tanta força?

A dobra se dá quando descubro um núcleo de esquizoanálise na Saúde Coletiva, permitindo pensar em quais dialetos eu consegui formar no curso de psicologia. E como nômade era por amor ao território conquistado na graduação que me deixo ser inventado pelo deserto da Pós-Graduação em Saúde Coletiva (com todos os receios e inseguranças que essa aventura proporcionaria). Ao meditar sobre as minhas participações durante o curso de psicologia, dois dialetos se enroscavam indisfarçadamente “Saúde” e “Coletivo”, línguas que não deixaram uma semântica clara, mas me passaram boas linguadas!

Outras marcas fortaleceram essas inquietações e em diferentes trajetos se incorporaram algumas aprendizagens.

Com vontade de habitar novas peles. Era preciso ousadia, essa, em mim, só conseguia se expressar por saltos impulsivos em algum momento afoitos, ansiosos e perdidos. Mesmo assim, no plano da ousadia também operam aprendizagens filhas do caos, amigas das experimentações, contágios e conexões...

E ASSIM VISITO...

- De 2008 a 2012, o Coletivo SomosKorpuz, um grupo de autogestionado que nasceu na UFES e se disseminou pelo corpos de quem passou por lá. Me ensinou o que pode um corpo.

- Colômbia, por três meses, no final de 2010, um asilo na cidade de Pereira – capital de Risaralda. Tal instituição abriu-me as portas para intervenções em vidas, corpos e paredes. Dentro de uma instituição, aprendi o que pode o trabalho.

- De 2008 a 2011, o Projeto de extensão: Saberes, sexualidades e práticas de prevenção DST/aids, por meio de oficinas e uma metodologia dialógica. Com a companhia de Maria Amélia Lobato Portugal. Aprendi o que pode um grupo.

- De 2010 a 2012, o Projeto de extensão Redes no Território e Apoio Institucional às políticas públicas na Grande Vitória, minha primeira imersão no campo da Saúde Coletiva, me aventurei por Campos Verdes, unidades de saúde em “jardins

suspensos” de Jardim América, Secretarias de Saúde da Grande Vitória. Acompanhado por Ana Lucia Coelho Heckert e Maria Elizabeth Barros de Barros, aprendi o que pode a saúde.

- Durante todo o mestrado, o Grupo Rizoma: Saúde Coletiva e Instituições. Um grupo do programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva que se aventura na possibilidade de juntar desejos com pessoas me ensina o que pode a mistura.

- De 2011 a 2013, a Fundação Gregório Barenblitt (FGB) / Instituto Félix Guattari – Belo Horizonte – MG. Conhecer pessoas improváveis, viver emoções impossíveis, formar parcerias de coração, me ensinou o que pode ao se amar outras vidas.

Essas aprendizagens não se acomodaram em um lugar de suposto saber, porém me ensinaram e continuam me ensinando que a dança das coisas muda o mundo de lugar. Uma diversidade de experiências que deixaram marcas e brechas para se rastrear clínicas que se produzem por entre vontades e coisas.

Clínicas são arenas políticas de invenção artística, explícitos movimentos de resistência às formas estereotipadas e a dissipação agressiva dos corpos. São espaços de resistência, os mais diversos, a um conjunto de lógicas mecanicistas e místicas que insistem em grudar em nossa pele.

Criar espaços artificiais/virtuais em todos os lugares possíveis. Criar limites e linhas de prudência e segurança para que os corpos e as palavras possam experimentar-se, corporificar-se. O corpo teria a liberdade de experimentar, resistir aos processos de repetição, mecanização e homogeneização.

Clínicas sempre grupais, mesmo quando feitas a dois. Deixar passar e dar forma aos grupos, ao coletivo, que sempre está em nós. Inventora de contratos para lidar com demandas. Inventora de uma escuta de diversas demandas, pois sempre inventamos demandas.

Kafka, no conjunto de sua obra, nos coloca a frente da “máquina de escrever a lei”, um aparelho que talha com ajuda de uma grade de ferro, o parágrafo violado sobre a

pele do culpado. Por meio desta pista, colocamos as seguintes questões: Quantas sentenças grudam em nossas peles durante a existência? Como tais códigos de conduta se instauram na produção de sujeito? Será que estas palavras marcadas, não trazem consigo contensão, rigidez, celas? Enquanto a pele serve de material para uma cela que nos prende a nós mesmo e enrijece a fronteira com os outros – os poros são campo de passagem para o exercício de liberdade.

## 2 O CONHECIMENTO EM SAÚDE NO TRABALHO EM ATO: ENTRE SABERES E ENCONTROS

Ficar sentado o menos possível: não pôr fé em pensamento algum que não tenha sido concebido ao ar livre, no livre movimento do corpo- em ideia alguma em que os músculos não tenham também participado. Todo preconceito provém das entranhas. Ficar 'chumbado na cadeira', repito-o, é o verdadeiro pecado contra o espírito. (Nietzsche)

Este texto tem como objetivo dissertar a respeito do conhecimento em saúde produzido a partir de um diálogo entre certa política da cognição e tecnologias em saúde.

Para a construção deste diálogo o conceito de cognição trabalhado se fomenta a partir da obra Políticas da Cognição (KASTRUP; TEDESCO; PASSOS, 2008). Neste livro os autores ampliam o conceito de cognição, compreendendo o mesmo a partir de suas fronteiras instáveis. Esta escolha permite elaborar estudos com atenção à processualidade do conhecimento. A partir disso se evidencia que a problemática da cognição também funda modos de estar no mundo, estabelecer relações consigo e com o ato de conhecer. Nesse sentido o cognitivismo não é apenas um problema teórico, mas um problema político. Ele evoca uma das diversas configurações que a cognição pode assumir.

Neste sentido, o conhecimento em saúde discutido neste trabalho, parte da reflexão sobre o exercício de um corpo/conhecimento atento aos modos cotidianos de produção de saúde e suas bifurcações. Entre intercessores<sup>1</sup> percebe-se a necessidade na montagem de dispositivos que se articulem com a produção científica em saúde coletiva ao que tange as potências relacionais na inovação tecnológica em saúde.

---

<sup>1</sup> Dentre eles mencionamos Emerson Merhy e Ricardo Ceccim, em seus estudos sobre corpo e micropolíticas, Túlio Franco e seus estudos sobre a dimensão subjetiva do cuidado, Ricardo Ayres e seus escritos sobre o cuidado, Maria Raquel Gomes Maia Pires em seus trabalhos sobre a Politicidade do cuidado.

Neste momento, será esboçada uma breve concepção de dispositivo. Entende-se dispositivo por: máquinas de fazer ver e falar (DELEUZE, 1996). Em outras palavras, é o nascimento de um objeto concreto que, por meio de práticas, sejam elas discursivas ou expressivas, dão luz às forças que circulam no ambiente e direcionam nossos modos de conhecer. Deve-se ressaltar que os dispositivos também são compostos por linhas invisíveis, linhas rígidas, flexíveis e linhas de fuga, que se acoplam aos objetos e podem gerar movimentos, ou até transformações, de formas dadas como naturais. Em suma, podemos lançar mão do dispositivo como a possibilidade de fazer com que a palavra e os modos de agir circulem de forma coletiva na equipe de trabalho. Dessa forma pode-se dar visibilidade aos usos do trabalho, a fim de criar estratégias para multiplicar as linhas de cuidado.

Para isso é preciso entender como se dão os atores/vetores das linhas em saúde. Ao compreender a realidade composta por linhas, forças, fluxos, considera-se um sujeito enquanto processo de subjetividade. A ideia de subjetividade não é considerada como algo apenas pessoal, interna ou indivisível. O plano subjetivo se configura também por instâncias coletivas e institucionais que se emaranham de maneira plural e polifônica em nossas práticas cotidianas por meio dos modos de produção econômicos, genéticos, históricos, industriais, políticos, desejantes, institucionais e discursivos. Criam-se assim territórios existenciais, que de forma singular se ligam com forças gerando uma multiplicidade de movimentos nos quais, ao mesmo tempo, modulam, modificam e são modificados por tais arranjos (GUATTARI, 1992).

Aproximando-se deste campo problemático, a revisão da obra de Foucault (1971, 2004, 1985, 2006) possibilita uma análise crítica sobre a produção de “verdade” na enunciação sobre a vida e os sujeitos. Utilizando instrumentos históricos, observa-se a criação de um projeto de modernidade pautado no referencial científico positivista em que os suportes teóricos ganham mérito de discursos sobre a verdade. Tais práticas afastam-se de uma produção de verdade advinda de técnicas de si por meio de práticas corporais que se atentavam para sua relação com o público e a cidade, cuidado de si (FOUCAULT, 2006).

Esses discursos, ou saberes montados em hierarquias e segmentações, inserem-se nas relações sociais, conferindo direção às ações, o que o autor chamou de relações de poder, em função de tais direções, subjetividades. Foucault (2004) demonstra que todo discurso é um poder e todo poder é físico. Logo, este jogo de poderes, que tem como alvo o corpo, atravessa toda a trama social, agenciando produções de subjetividade.

Em seu artigo Agenciamentos tecnosemiológicos e produção de subjetividade: contribuição para o debate sobre a trans-formação do sujeito na saúde, Teixeira (2001), demonstra como a trans - formação dos sujeitos perpassa pelas produções de tecnologia em saúde e produção de subjetividade, ou seja, as técnicas não se encontram separadas objetivamente do sujeito, ambas se acoplam e compõem processos de existência. Dessa forma afirma-se que os diagnósticos e objetos técnicos não possuem aplicações assépticas e neutras.

Não se trata de fazer uso técnico-científico para encapar a realidade engrossando-a com saberes e modelos distanciados dos encontros e envolvimento do cotidiano. Uma vez que o cuidado, enquanto campo relacional permeia por todas as práticas de saúde (MERHY, 2002) é preciso sentir o que atravessa o momento presente e encontrar múltiplas formas para expressão e constituição de bem estar. Modos de desdobrar a realidade encarando os objetos técnicos e suas tecnologias como atores ativos nos processos sociais em que estão envolvidos (TEIXEIRA, 2001).

Entre as linhas mais ressaltadas do contemporâneo, percebe-se uma cultura de liquidez (BAUMAN, 2001) e instantaneidade, “cultura ocidental, centrada na ação e não na reflexão” (MATURANA; VARELA, 2002, p. 31). Esta lógica permeia os setores de saúde. As instituições de saúde disseminam ansiedade por uma lógica constante de urgência. Os procedimentos se atualizam entre esbarrões e automatismos distanciando cada vez mais a possibilidade de encontros e atenção à experiência de viver/adoecer do usuário.

Ao se debruçar na formação histórica dos saberes referentes aos modelos técnico-assistenciais, nota-se uma intensa produção de pesquisas que se restringem ao desenvolvimento de uma ciência com prevalência em bases biológicas (FRANCO;



MERHY, 2005). Uma ciência que esquadrinha a vida por meio de diversos saberes considerados herméticos e absolutos:

Mais ainda, a busca objetiva do problema biológico tem levado a que a ação do profissional esteja centrada nos procedimentos, esvaziada de interesse no outro, com escuta empobrecida. Assim, as ações de saúde têm perdido sua dimensão cuidadora e, apesar dos contínuos avanços científicos, elas têm perdido potência e eficácia. (MERHY; FEUERWERKER, 2009, p.30).

Temos, portanto uma lógica contundente na ordem mecânica, institucionalizadora e disciplinar, reproduzindo uma cultura médico-hospitalocêntrica e modelos reducionistas que hierarquizam as práticas em saúde por razões de privilegiar procedimentos especializados e instrumentais (MERHY, 1998).

Nos serviços de saúde, em meio aos olhares arregalados e costas tensas se constata angustia por partes dos profissionais que se veem reféns de saberes distantes dos poros. Dentre salas e corredores, o trabalhador dispõe de aparelhos e resquílios de um saber embrulhado por cursos de formação – parece que em algum beco esquecido murmurha a dimensão do com-tratar<sup>2</sup>.

É preciso, no entanto, ter em consideração que há um constante processo de linhas e nuances micropolíticas que perpassam a produção de subjetividade no cotidiano do trabalho em saúde.

Por micropolítica pode-se entender como novas e sutis formas de gestar o momento. Pelas bordas, fora do previsível. Um descentramento de algo bem estabelecido penetrando os suspiros do cotidiano. Este conceito descentraliza a ideia de analisar o poder em uma região muito específica e restrita do tecido social. Este conceito/ferramenta insinua potência de ação e constituição de novos territórios sociais e existências. É preciso trocas, corpos e povos (PAVLOVSKY, 2000). A micropolítica não se encontra em um determinado olhar, mas no brilho dos olhos.

---

<sup>2</sup> Neste vocábulo propõe-se uma síntese de sentidos entre *contrato* e *tratar com*.

Neste sentido, considerando a relação de cuidado enquanto um trabalho vivo e intenso de disposição ao outro. Torna-se relevantes tecnologias e aprendizagens que permeiem a condição de afetar e ser afetado.

Abordaremos a problemática, portanto, a partir de uma micropolítica do trabalho vivo em ato (MERHY, 1997), atentos a linhas flexíveis e de fuga frente a modelos existenciais sedentários. Trata-se de constituir diálogos com suaves ruídos, às vezes imperceptíveis que nos apresentam novos, porém tímidos, ritmos na dinâmica do trabalho. Vozes que tentam ser caladas todos os dias por certezas, mecanicismos e modelos hierárquicos. Dessa forma não se podem estipular *a priori* os sujeitos trabalhados - é preciso conhecer em relação, conhecer com.

O desafio nos lança para investigações em um território intempestivo, com terrenos ora viscosos, ora demasiados lisos, indefinidos. Uma pesquisa a espreita de atravessamentos e surpresas. Versa por vasculhar as ranhuras dos encontros, o que se produz a partir de marcas e mutações nos corpos que registram e corporeiam um conhecimento à flor da pele. Visto que no limite, as técnicas de saúde podem ser vistas como autênticas secreções do nosso corpo coletivo (TEIXEIRA; COSTA, 2000), que operam por raspagens, deslocamentos, passagens trilhadas por conexões, para produzir estados de bem viver (TEIXEIRA, 2001).

Tem-se, a partir de então, os modelos de atenção à saúde como cenário geral de imersão. A atenção à saúde segundo Paim (2008) pode ser considerada por dois panoramas que se inter cruzam e resultam nas práticas em saúde contingentes. Tais enfoques podem aparecer a) como resposta social aos problemas necessidades de saúde; b) como serviço compreendido no interior do processo de produção, distribuição e consumo.

Essas referências ao se colocarem em prática nos diversos níveis de atenção engendram uma multiplicidade complexa de forças, nas quais se arranjam um jogo de poderes e interesses referentes ao Estado, disciplinas especializadas, setores industriais, mercado, condições e estilos de vida entre outros (PAIM, 2008).

Vale salientar nesta passagem a dimensão política dos usos e modelos técnico-assistenciais que estão para além de atos isolados, ao contrário, participam de uma constante construção de mundo.

Este texto visa tratar especificamente do processo de produção de conhecimento, fruto dos serviços em saúde. Discorre com espaços que podem disparar narrativas, gestos, olhares, discursos e saberes, que de certa forma se enquadram e/ou subvertem os modelos tradicionais produzidos pelo sistema de atenção à saúde.

Nesse sentido, Merhy (2002) contribui ao elaborar conceitos que nos dizem de certa construção nos modos de saber/fazer referentes à produção do trabalho e cuidado em saúde. Para tanto, o autor elucida sobre as tecnologias do trabalho que se constituem nos elementos a serem utilizados como ferramentas ou instrumentos de labuta. Assim, a utilização e produção de sentido desses instrumentos deveriam ser compreendidas como um momento de operação de conhecimento no trabalho em saúde. Essa dimensão tecnológica permite responder às especificidades de cada demanda, reinventar a ciência médica e articular a demanda social com as possibilidades científicas (MERHY; FEUERWERKER, 2009).

Dessa forma, Merhy (2002) discorre sobre as tecnologias, tais como: tecnologias duras, leve - duras e leves:

Por tecnologia dura entende-se o manuseio de equipamentos e materiais concretos como equipamentos para tratamentos, instrumentos para exames e a organização de informações, em geral ferramentas com uma forma de operar sistemática e pré-definida produzidas por um trabalho anterior (MERHY, 2002).

A segunda tecnologia, leve - dura, é construída a partir de certos saberes bem definidos, estruturados e representados pelas disciplinas que operam em saúde, a exemplo da clínica médica, fisioterapêutica e epidemiológica... Trata-se de faculdades de pensamento elaboradas pelas formações em saúde. Essas faculdades são postas em tensionamento entre um raciocínio rígido modelado idealmente e uma perturbação disparada por uma demanda singular apresentada pelo usuário. O momento palpável de interação, entre profissional e usuário, logo

solicita a disposição de linhas mais flexíveis que permitam inventar saídas a fim de organizar o trabalho e a utilização dos aparelhos disponíveis para o projeto terapêutico. A medida de flexibilidade das linhas é variável de acordo com a postura do profissional que pode escolher manter um saber anterior ou se inclinar a uma escuta singular. É a partir deste terreno que os produtos da tecnologia dura ganham significados como atos de saúde (MERHY, 2002).

Como sequência temos a tecnologia leve podendo ser entendida como a produção de relações envolvidas no encontro trabalhador-usuário mediante a escuta, o interesse, a construção de vínculos (MERHY, 2002). Um exercício de disponibilidade e abertura para invenção de entradas comunicacionais e afetivas, além de um consentir (AGAMBEN, 2009), um engajamento mútuo ao redor do problema a ser enfrentado.

De acordo com a forma como se articulam os graus dessas tecnologias, configuram-se distintos modelos de atenção à saúde. Assim, discutir a tecnologia não é discutir sobre equipamento e nem modernização, apesar disso discute-se um proceder de determinados saberes e suas finalidades (MERHY, 1994).

Ao desnaturalizar tais tecnologias entendendo as mesmas como um processo de produção ético – estético – político, o desafio se enverga na direção de montar conceitos e dispositivos de conhecimento que possam colaborar na consolidação de trabalhos centrados em relações acolhedoras, capazes de produzir vínculos que atuem como produtores de um cuidado integral à saúde (FRANCO; MERHY, 2005).

O que, como e quando, uma política do conhecimento emergente de um jogo sensível entre corpos, coloca em funcionamento? Este texto ganha movimento ao problematizar esta questão.

É preciso criar uma conscientização crítica e analítica para sentir as forças que circulam o encontro e como este possibilita transformação de mundo. Investir nesta política relacional pode colaborar, também, com um processo de desalienação, pois a consistência de estratégias coletivas amplia a capacidade de análise e intervenção dos sujeitos implicados no processo (CAMPOS, 2000).

Afinal, processos de análises micropolíticas permitem examinar a medicina não como algo legítimo a ser fixado, mas os aspectos dos procedimentos de sujeição que se põe em prática (FOUCAULT, 1999).

Apresentamos então a proposta de intervir por práticas de um corpo sensível como uma possibilidade de interface entre as tecnologias leves e o conhecimento em saúde. Objetiva-se defender que o propósito de todo conhecimento encontra-se na sociedade, na existência e na *vida*. Conhecer, portanto, se dá no processo onde sujeitos convivem com outros segmentos de sua realidade. Ao conviver, ambos se transformam espontaneamente. A partir dos encontros os sujeitos passam por perturbações estruturais contingentes com a história do viver com o outro, produzindo assim uma forma de viver e conviver com a comunidade (MATURANA, 2009).

Percebe-se no serviço de saúde um constante encontro de corpos que lidam com uma complexidade de modos de vida. Exercitar uma política da cognição que se inventa a partir destes encontros abre espaço para produzir saberes e pesquisas em saúde que caminham junto com os sujeitos efetivando a saúde em suas dimensões individuais, coletivas e institucionais (MERHY, 2005).

Maturana e Varela (2002) oferecem subsídios para se pensar uma cognição autopoietica contradizendo o discurso científico hegemônico da verdade representacionista e formando um plano de consistência para flexibilização das linhas de cuidado. Dessa forma concebem a cognição como a própria vida e o fazer dos seres vivos, inauguram a seguinte proposição: Ser = Fazer = Conhecer.

A cognição autopoietica, descrita por Kastrup (1999) com base nos estudos dos autores acima citados, é fruto de intensas e infinitas interações entre corpos. Nesse sentido, o vivo e o meio provocam mútuas perturbações que engendram respostas criativas.

Nessa abordagem o organismo tanto inicia o ambiente quanto é modificado por ele. O organismo e o ambiente encontram-se emaranhados em determinações

recíprocas (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2003). Assim o conhecimento não preexiste em qualquer lugar, mas é atualizado por afecções peculiares, por exemplo, quando um sintoma é narrado, uma emoção é notada. Essas atitudes produzem estímulos e perturbações em todos os atores envolvidos.

As ideias de VARELA (2003) coadunam com as produções de conhecimento a partir de um corpo implicado. Ou seja, a partir do plano da experiência corporificada o sujeito ganha marcas que o constituem e inscrevem a cognição em seu corpo - é o que VARELA (2003) denomina de enação. Esse termo provém do inglês *enact*, no qual, quando usado, dá o sentido de atuar, fazer emergir, acionar. O conceito de enação traz para o nosso campo de estudo pressupostos do pensamento pragmático, ou seja, o conhecimento parte do colocar-se em ação, no qual o corpo inteiro participa do processo. Pois a cognição depende dos tipos de experiências que advém de um corpo provido de específicas capacidades sensório-motoras, sensível a estímulos e embutidas em um contexto biológico e cultural que, também, orientam a percepção e a ação (inseparáveis na cognição vivida).

Dessa forma o conhecimento se serve das diferentes experiências vividas em nosso corpo. Nossas histórias, nossa linguagem, nossas posturas corporais todo o contexto vivido é material indispensável para produção de uma consciência de mundo. Por conseguinte, ao considerar que o conhecimento se corporifica e se produz em mutua relação com o meio. Destaca-se que para estar a par e intervir nas necessidades de saúde é preciso experimentar uma relação íntima com o coletivo que nos envolve. Sempre nos contaminar com os infinitos elementos que participam de nossas vidas cotidianas.

Neste sentido, este trabalho discute a proposta de sensibilização do corpo como um investimento às linhas de cuidado. Na dinâmica do trabalho e formação em saúde é preciso cultivar um corpo como uma interface capaz de aprender a afetar e ser afetado, estar disponível na dinâmica do cuidado com estratégias para incorporar confiança e interesse. Este conjunto de corpos é o que nos interessa - corpos capazes de se transformar e explorar maneiras de se tornar mais sensíveis aos outros. (DESPRET, 2004)

O conhecimento se inaugura por encontros e jogos de corpos que se afetam e se alteram em diferentes velocidades. A cognição corporificada, inventiva, não se trata de uma categorização dos objetos, pois não se parte da representação de um "objeto preexistente". A cognição é aqui entendida como atividade criadora. Deixa de lado as regras e normas *a priori* e elimina distâncias entre o conteúdo a ser apreendido e o corpo. Conhecer, então, é diminuir distâncias, é aproximar, é tornar-se o que se aprende. A cognição transforma aquilo que toca e altera o ser do homem. De tal modo se há um encontro efetivo, neste encontro há um deslocamento estrutural decorrente do mesmo encontro (OURY, 2009).

Esta perspectiva inaugura formas de repensar a formação e práticas em saúde. Ao propor um trabalho afetivo com o corpo apostamos em mudanças estruturais que podem desencadear novas políticas de saúde garantindo cuidado com vida em seu maior nível de diferenciação e criatividade. Nesse sentido, espaços de pesquisa que provoquem atenção e reflexão à experiência fortalecem uma aposta na leveza das tecnologias se fazendo em ato como possibilidade de se envolver com seu presente, sua atualidade. Habitar um trabalho "se dando" (em ato), aconchega um momento marcado pela total possibilidade de agir. Ou seja, uma política de conhecimento facilitadora de encontros pode destituir territórios duros e construir o inominável, o intensivo, um momento de maximização das linhas flexíveis – favorecendo uma recomposição estética de corpos/objetos em uma usina de conhecimento infiltrada nos modelos de assistência vigentes.

Um aumento no coeficiente leve/relacional amplifica vozes de inconscientes que protestam e costumam ser silenciados por supostos saberes assépticos e olhares surdos, enviesados por uma clínica independente de sujeito e contexto onde os corpos se cruzam (CAMPOS, 1994).

Apostamos, portanto nos encontros. Momentos em que olhos se tocam, falas se conectam e novas suavidades surgem no ato de cuidar. Ao levantar os conhecimentos acadêmicos que marcam o trabalho em saúde, bem como exercitar conhecimentos sensíveis desenhados pela coreografia do contato, podemos demarcar um espaçamento radical no conceito de saúde, pois o mesmo passa a abranger uma objetividade com a espessura que tem a vida (MINAYO, 1992).

Neste trabalho ressalta-se, portanto o investimento em tecnologias que disponham de um corpo em movimento. Propõem-se pesquisas que instrumentalizem o sensível, a disposição de um corpo em movimento, corpo como um instrumento vivo, não apenas para ser investigado, mas para mover outros corpos, afetar e ser afetado – essa é a lógica do cuidado. Incorporar maneiras de se tornar mais sensível uns aos outros. Pesquisas que não se focalizem apenas ao o que é, mas ao que faz. Pontos de entrada que nos permitam explorar como os corpos podem ser movidos por interesses; como interesses podem ser incorporados e transformados em afetos e como estes afetos se inauguram nas práticas de saúde.

Provocar conhecimento em saúde na lógica do cuidado tenciona para outra postura em conhecer. O experimentador, longe de se manter em segundo plano, envolve-se: envolve seu corpo, envolve seu conhecimento, sua responsabilidade e seu futuro. A prática de saber se transforma numa prática de importar-se. (DESPRET, 2004)

Provocar uma atenção ao que se está conhecendo nos espaços abertos entre as tecnologias leves é potencializar a possibilidade de disseminar conhecimentos singulares e uma política de cuidado revolucionária. Conhecer em processo é montar canais de vínculo advindos do risco de se dispor ao estranhamento do outro e se conectar com as diferenças. Implicar-se na produção de conhecimentos com o trabalho em ato pode ser entendido como estratégia de cuidado, entendendo o cuidado como um constante deslocamento de si para produção de um si coletivo. A partir das referências citadas pode-se considerar a cognição inventiva no trabalho vivo em ato como frutos de respostas à vida.

Englobando por fim pensar, agir e sentir<sup>3</sup> em saúde – sustenta-se que aplicar conhecimento em saúde coletiva é cultivar encontros.

---

<sup>3</sup> A partir da inspiração das obras de Mario Testa **Pensar em saúde**. Porto Alegre, Artes Médicas/Abrasco., 1992 e de Emerson E. Merhy e Rosana T. Onocko **Agir em Saúde: um desafio para o público**. São Paulo: Hucitec, 1997, propõe-se incluir uma dimensão sinestésica nas práticas em saúde – **Sentir em saúde**.



### 3 A POROSIDADE DO CORPO, RASPAGEM E MOVIMENTO: UMA INTERVENÇÃO COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Sou eu  
que  
me terei refeito eu mesmo  
inteiramente  
por mim que sou um corpo  
que não tenho em mim regiões.  
(Artaud)

Ao nos debruçarmos sobre a história das doenças infecciosas e suas fases percebemos uma hegemonia no treinamento do olhar no intuito de identificar e localizar os agentes causadores dos males. É o que podemos inferir a partir da leitura de autores clássicos de tratados brasileiros da infectologia tais como Amato Neto (1989) e Focaccia e Veronesi (2006).

A abordagem destes tratados é marcada por uma lógica de causalidades, que se complexificam, porém mantém as práticas em saúde em tratamentos unidirecionais. A doença atinge um grau elevado de objetividade, com um olhar bem treinado torna-se possível revelar o que acomete os corpos com imagens específicas e dissociadas dos sujeitos, seja uma lesão, um corpo estranho ou posteriormente uma desregulação química e/ou genética.

Segundo Breton (2011a) o advento da medicina caminha junto com a individualização do homem moderno. Em um rompimento entre homens e o cosmos, o homem adquire uma pele que o separa dos outros e o aprisiona em si mesmo. Enquanto marcamos espaços de individualizações em nossos corpos tais como digitais, sistema do tipo sanguíneo, DNA, entre outros, vidas comunitárias não distinguem a diferença entre um corpo e elementos coletivos. Nessas comunidades ter um corpo se fundia com os fenômenos naturais, ou seja, o cabelo não se diferencia da raiz das árvores, um membro do corpo é o mesmo que um membro da família (BRETON, 2011b).

O corpo moderno passa por rompimentos do homem consigo mesmo, ou seja, seus órgãos e funções respondem a padrões pré-estabelecidos e normalizados, o corpo é um objeto cindido e seu “interior” fragmentado e interrogado cientificamente de maneira específica.

Conforme Merhy (1998) este modelo ganha voz nos serviços atuais de saúde e paradoxalmente se monta uma crise entre infindáveis avanços científicos - tanto em termos de conhecimentos, quanto de soluções -, em torno dos problemas que afetam a saúde das pessoas e das comunidades, e a existência de serviços altamente equipados para suas intervenções.

Frente a este cenário constata-se que os serviços de saúde públicos, filantrópicos ou privados, com raras exceções, estão inadequados para resolverem os problemas de saúde dos usuários, tanto no plano individual, quanto coletivo.

Por parte dos usuários, podemos dizer que, em geral, estes reclamam não da falta de conhecimento tecnológico no seu atendimento, mas sim da falta de interesse e de responsabilização dos diferentes serviços em torno de si e do seu problema. Os usuários, em geral, sentem-se inseguros, desinformados, desamparados, desprotegidos, desrespeitados e desprezados (MERHY, 1998).

Ao retomar o corpo inventado pelas ciências médicas com prevalência em modelos anatomofisiológicos, percebe-se que as ferramentas construídas para intervir e tratar deste corpo são frutos de um intenso treinamento do olhar, um sentido que por excelência é um sentido à distância, observa e enrijece limites, preserva objetivação. Tal produção corrobora com estas queixas dos usuários.

Neste sentido, Paim (2008), nos alerta para a necessidade de reconceitualização do objeto das práticas de saúde coletiva e a reflexão sobre o conceito de saúde, impondo redefinições na formação básica desses profissionais. Seguindo sua análise o autor supracitado menciona a urgência na criação de novas estratégias que superem o “modo escolar” e a hegemonia individualista de encarar a saúde.

Novas abordagens formativas devem instrumentalizar o sujeito para o atendimento das coletividades. Neste caminho, tal pesquisa buscou conhecer novas apostas que podem ser aliadas na formação de um profissional em saúde coletiva.

Bondia (2002) mostra como a configuração contemporânea engendra na capacidade de sabermos sobre nossa experiência. Tais reflexões são relevantes nesta pesquisa no que diz respeito a atenção às práticas cotidianas no trabalho em saúde.

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDIA, 2002. p.21). A cada dia um turbilhão de estímulos nos atravessa, o olhar (não a troca de olhares) são testemunhas de como nossos sentidos são entupidos por informações a serem consumidas, quase nunca trocadas, trabalhar para consumir. Não há lugar de passagem, o trânsito parece teleguiado e os corpos seguros de onde querem chegar. Devido ao fim parecer ser conhecido (ou prometido) não há razões para se dis-trair, deve-se chegar logo é preciso ir sempre mais rápido.

Para nós, a busca da opinião, bem como a informação, converteu-se em um imperativo a ser realizado, sempre e muito, enquanto isso o som ao redor silencia e nada acontece.

Ou seja, Bondia (2002) nos mostra como o excesso das informações, a velocidade, a opinião, falta de tempo e o excesso de trabalho contribuem para a ausência de subsídios em que se aprenda sobre a própria experiência.

Por isso esta pesquisa vislumbra criar estados de parada, deixar os movimentos mais densos e próximos, atentar para suas intenções, direções, escutar os rangidos dos gestos e quais palavras eles criam para delas se inventar novos mundos. Quer dizer, lutar contra um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação sobre a saúde, um sujeito incapaz de experiência.

Merhy (1997) demonstra como o dia a dia se atualiza como uma máquina permanente de produção de subjetividades, modos de sentir, representar e vivenciar a realidade. Ao que tange uma atenção à experiência de um trabalho em saúde vivo

e em ato, que apostamos residir a possibilidade de micro reformas em saúde. Aprender sobre a experiência de um corpo em movimento pode ser uma forma de se perceber fazendo saúde e refletir sobre esse processo.

Retomando ao serviço de saúde marcado por um olhar que categoriza e observa à distância... E quando se encontra um corpo vivo e a doença não é apenas uma imagem? E quando alguém encontra uma demanda, quase apelo, ao outro por necessidade de cuidado e uma experiência latente começa a pulsar para novas relações que a doença convoca?

Ao considerar a dimensão porosa do corpo, considera-se, então, o corpo enquanto uma substância capaz de afetar e ser afetada, um território de perturbações e impulsos que, em constante movimento, desenha organizações, modos de funcionamento, modos de agir, sentir e estar no mundo.

Tem-se o corpo como efeito das composições e decomposições provocadas nos encontros, dando textura a cada experiência. O corpo expressa a força de fantasmas inconscientes, instituições, tradições culturais, opressões familiares e políticas, tecendo um campo de registros que penetram e se apropriam dos gestos, impondo-lhes sentido.

O corpo tem a potência de se contrair e expandir, provocando fechamento e abertura às trocas de experiências. O corpo se apresenta como um campo de batalha, com marcas de lutas históricas, e pulsa em sua instância criadora. No ato de cuidar não haverá intenção de remontar os fluxos tomados pelos sujeitos, ou de remontar a sua vida como um ato histórico. O desafio é tornar visível caminhos que partem do pressuposto de que a vida é inseparável do corpo que adoeceu - não segue um fluxo ordenado, mas faz conexão com o que se permite passar pelos poros.

Segundo Merhy (2002) para compreender os modelos tecnológicos e assistenciais é preciso ver a atualização da tecnologia leve e sua relação com outras, para tanto é preciso criar espaços em que um corpo se expresse enquanto campo de conexões e contágios.

Dessa forma o corpo pode ser pensado como dispositivo. Em outras palavras, é a invenção e reencantamento de um objeto concreto à luz da ciência biomédica clássica e que, por meio de práticas, sejam elas discursivas ou expressivas, dão consistência a outras forças que circulavam no ambiente, para além das formas e direcionamentos de nossos modos de conhecê-lo. O corpo como dispositivo pode dar visibilidade aos seus usos e criar estratégias que multiplicam as linhas de cuidado.

A utilização do mesmo como dispositivo implica em experiências de raspagens. A raspagem consiste em uma desobstrução dos corpos cheios de registros e controles, ativando campos de passagens, diferenciação e movimento. Ou seja, a liberação das reações automáticas, movimentos estereotipados e condicionamentos orgânicos fabricados por instituições. Ao lado das tecnologias disciplinares sobre o corpo – busca-se habitar o lugar da desconstrução do organismo produzido por essas disciplinas (QUILICI, 2004).

Não é apenas nas grandes crises, na doença e na morte, que o corpo se instabiliza. Produzir momentos de instabilidade enquanto práticas de si permite um aguçamento da percepção. A apreensão dos movimentos microscópicos dos estados físicos podem deixar pistas por novos modos de apreensão do corpo.

A experiência da raspagem e produção de um movimento de recomposição do corpo permite experimentar um estado de presença – caber na própria pele sem medo dos inconscientes que nela habitam e protestam. A raspagem enquanto proposição clínica permite a experiência de um corpo humano que se mistura e metamorfoseia no corpo da terra e no corpo do cosmos.

Através desta geografia afetiva a figura do sujeito individualizado se dissolve, abrindo espaço para corporificar e atender demandas das coletividades. Neste trabalho de desfiguração pressente-se o ensaio de um novo corpo, permeável, às forças naturais, perdido no rastro dos arrepios, vivendo a integração antes impensável entre sujeito e objeto.

Nesse sentido a porosidade do corpo não se apresenta como um conceito, mas um conjunto de práticas a serem cartografadas, destinadas à dissolução de organismos feita por mapas doutrináveis que se encerram em leituras e representações.

Trata-se de pensar e criar práticas experimentais, com prudência e ousadia bem dosadas, que permitam desfazer automatismos e produzir um corpo poroso a outros corpos que nos circulam por contatos, fluxos e intensidades.

É nessa proximidade, nesses limites territoriais que a saúde experimenta outras dimensões do real, implicando seus atores a assumir uma nova atitude diante a existência.

Dessa forma funcionaria tais clínicas como um aliadas na tentativa de se inventar um diagnóstico sensível que vai se somar a outros diagnósticos afetivos e sensoriais.

Por drama a um corpo que não aguenta mais a invasão biotecnológica e despedir-se do absoluto. Um treinamento dos poros - corpo de combinações e a espreita. Criar campos imanentes, consistentes e atentos a produção de comum – dar voz a inconscientes que circulam à flor da pele. Retomar o corpo na sua dor e no encontro com a multidão da exterioridade, condição de corpo afetado. Ampliar a capacidade de acontecer e celebrar as surpresas do cuidado.

É nesse território que se produzem os encontros e a possibilidade de uma construção negociada afetivamente, pois aí é que se evidencia a autonomia frente algumas posições de domínio que se fazem valer nos serviço em saúde. Por isso, o cuidado é a referência dos serviços de saúde e a estratégia radical para defesa da vida. (MERHY; FEUERWECKER; GOMES, 2010).

Por isso pensar em uma clínica derivada do clinamen: desvio inventivo originado da queda e encontro dos átomos, material de estudo dos atomistas, epicureos e os estoicos (BAREMBLITT, 2010).

Agenciar um encontro dançante entre corpo, cuidado e clínica inventa uma coreografia sempre em deriva capaz de produzir vínculos e relações acolhedoras ao som de diversas ações integrais à saúde.

#### **4 OBJETIVO**

Este estudo buscou acompanhar e compreender como as tecnologias relacionais se corporificam a partir da utilização de grupos de movimentos corporais.



## 5 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

### 5.1 Método, escolhas e dispositivos

Este momento do texto irá explanar a respeito das escolhas metodológicas aliadas no decorrer da pesquisa. Em seguida serão discorridas como se deram as intervenções de campo. Ao entender que o cuidado participa com maior intensidade no plano das tecnologias leves, no âmbito do fazer-sentir, ao contrário do observar-constatar, esta pesquisa não deve estar refém de objetivos pré-estabelecidos, mas implicada em acompanhar processos. (POZZANA; KASTRUP, 2010)

Tratamos de criar condições para dar consistência a intervenções que tem por propósito mergulhar na experiência em ato e de suas propriedades de liberdade construir um fazer/conhecer que dê expressão e força às experiências vividas em grupo. Diante de pesquisas cujos métodos estão bastante estruturados, propomos assumir escolhas e riscos de uma inversão metodológica costumeiramente evitada. Trata-se de criar condições para a invenção de outros possíveis, um método que se coloca em experiência no fazer e colhe os efeitos do processo de pesquisar. Intervir e gerar resultados para além das reproduções e realidades etiquetadas por tabelas.

Seria preciso opor dois tipos de ciências, ou de procedimentos científicos: um que consiste em "reproduzir", o outro que consiste em "seguir". (...). Reproduzir implica a permanência de um ponto de vista fixo, exterior ao reproduzido: ver fluir, estando na margem. Mas seguir é coisa diferente do ideal de reprodução. Não melhor, porém outra coisa. Somos de fato forçados a seguir quando estamos à procura das "singularidades" de uma matéria (...) (DELEUZE; GUATARRI, 1997. p. 39-40).

O percurso exploratório deste estudo seguiu, portanto, um caráter de pesquisa intervenção com inspirações cartográficas. A respeito de tal metodologia, delinearemos brevemente algumas considerações. A pesquisa intervenção faz parte

de um paradigma epistemológico, como aponta Boaventura Santos (2000). Pesquisar não teria uma como pilar central o controle e a neutralidade, mas a contemplação das múltiplas relações que o objeto pode engendrar na criação de realidades.

A incerteza do conhecimento, que a ciência moderna sempre viu como limitação técnica destinada a sucessivas superações, transforma-se na chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado tem de ser contemplado (SANTOS, 2000, p.54).

O conhecimento se faz para além de interpretações, a pesquisa se faz falar pelos encontros e rupturas decorrentes do processo. Apostamos em uma construção coletiva de realidade, um saber participativo e operador de mudanças na micropolítica do cotidiano.

Para tanto, optamos por uma pesquisa intervenção com inspirações cartográficas. De acordo com Passos; Kastrup; Escóssia (2010) e Rolnik (2006), a cartografia como método não pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador de modo prescritivo. Há uma inseparabilidade entre conhecer e fazer, intervir e pesquisar. Considera-se que sujeito, objeto e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar. Tal processo de coemergência se dá pelos agenciamentos instalados na experiência enquanto campo intensivo da produção de realidades.

O método desta pesquisa põe este conceito em sua radicalidade ao ativar corpos em movimento, alimentando desassossegos e perturbações. Movimentos que trabalham na quebra de formas instituídas para dar expressão aos processos de institucionalização e geradores de um conhecimento sensível. Um conhecimento implicado no plano concreto da experiência (PASSOS, BARROS, 2010). O pesquisador provoca e captura tudo aquilo que não é, mas poderia ter sido.

Entende-se que o cuidado só se efetiva quando cria conhecimento, não impõe formulações. Para tanto é preciso fazer escolhas por inversões metodológicas, pois qualquer critério de validação dado *a priori*, não é capaz de construir conhecimento, no máximo se atribui valores de certo/errado, se julga. Não é preciso conhecer para julgar e reproduzir. Não é possível preparar o conhecimento e torná-lo possível

(DELEUZE, 2002). Este deve ser cultivado com os jogos de corpos e suas marcas, uma escolha ética pelo conhecimento.

No entanto, tradicionalmente os estudos científicos têm utilizado dispositivos na perspectiva do controle experimental. Nesse sentido o objeto se vê cercado por todos os lados por dispositivos de mensuração, controle e descrição. Há um gasto rigoroso de energia e tempo para corresponder a essas expectativas (DESPRET, 2011). Não há condições para espaços de diálogo e transformação entre pesquisador e objeto. Cria-se um olhar fixado no material de validações e não no contato com o campo.

Nesse contexto corpos que pulsam tendem a se fixar em dados congelados com funções universais. Por tal desafio, encontros são constantemente desejados nesta pesquisa.

Despret (2011) discorre sobre pesquisas em que os dispositivos disponibilizados nos experimentos participam com os sujeitos. Ou seja, há espaço para se narrar sobre a experiência. Ao incluir as posições e opiniões dos sujeitos nas pesquisas, as mesmas se enchem de histórias, riquezas, complexidades e vida.

Cabe, portanto, na proposta deste trabalho permitir que os dispositivos experimentais toquem e com isso ganhem expressão. Tal participação permite devolver o corpo às pesquisas e a emoção ao pensamento, colabora para uma política emancipatória de cuidado fruto de disposições que cultivamos em grupo.

A partir do compromisso com a participação dos sujeitos, seus relatos não se distanciam do processo, ao contrário. Para além de análises decalcadas que excluem a dinâmica dos sujeitos nas cenas experimentais, suas narrativas irão compor os relatórios por entre a construção dos movimentos. Os relatos dos sujeitos funcionam como ferramentas que abrem passagens e encontram brechas para uma escrita em conjunto. Retalhos costurados que pintam os afetos emergentes.

Conhecer o caminho de constituição de uma política de cuidado equivale a caminhar com ela, constituir o caminho, constituir-se no caminho. “Este é o caminho da pesquisa – intervenção” (PASSOS, BARROS, 2010. p. 31).

Para além de interpretações, esta manobra metodológica permite por em discussão a relação do corpo com suas mobilizações. Treinar modos de expressão coletivos de um corpo atravessado por questões institucionais e científicas e que ganha mais corpo ao descrever o que lhes é proposto: como é ser afetado por uma experiência. Buscamos por dispositivos que não fracionassem corpo – consciência; interior – exterior, mas que se voltassem para a experiência e seus rastros de cuidado. Para tanto delinearemos os dispositivos escolhidos sendo eles: corpo, fotografia, grupo e formação.

## 5.2 Dispositivo corpo

É precisamente a perda da carne do mundo que força o ator a se inclinar sobre o corpo para dar carne à existência.  
(Le Breton)

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem que busca compreender os significados e sentidos marcados nos corpos. Como estes se atualizam no trabalho em saúde. Além disso, pretendeu-se cartografar como esses corpos em relação podem inventar novas formas de cuidado frente às pressões do cotidiano.

Assim os métodos escolhidos se engendram com o estudo da história, das relações, das opiniões e técnicas que os humanos utilizam para construir seus artefatos e a si mesmos (MINAYO, 2007).

Este momento do texto se coloca na discussão da escolha pelo dispositivo corpo a partir de seu conceito no intuito de levantar ferramentas conceituais que dialoguem com as práticas de cuidado em saúde.

Esta proposta pretende transcorrer pelos conceitos de cuidado e corpo que foram manejados no decorrer da pesquisa. Visamos por meio de uma pesquisa intervenção produzir proposições articuladas

Proposições articuladas remete a escolha de não trabalhar com *afirmações* que são verdadeiras ou falsas, mas com a produção de realidades a partir de articulações. Ao romper com a validação de verdade como julgamento de valores fixados - o conhecimento funciona como um processo de composição – na aprendizagem o papel dos métodos e dispositivos é conduzir ligações com novos sensíveis. Se envolver em um estudo consiste em aprender a ser afetado e recolher a qualidade das diferenças formadas pelas conexões que antes não podiam ser registradas. Ao se abrir para novos campos sensíveis a proposição parte da manufatura de afetos em sentidos. A ciência é um espaço de produção de comum por meio do que foi singularizado no sentir não uma imposição de valores e parâmetros (LATOUR, 1999).

Tais proposições balizaram a montagem de uma clínica dos poros. A intenção deste trabalho foi produzir ferramentas conceituais que pudessem, em ato, atualizar práticas de cuidado a partir de um paradigma estético.

Por paradigma estético (GUATTARI, 1992) entende-se, colocar em evidência o que há de criativo que perpassa as tecnociências, filosofias e artes. Em outras palavras, trata-se de transitar por diversos campos de saber e se atentar a suas possibilidades de desdobramento, no sentido de aquilo que vem abalar suas estruturas invariantes e aumentar seu grau de comunicação. A intensificação destes abalos convoca a criar novas figuras que venham dar corpo e sentido para as diferenças que surgem.

Tal potência criativa das diferenças quando evidenciadas e operadas no paradigma estético, anunciam uma transformação irreversível em nossos modos de produzir subjetividades<sup>4</sup>. Desenvolvem – se assim subjetividades que não se submetem a um universo de valores engessados, mas modos de existir enriquecido com múltiplas formas de expressão e contato, uma intuição que garante e defende a vida em seu caráter de diferenciação, múltiplo e fecundo. Considerando esta discussão, incluir neste projeto o paradigma estético posiciona o corpo não como um objeto, mas como um território de invenção.

Portanto a escolha de abarcar o paradigma estético implica-se na proposição de que para operar novas realidades com relações éticas e científicas - é preciso partir, coletivamente, de uma recomposição estética do próprio corpo.

Neste sentido, segundo Latour (1999) a questão do corpo depende da definição do que é ciência. O autor nos alerta de que se a ciência dispuser apenas de seus próprios dispositivos para definir por si aquilo de que é feito o corpo, sem mais diálogos, articulações e atravessamentos, será impossível defender outras versões

---

<sup>4</sup>A ideia de subjetividade não é considerada como algo apenas pessoal, interno ou indivisível. O plano subjetivo se configura também por instâncias coletivas e institucionais que se emaranham de maneira plural e polifônica em nossas práticas cotidianas por meio dos modos de produção econômicos, genéticos, históricos, industriais, políticos e discursivos. Criam-se assim territórios existenciais, que de forma singular, acoplam-se com as forças, gerando uma multiplicidade de movimentos, nos quais, ao mesmo tempo, modificam e são modificados por tais aparelhos. (GUATTARI, 1992)

do que é um corpo, congelando-o numa figura morta, sem passagem para perturbações, metamorfoses e experiências.

Uma categorização fixa de corpo não abre brechas para novos conceitos de cuidado que deem conta da singularidade do cotidiano de trabalho em saúde (MERHY, 2002). Um corpo que não suporta mais invasões tecnocientíficas (COUY, 2009) e se esvazia de força ativa para sustentar com autonomia o mal estar e as novas relações que a doença inaugura.

A existência cotidiana esbarra em uma ciência que já tem pré-determinada sua condição e possibilidade de saúde. Corpos se debatem na tentativa de encontrar alguma vazão para canais de cuidado, mas se conduzem a um corpo formatado por uma ciência que busca o interior desvelado e condenado a doenças atuais ou virtuais com seus fatores de risco (GIL, 1997).

Pelas ruas não para de chegar o barulho ensurdecedor dos genes ao lado do sussurro dos sujeitos. As descobertas científicas se baseiam em controle e desapropriação – tratamentos, por si mesmos, que demandam corpos específicos e homogêneos (CECCIM; MERHY, 2013).

Reestruturar a noção de corpo é também reestruturar sua relação com o serviço de saúde. Em qual concepção de corpo se miram as atuais tecnologias em saúde? Quais forças estão em jogo nas rotinas desses corpos? Como experimentar outros diálogos para potencializar e garantir movimentos que deem forma e suporte na invenção dos corpos?

Estes questionamentos se abrem para linhas de análise que ao contrario de encerrar a discussão, constantemente nos provocam a sentir o que pode um corpo (SPINOZA, 2010).

A partir desta provocação, adotar o corpo como modelo intenta habitar um território intempestivo, que acima de tudo nos surpreende, para além de racionalizações. Conforme aponta Deleuze (2002) o corpo ultrapassa o conhecimento que temos dele, buscar as potências de um corpo está para além da consciência que temos

dele. Ou seja, o corpo sempre escapa às tentativas de determinações ou categorizações, pois as mensurações e postulações cravadas nele, em sua natureza apenas recolhem os efeitos, mas ignoram as causas. A ordem das causas define-se por cada relação característica que constitui cada corpo, sendo o pensamento uma composição de *efeitos* formados pelo encontro entre os corpos.

Por sua organização pulsátil e clausuras operacionais que se autoproduzem por meio de acoplamentos (MATURANA; VARELA, 1997) podemos procurar definir o corpo como uma interface capaz de afetar e ser afetado. Um corpo que se torna mais evidente quando aprende a ser afetado por muitos elementos.

A partir deste modelo não faz sentido definir o corpo diretamente, só faz sentido sensibilizá-lo para o que são estes outros elementos entendendo que um inconsciente do pensamento, não é menos profundo que o desconhecido do corpo (DELEUZE, 2002).

Breton (2011b) faz uma chamada para que não se esqueça dos paradoxos e efemeridades do corpo, quando este é o fio condutor das pesquisas.

Dessa forma, ampliar o conceito de corpo permite deslocar nossa atenção para a sutileza e aprimoramento dos seus gestos nas atividades em saúde. Ou seja, a aventura de empreender e desprender um novo corpo a cada encontro, compreender o ato de cuidar como uma retomada à sinestesia do corpo.

Segundo Breton (2011b) o corpo, lugar de contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes - problemática coerente e até inevitável numa sociedade individualista.

Esta problematização inaugura um campo de análise que transversaliza as instituições, que insistem em esquadrihar os corpos por meios de arranjos de poder (FOUCAULT, 2004). Analisar esses investimentos de poder convergindo no corpo abre uma janela para discussão de seus efeitos sobre o cuidado em saúde.



Considerar outros elementos que participem da formação de um corpo permite pensá-lo como plano onde se agenciam forças que o hierarquizam, segmentam e tendemos a naturalizá-las. No entanto, também dispomos de constituição de comuns e suas múltiplas formas de se corporalizar (NEGRI, 2005).

É nesta perspectiva que o construto *cuidado de si* é definido, referindo-se às ocupações e técnicas corporais que ativam construção, manutenção e transformação de si. O cuidado opera como uma categoria que mais expressivamente consegue nos colocar em sintonia com esse plano de fluxos e forças, sem começo nem fim, no qual o ser do humano resulta de sua ocupação de si como resultado de si (AYRES, 2004).

Ao analisar as práticas e tecnologias de cuidado, denominadas como *cuidado de si*, Foucault (2002) consegue cartografar o cuidado como expressão de formas de vida da civilização ocidental.

Ainda segundo Foucault (2004), com o advento do século XIX, o corpo passa a ser um objeto protegido e conservado por métodos de assepsia. O nascimento da medicina social acaba legitimando certo monopólio nas tecnologias de cuidado. Essas práticas eram hegemonicamente formuladas por médicos com um caráter imperativo. Este jogo de poder segue se desenvolvendo a revelia de outras práticas que foram surgindo tais como a abordagem flexneriana.

Nesse contexto, segundo Ayres, 2004, presenciamos o surgimento de uma série de novos discursos no campo da saúde coletiva, tais como a promoção da saúde, vigilância da saúde, saúde da família, redução de vulnerabilidade, entre outros. Contudo, uma efetiva consolidação dessas propostas tenciona por transformações bastante radicais no nosso modo de saber e agir em saúde, especialmente no que diz respeito às suas caixas de ferramentas conceituais (MERHY, 2002).

É na condição de uma desmontagem teórica, com vistas a contribuir para a reconstrução em curso nas práticas de saúde que se coloca em análise a perspectiva do cuidado e suas interfaces na produção de uma presença ativa à presença do outro.

Por habitar esse campo relacional, o cuidado se qualifica por um conhecimento que não cria produtos, não gera procedimentos metódicos, não cria generalizações, posto que só cabe na gestão do momento. Mais que tratar de um objeto, a intervenção técnica se articula verdadeiramente com um cuidar quando o sentido da intervenção passa a ser não apenas o alcance de um estado de saúde idealizado, nem se reduz à aplicação mecânica das tecnologias para alcançar este estado.

O direcionamento do cuidar opera no campo da micropolítica no exame da relação entre as nuances afetivas do encontro. Em seu sentido prático trata-se de suportar um diálogo mais interessado possível com problemas complexos, que se referem ao modo de viver, sofrer, adoecer e morrer da população.

Reencontrar com essas proposições do cuidado permite um resgate da potência da arte nas tecnociências em saúde uma vez que se propõe um cuidado como fortalecimento do processo de autopoiese.

A dimensão do cuidado caminha com desestruturas - implica em mutações corporais tanto dos profissionais quanto dos usuários para compor vínculo e direção emancipatória (PIRES, 2005). Instaure-se no jogo de corpos a principal ferramenta disponível para efetivar este vínculo.

O estudo que se desejou produzir, caminhadas na busca por possibilidades de um corpo-trabalho poroso. Ou seja, corpos sensíveis e atentos aos encontros, corpos que possam considerar o diálogo por meio de suas diversas formas de comunicação, corpos que se apresentam abertos ao acolhimento, levando em conta os saberes, as crenças, as expectativas e as necessidades dos usuários.

Trata-se de um posicionamento de luta para que as políticas públicas se efetivem por meio de *corpos públicos*: implicados politicamente com um compromisso coletivo de construção de mundo; *corpos éticos*: trazendo nas relações uma atitude de acolher a diferença; e *corpos estéticos*: comprometidos a experimentações e atentos a um regime de afetos, para que nos diversos encontros do cotidiano, novas

coreografias possam ser geradas na invenção de ofertas que potencializem a atenção em saúde para a população.

### 5.3 Dispositivo grupo

A escolha de se trabalhar com um grupo se dá pela aposta de não estruturar a pesquisa com individualidades que consideram o indivíduo como algo indivisível e impenetrável. Ao contrário, o grupo passa a ser um modo grupo (BARROS, 2007) que se compõe como máquina. Uma máquina repleta de conexões que se aproximam e se afastam decompondo forças e produzindo acontecimentos que disparam a multiplicidade de subjetivações. O estar junto com o outro, que é diferente, permite a conexão não a uma unidade, mas a processualidades. Este encontro dispara movimentos inesperados porque é o desconhecido, ou seja, o não determinado, que percorre sua superfície.

Neste sentido, a mudança ocorrida no grupo não pode ser apenas quantificada, ela pode também, ser qualificada a partir de encontros. Trata-se de um processo e evolução que, articulados a uma conscientização ético-política dos sujeitos envolvidos propicia uma reconstrução dos sentidos atribuídos às práticas em saúde e uma afirmação de contínuas reflexões sobre si.

Por acreditar em um grupo com expressão de algo coletivo e múltiplo, desfragmentador de personalidades e modos indivíduo, é que apostamos no grupo como um disparador de multidão. (NEGRI, 2004)

A experiência de multidão é uma experiência poética. Tudo o que nos cerca vibra, provoca e ginga. O movimento constante dos corpos não se rende ao que se encontra instituído. Por este motivo dissertamos sobre sua potência poética, pois a multidão está sempre em vias de gestar novas formas de trabalho, agir e viver. Esta potência canta a partir de um poderoso grau de agenciamento maquínico.

A concepção de máquina neste texto se trata, segundo Guattari (1992) de montagens suscetíveis entre elementos materiais e energéticos, semióticos, sociais, cognitivos, desejantes e abstratos. Ou seja, um constante remanejamento de elementos diversos que se atravessam e se conectam sem relações necessariamente causais. Este movimento heterocíclico garante uma potência

autopoiética à máquina, fazendo com que ela escape a estruturas generalizantes, diferenciando-a e dando seu valor (GUATARRI, 1992).

Conforme nos aponta Negri (2004) multidão é um conceito de potência - a partir da análise das cooperações percebe-se que as singularidades transbordam, ou seja, as forças que participam deste processo ultrapassam a ordem de objetos estanques, participam de uma transição inovadora, retiram a inercia da realidade introduzindo polifonias às subjetividades, expandindo nosso repertório sensível.

Para além da expansão essa máquina deseja se corporificar. As experiências deflagradas a partir das vivências em multidão se corporificam e assim realizam sua existência, neste sentido analisar a dinâmica relacional dos corpos que aparecem torna-se relevante para compreender e agir frente a lógicas de exploração e contenção. Nesta rede, sempre em relações produtivas, o lugar da exploração encontra-se na captura das singularidades que cooperam entre si enquanto agenciam a transformação do real. A dinâmica da exploração aborda nossos corpos interpelando cada conexão e contágio na perspectiva de registrar, controlar e capturar o que se produz. Esta forma de controle revela um jogo de poder que visa enquadrar e dar utilidade normativa e valorativa a uma experiência incomensurável (NEGRI, 2004).

No entanto, outras vozes nomeiam a multidão. O sussurro dos objetos ganha consistência no borbulho dos encontros, o que é vivido deve caber na fala dos sujeitos que experimentam e não em representações de códigos estabelecidos anteriormente por supostos saberes de verdade (transcendentes), trata-se de viver singularidades.

Um corpo, no coletivo, se põe ao avesso e se alimenta de contornos. A multidão degusta acontecimentos. Visto de cima a multidão pode parecer uma soma de partes, porém a distância de quem observa e tenta objetivar não nos interessa. Não se trata de observações descritivas sobre um corpo deslocado - o diálogo se dá a partir de corpos acoplados e atentos. Não é de cima que chega o convite, a multidão enquanto conceito nos implica a pensarmos sua atualização na imanência. Um

plano de atravessamentos inclusivos, tudo que toca se articula com o que está em processo, o real se encontra encharcado de possibilidades em imanência.

No plano da imanência não há estrangeiros, normas ou erros. A realidade opera a partir de uma intensa força conectiva entre os fluxos e desejos.

A multiplicidade da multidão se atualiza pela diferença, ou seja, estalos entre esse jogo de composição e contato. Neste sentido devemos pensar a diferença para além de uma comparação entre o estado das coisas. A comparação requer imobilidade dos elementos, por não existir categorias hierarquizadas o conceito de diferença ganha uma dimensão inventiva “potências do salto, do intervalo, do intensivo ou do instante, e que só preenchem a diferença com o diferente” (DELEUZE, 2006, p. 210). Uma constante diferenciação de si, devir outro. A diferença que não se compara com nada porque esta sempre em processo, filha do atrito. Corpos que colidem, questionam e indagam com os sentidos lógicos e formais. Nada consegue permanecer imune - encontram-se espaços para resistir.

Do ponto de vista do poder, o que fazer da multidão? Efetivamente, não tem nada que o poder possa realmente fazer dela, já que as categorias que interessam ao poder - a unidade do sujeito (povo), a forma de sua composição (contrato entre os indivíduos) e o regime de governo (monarquia, aristocracia e democracia, em forma isolada ou combinada) - foram postas de lado.  
(NEGRI, 2004, p. 18)

Potência criativa das massas, contágio de gestos, relações entre multiplicidades que corporificam modos de expressar e produzir mundos.

Ao que tange o plano de políticas e programas de Saúde Pública no Brasil, muito têm se estimulado para a troca de saberes entre profissionais, o trabalho em equipe e o diálogo entre gestores, trabalhadores, usuários e familiares que constituem os sistemas de saúde, por considerarem que estes são aspectos indispensáveis ao processo de consolidação do SUS. (ESCOSSIA, 2012). Cria-se um consenso sobre a efetivação de espaços coletivos para discutir as práticas cotidianas.

Considerando as proposições de singularidade, cooperação e movimento ativo que compõem o conceito de multidão, pode-se utilizar como ferramenta aliada no

transcorrer da pesquisa, uma vez que se passa a entender saúde como uma atenção aos modos de vida em toda sua diferença.

Por sua transversalidade, a multidão não precisa adoecer a vida para encontrar formas intervenção – uma vida não esquadrinhada, ela respira e rastreia espaços de liberdade. O conceito ferramenta multidão, em saúde coletiva, favorece, portanto, a análise de coletivos justapostos a este plano de imanência, composto de elementos heterogêneos que garantem a diferença. Uma política de saúde que não apenas inclui grupos estereotipados, com efeito, inclui sua potência de composição que emerge dos agentes em movimento, permitindo dar meios concretos para que estes agentes ganhem voz, rosto e expressão singulares. A Multidão como parceira de análise favorece a circulação de poder e a proliferação de forças no coletivo. Nestes coletivos não há, portanto, noções de unidades, naturalizações, dicotomias, separações ou práticas excludentes.

Além disso, este conceito fornece pistas na direção de um corpo em trabalho vivo construído a partir de toques e cooperações. Provocando em cada corpo uma multidão tem-se a possibilidade de em conjunto se atentar aos processos de luta, movimento e desejo de transformação – exercícios de reconfiguração estética na produção de saúde - elementos que participam diretamente na tessitura das relações de cuidado (MERHY, 2008). Trata-se de uma pragmática do real que considera todas as conexões possíveis, já que todas as forças estão disponíveis para serem experimentadas. É aí que entendemos acertar a experiência da resistência contra reprodução modelos hegemônicos e limitados, além da chance de exercitar novos corpos e dispositivos que atuem como artesão na prática de cuidado de uma saúde efetivamente pública e maquínica.

Entende-se que no campo da Saúde Coletiva, segundo Quintanilha (2012) a participação e construção de políticas em saúde, também se dá, de maneira rizomática. Neste sentido tocar em campos não institucionalizados da grande Saúde, seja eles programas de governo ou secretarias é também produzir formas de sentido e respostas às práticas em saúde. Afinal os sujeitos implicados no processo de pesquisa também tecem a realidade das políticas de saúde, como profissionais e

cidadãos e elementos da rede de atenção. A pesquisa neste cenário assume sua participação rizomática na produção de conhecimento em Saúde Coletiva.



## 5.4 Dispositivo fotografia

Não escolhemos a foto como um dispositivo ilustrativo e/ou descritivo. A foto é um dispositivo utilizado para compor outras narrações referentes aos acontecimentos ocorridos no grupo. Cada encontro foi rastreado e fotografado por um convidado diferente. As fotos cultivam olhares sensíveis que, envolvidos na dinâmica do grupo produziram em *clicks* múltiplas sensações.

Intentamos produzir nas imagens disparadores de sensível. Uma possibilidade de encontrar muitas vidas em curso. Apostamos na potência da foto de nos fazer tocar com os olhos, uma relação de dissolução, fluxos e forças frente à naturalização e familiaridade que buscamos com as imagens. Uma tentativa de eliminar a distância entre observador e a imagem e produzir interesse por sentimentos.

Neste sentido tal escolha se norteiou pelo conceito de *punctum*. Segundo Barthes (1980) tal conceito remete a ideia de flecha, atravessamento, uma marca feita por um instrumento pontudo. Na fotografia o que importa é ressaltar sua potência pungente, pontos sensíveis.

Após todos os encontros as fotos foram expostas aos participantes. O contato com a imagem permite reviver e dar consistência a sensações que poderiam ser perdidas. (LIBERMAN, 2008. p. 77)

Portanto a disposição das fotos buscou por fazer com que a imagem abra para o leitor, novas saídas, possibilidades para outras discussões, levar para outros lugares e aproximar a fotografia do corpo.

## 5.5 Dispositivo formação

O presente estudo optou por atravessar algumas questões a respeito da problemática formação em saúde, uma vez que as intervenções foram realizadas dentro de um grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, frequentado por profissionais e acadêmicos. Tal escolha se deu durante o percurso do mestrado em Saúde Coletiva.

Após diversos debates em sala de aula que tinha como características multiprofissionais da área da saúde, ministrando aulas no Centro de Ciências da Saúde, participando da vida dos corredores e laboratórios do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, por meio de conversas e produções coletivas. Ficou evidenciado em cada encontro e pactuado em cada diálogo demandas referente a escassez de tecnologias relacionais nas formações em saúde. Era preciso responder de alguma forma a tais demandas que tocam diretamente em nossas práticas cotidianas entendendo a indissociabilidade entre formação e práticas em saúde. Neste sentido a investigação se aproxima deste plano experimentando propor algumas intervenções possíveis.

Sabe-se que a educação em saúde é um campo multifacetado, para o qual convergem diversas concepções, das áreas tanto da educação, quanto da saúde. O conceito de saúde, por sua vez, deve lidar com problemas complexos, que se referem ao modo de viver, sofrer, adoecer e morrer da população superando os limites do enfoque orgânico/biológico (ALMEIDA FILHO, 2000). Devem-se alcançar dimensões mais amplas com interseções de fatores sociopolíticos, econômicos, industriais e históricos. Logo, o modelo pedagógico deve ampliar o conceito de saúde com inovações politico-pedagógicas fugindo da concepção informativa e representacionista. (CARVALHO; CECCIM, 2009).

Pretendeu-se, portanto, intervir / acompanhar o processo de formação de profissionais da saúde, envolvidos em um grupo de estudo, a partir de vivências grupais. Utilizamos de uma investigação participativa sobre a produção dos saberes que circulam no grupo de profissionais durante o percurso dos encontros.

Durante o processo de pesquisa, nos implicamos na criação de espaços que ampliem a capacidade de análise e intervenção dos sujeitos do processo (CAMPOS, 2000). Tratou-se de inventar dispositivos de formação em saúde, utilizando como material de estudo: corpo, cognição e saúde.

A formação em saúde se encontra impregnada de pressupostos representacionistas que se espelham no pensamento moderno de uma reprodução da realidade que se dá *a priori*. Estas perspectivas tomam uma grande proporção no modo de pensar e agir dos sujeitos. Pode-se perceber isso em sala de aula onde se encontra uma âncora pedagógica fundada na representação. A relação ensino aprendizagem segue uma lógica unilateral no qual a avaliação baseia-se na capacidade de absorção e de reprodução do conteúdo (CARVALHO; CECCIM, 2009). Tais concepções cognitivas influenciam diretamente nas práticas em saúde. Acumulam uma tradição caracterizada por um formato centrado em conteúdos herméticos e numa pedagogia da transmissão de informações desconexas entre as disciplinas. Conforme discutem Yara Maria de Carvalho e Ricardo Burg Ceccim (2009)

Os fatores de exposição às aprendizagens estão centrados no professor, no livro de texto e nos estágios supervisionados e não na produção de experiência de si e de apropriação dos entornos da vida; os currículos são organizados em unidades disciplinares conteudistas e não em unidades de produção pedagógicas (...).(CARVALHO; CECCIM, 2009, p. 143).

Esta forma de aprendizagem não condiz com o vivo e sua potência de acoplamentos, ao contrário, orienta-se pela doença e seu caráter reducionista e normalista. (CANGUILHEM, 1978)

Por meio destas discussões, revela-se a importância na investigação de dispositivos que possam promover um processo formativo comprometido com a garantia das condições sociais necessárias à saúde da comunidade. (CARVALHO; CECCIM, 2009).

Neste sentido, Paim (2008), nos alerta para a necessidade de problematização do objeto das práticas de saúde coletiva e a reflexão sobre o conceito de saúde, impondo redefinições na formação básica dos profissionais em saúde. Seguindo sua

analise o autor supracitado menciona a urgência na criação de novas estratégias que superem o “modo escolar” e a hegemonia individualista de encarar a saúde.

Novas abordagens formativas devem instrumentalizar o sujeito para o atendimento das coletividades. Neste caminho, tal projeto buscou conhecer novas apostas que podem ser aliadas na formação de um profissional em saúde coletiva.

## 5.6 Procedimentos

Neste momento serão descritos os procedimentos operacionais da investigação. Utilizamos como cenário para este estudo um grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), denominado “Rizoma - Saúde Coletiva e Instituições”.

Trata-se de um coletivo que se volta ao debate e reflexão da Saúde Coletiva com intercessores da corrente institucionalista em suas vertentes socioanalíticas e esquizoanalítica sob a coordenação do Prof. Drº. Túlio Alberto Martins de Figueiredo. Este grupo é composto por profissionais atuantes em diversas áreas e formações em *Saúde* (enfermeiros, psicólogos, terapeutas ocupacionais, farmacêuticos, cirurgiões dentistas e médicos), além de mestrandos do curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e Enfermagem Profissional, ambos vinculados à UFES. Para além de uma relação intersetorial, buscou-se uma estratégia intersensorial.

Todos os participantes foram convidados à realização de trabalhos e vivências corporais descritas como investigação científica proposta, não havendo critérios de inclusão e exclusão.

Por ter caráter aberto, um estudante de arquitetura participou de um encontro e uma artista cênica participou de dois encontros ao longo do processo. O universo de estudo figurou um total de 16 participantes. No entanto a frequência não era fator de exclusão, logo, os participantes não necessariamente deveriam comparecer a todos os encontros, posto isso o número de participantes variou a cada encontro.

Para produção deste estudo, foram propostos 4 (quatro) encontros quinzenais. Alguns encontros foram realizados em espaços de tempo superior a 15 (quinze) dias, pois no mês de junho de 2012 o estado do Espírito Santo participou da agenda de mobilização pública ocorrida em todo o país. Qualquer intervenção possível já se encontrava nas ruas. Além disso, greves do transporte público e enchentes, provocaram um remanejamento de datas.

Os encontros foram denominados de clínicas e seguiram uma proposta não diretiva, no qual os conteúdos analisados surgiram de acordo com os emergentes do grupo. Por clínicas talvez se possa dizer que é filosofia, e é arte e é ciência, mas, também, que é um delírio e também um saber popular.

Optou-se por trabalhar com as clínicas como um difuso de teorias, pragmáticas, estratégias, táticas e técnicas que se baseiam na participação ativa e inventiva dos sujeitos por meio de técnicas artísticas, pedagógicas e psicoterápicas (BAREMBLITT, 2010).

Em outras palavras, por sua inspiração esquizoanalítica tais clínicas, se encontram frente a duas tarefas concomitantes, são elas:

- Tarefa negativa: Seria desmontar e (d)enunciar os aparelhos que estejam a serviço da reprodução, antiprodução, dominação, exploração e mistificação.

“Trata de afrontar tanto os imensos meios materiais e imateriais coercitivos quanto os microscópicos meios de disciplinarização dos pensamentos e dos afetos, de militarização e mercantilização das relações humanas” (GUATTARI; 1981, p. 138).

- Tarefa positiva: Seria a de potencializar e montar dispositivos intensivos e atratores das virtualidades dispostas no presente, propiciando, entre outras coisas, novas individuações das ideias (DELEUZE, 2008) e subjetivações sociais.

Denominamos clínicas como um dispositivo inspirado em Baremblytt, (2012) que prevê uma clínica como proveniente de *clinamen* ou “desvio”, sendo destacável, especialmente, que a finalidade dos procedimentos consiste em fazê-las proliferar e conceber outras sempre singulares e performáticas formas de existir.

Assim se entende que por o corpo em movimento é performar um tipo de conhecimento como aliado na produção de saberes que deem conta das singularidades vividas no cotidiano dos processos de trabalho em saúde.

As montagens dessas clínicas consistiram em diversos exercícios afetivos e dinâmicas corporais que se inter cruzaram em um processo de *continuum* movimento.

As durações das clínicas foram de 2 horas em média, algumas se alargaram devido a demanda do grupo.

As elaborações dos exercícios se diferenciaram a cada encontro e fazem referência a diversas inspirações, tais como:

- Bioenergética: Tal abordagem permitiu uma intensa ativação e mobilização de cargas afetivas. Estes movimentos permitiram desestabilizar uma série de contrações crônicas.
- Dança: Remeteu à grande saúde de Nietzsche (2002), no qual o corpo se coloca em um contínuo movimento por aumento de potência de ação. Perceber na luta dos afetos as coreografias por novas vidas. Tal movimento de constante diferenciação e sensibilidade às movidas do corpo é próprio da dança e próprio da vida. (VIANNA, 1990)
- Psicologia Formativa: Trata-se de propriedades para corporificar as experiências, se atentar aos modos de se produzir, perceber “Como faço o que eu faço” (KELEMAN, 1995). Tais técnicas permitiram, após sensibilizações, SUstentar e aprender com a diferença.
- Esquizodrama: Um conjunto de técnicas e proposições operativas da esquizoanálise para invenção de conceitos.
- Teatro da peste e crueldade: Propostas cênicas e políticas elaboradas por Antonin Artaud (2006), tais propostas pretendiam um atletismo corporal das afetividades. Tais exercícios funcionaram como vias para proliferar e expressar propriedades que tornaram a palavra corpo despedaçando-as e assim posicionando-as no fluxo da existência. O teatro proposto Artaud, para além de representações dos dramas familiares de uma época (teatro

digestivo) deve funcionar como um espaço criador de novos fluxos que arrastam e germinam vidas.

Após as vivências corporais foram realizadas conversas em torno de como as afecções produzidas no decorrer da atividade se encontraram com o cotidiano e o trabalho em saúde dos participantes.

Para acompanhar os efeitos gerados por tais experimentações foi pedido aos participantes, após cada vivência, que os mesmos mandassem relatos das experiências para o *e-mail* pessoal do pesquisador. Além disso, nos valem de gravações de som, registro fotográfico e utilização de anotações em um diário de campo com inspirações cartográficas. Dentro dessa visão, fala-se o tempo todo de linhas de forças e intensidades que compõem a nós mesmos e a realidade.

Elucidaremos agora a importância da compreensão das três linhas de movimentos esclarecidas por Rolnik (2006), tendo em vista como o cartógrafo se relaciona com as produções, as mudanças, as possibilidades e os perigos desses movimentos construtores de realidade. Apropriar-se dessas linhas é compreender e destrinchar o funcionamento de um dispositivo e sua potência de transformação.

A primeira linha seria uma linha invisível ao olho nu. Linha dos afetos se encontrando caoticamente, afetos os quais os corpos estão, constantemente em contato, com maior ou menor abertura a suas interferências. Linhas das forças invisíveis mais sensíveis. Linhas de forças em maior ou menor velocidade em constantes encontros e demandando expressão dos mesmos. Tais linhas são incontornáveis. É a principal linha de suspensão da atenção cartógrafo. Tal linha, em sua diversidade, é que compõe e cria, em suas multiplicidades, os incontáveis devires da existência.

A segunda linha tem o caráter maleável, operando entre o visível e o invisível aos olhos, a intensidade e a expressão dos encontros. Suas velocidades e forças de expressão têm a capacidade de desfazer territórios enrijecidos e, simultaneamente, criar outros. Elas convocam para a sensação de estranhamento, sempre prestes a oscilar. É a linha da possibilidade da mudança, linha sempre provisória. Linha de uma simulação que não quer dizer falsidade, mas intensificação de uma expressão específica que tem um limite no tempo, na sua função no mundo.



O cartógrafo tem de estar sempre no exercício de receber esses deslocamentos, pois deles advêm a possibilidade de encaminhamentos e invenções para a vida. Essa linha implica ao cartógrafo o seu nomadismo, sua efemeridade naquela composição territorial. O cartógrafo, enquanto estrangeiro, está mais apto a sentir, e afirmar certas linhas de criação de simulações de determinados territórios.

A terceira linha opera em espaços finitos, visíveis e conscientes. São as linhas dos grandes mapas. Linhas de orientação para a circulação no mundo. Essas linhas compõem sentidos e sistemas mais rígidos de codificações dos afetos. É um caminho, por um tempo, padrão para os afetos se organizarem, ganharem função e se expressarem. A terceira linha compõe territórios existências mais estáveis e delineáveis. Podemos ser homens ou mulheres, adultos ou crianças, brancos ou negros e etc. Entretanto, o tempo todo, afetos escapam desses territórios rígidos, exigindo outras formas de funcionamento.

Em verdade, as três linhas atuam ao mesmo tempo. Movimento de intensidade que compõe e pode enrijecer, mas vai ser abalado por novas composições e ganhar outras formas, tudo ao mesmo tempo. Não existem tais linhas de produção separadas individualmente. Não existem formas sem forças ou forças sem formas (ROLNIK, 2006).

O acompanhamento que o cartógrafo faz da primeira e da segunda linha diz respeito a flexibilizar linhas enrijecidas, sejam na vida dos indivíduos, em instituições, em pensamentos e etc. abrir para a possibilidade desses sistemas votarem, ou começarem, a afetar e serem afetados e terem a maleabilidade de reagir a isso, dar forma a novos encontros. Lidar com a diferença, intrínseca na realidade. Propostas para manejar estas proposições estão disponíveis na obra *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010).

É preciso constante análise de implicação e cuidado para qual a configuração territorial está se dando, a quais máquinas estaria servindo o cartógrafo. Acreditamos, portanto, que o cartógrafo posiciona-se em uma luta pela promoção da vontade de potência que mantém a vida enquanto espaço de criação e que revigora o humano enquanto um ser de superação.

Desta forma, agenciam-se superfícies compromissadas com uma ética dos encontros, contágios e afirmações. Uma política vinculada à responsabilização e coletivização das ações e uma estética enquanto margens de novidades e possíveis.

A sistematização do cultivo e da análise dos dados se deu em forma de narrativas. Tal procedimento de tratamento dos dados se deu, pois na pesquisa em saúde o objeto exige um procedimento que possa incluir sua dimensão subjetiva, já que toda prática de saúde se faz no encontro de sujeitos. (PASSOS; BARROS, 2010. p. 151).

Neste sentido a narrativa tentou se colocar ao lado do sujeito, desta forma todos os modos expressivos dos participantes foram alocados junto com a narração dos diários de campo. Não se distancia para analisar os textos e as falas dos sujeitos. Ao contrário elas participam de todo o texto científico impondo outro sentido para o rigor metodológico, efetivando um método coletivo e participativo em todas as etapas.

A partir desta operação metodológica foram elaboradas 4 (quatro) narrativas, uma por encontro, tais narrações atentaram-se para acompanhar os seguintes rastros:

- A montagem da clínica, suas inspirações e desdobramentos;
- A atenção dos participantes em suas formas singulares de sensibilização, bem como, de que maneira os exercícios ampliaram sua capacidade de sentir e responder as perturbações do meio.
- Avaliação conjunta dos efeitos das oficinas.

Ao final dos encontros foi marcada uma restituição com o grupo. Na mesma foram expostos os desdobramentos e inspirações conceituais cultivados pela pesquisa, bem como a exposição das fotos e conversas sobre os efeitos do processo.

## **5.7 Considerações éticas**

O projeto foi encaminhado ao grupo de pesquisa Rizoma - Saúde Coletiva e Instituições do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva para anuência. Em seguida o projeto foi submetido à Plataforma Brasil e obteve sua aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde desta Universidade sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número: 5762113.6.0000.5060.

De acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os nomes dos sujeitos não serão revelados em nenhum momento do relatório. Com vias a esta preservação e considerando o parco conhecimento do pesquisador em anatomia humana utilizamos este recurso como possibilidade de novas entradas em relação ao corpo. Neste sentido foram selecionados após buscas em atlas e livros nomes não usuais de acidentes anatômicos para representar cada participante.

## **6 AFINANDO O SUTIL: IMERSÕES ENTRE AFETOS E OS RANGIDOS DO CORPO**

A seguir serão apresentadas as narrativas decorrente dos 4 (quatro) encontros realizados no Grupo Rizoma: Saúde Coletiva e Instituições.

São elas:

1. Clínica da metamorfose
2. Clínica do trabalho e crueldade
3. Clínica do cuidado anatômico
4. Clínica da máquina de guerra

Os nomes das clínicas foram produzidos de acordo com as inspirações e efeitos gerados no grupo.

A sequência de apresentação das clínicas está respeitando a sequência cronológica com que foram realizadas.

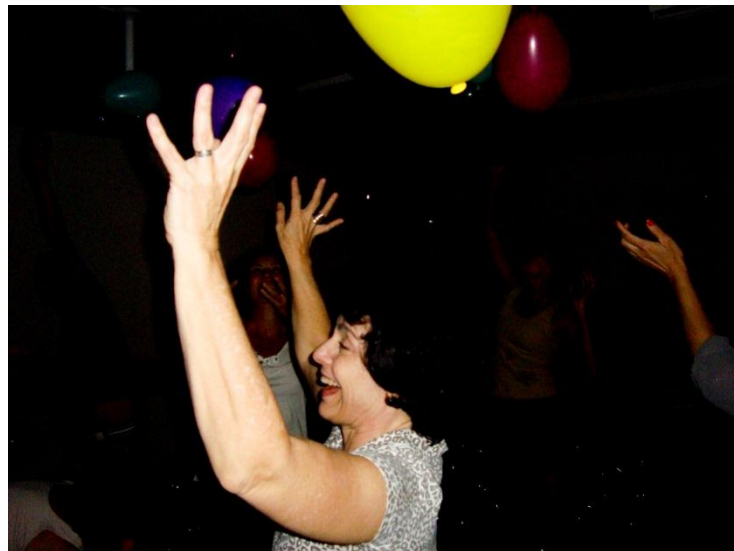
Tem-se como perspectiva acompanhar e compreender como as tecnologias relacionais se corporificam. Neste sentido os recursos utilizados na narrativa intentaram fortalecer a expressão das sutilezas e peculiaridades produzidas em cada encontro.

## 6.1 Clínica da metamorfose



**Figura 1 - Clínica da Metamorfose**

AMORIN, Mayara. 2012. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



**Figura 2- Clínica da Metamorfose**

AMORIN, Mayara. 2012. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



**Figura 3 - Clínica da Metamorfose**

AMORIN, Mayara. 2012. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



**Figura 4 - Clínica da Metamorfose**

AMORIN, Mayara. 2012. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



*E hoje, como foi? Minhas mãos estavam fazendo carinho no papel para poder aproximar e deixar aqui algo do que foi sentido. Porque é mais que as palavras expostas. (Lúnula)*

Dentro de um Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva as carteiras são cuidadosamente remanejadas para o corredor. Na intenção de conscientizar a mecanização dos gestos, lubrificar as articulação do corpo e deixar o que cabe no invisível transbordar em nossa pele foi preciso "empurrar" alguns equipamentos instituídos. Aparelhos que demarcam espaços e constroem agitações para formar corpos/alunos.<sup>5</sup>. Não se trata apenas de ganhar espaço, mas retirar para multiplicar.

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1. (DELEUZE, GUATARRI, 1995, p.13)

Retirar as carteiras vistas como a única possibilidade de ser sala de aula para multiplicar gestos. Retirar o que enche para deixar caber a diferença.

Uma sala de aula se desfigura. As carteiras dão lugar para balões, muitos balões, um tapete de balão que parecem convidar outros movimentos. O cenário também muda com novos nuances de luz e imagens.

Escuro.

A luz apenas de uma foto de barata projetada na parede, inspiração da obra *A metamorfose* (KAFKA, 1994), músicas instrumentais circulam pelas paredes atravessando órgãos.

---

<sup>5</sup> Ao trabalhar na perspectiva do corpo como objeto e alvo do poder Foucault (1997) disserta a respeito da disciplina como um diagrama de forças na produção de corpos dóceis. A disciplina opera controlando a distribuição dos corpos no tempo, espaço, gestos e composição de suas forças. A sala de aula se utilizaria de equipamentos como as carteiras e os arranjos em filas para determinar o lugar que se ocupa e a distância que separa cada aluno no intuito de hierarquizar, individualizar e organizar um trabalho simultâneo para todos. A sala de aula seria um grande quadro único com corpos talhados por toda uma anatomia política do detalhe.

Braços e barrigas começam a entrar na sala, porém algumas cabeças parecem ficar paradas na porta até compreenderem este novo cenário. As novas tonalidades e texturas parecem aos poucos acolher os participantes.

*Quando as luzes se apagaram senti que já era hora de me deixar levar, o escuro da sala passava uma sensação de conforto e logo no aquecimento fiquei bem, o corpo já estava aberto para a experimentação. Os balões deixavam a sala bem interessante e pareciam se misturar com a gente, já eram parte de mim. (Glabela)*

O grupo inicia o encontro pisando em bolas de tênis. Um lado por vez os participantes transferem o peso do corpo para o pé. Pisando sobre a bola de tênis e deixando a mesma percorrer por toda sola, lentamente os ossos do pé se abrem, os músculos centralizam e relaxam, o desequilíbrio desperta concentração no movimento. Aumenta-se o espaço interno - é preciso descobrir brechas em corpos que já se conhecem travados.

*Muita dificuldade em me inserir e me expressar, sou muito travado. Dito isso, passada a primeira dificuldade de realizar a tarefa, fui me permitindo sentir meu corpo e meus sentimentos que aproveitavam a "brecha" vir a tona. (Hâmulo Pterigóideo)*

Não confrontamos as relações que nos travam de forma direta, trata-se de liberar novas áreas (BEY, 2011). Neste sentido a estratégia não está em intervir em um corpo que trava para produzir um corpo destravado, essa é uma lógica de sobreposição de poder, alternância de estados conhecidos. Apostamos no exercício de um corpo articulado, na intensificação das potências em estados de devir.

Ao permitir sentir o corpo e os sentimentos, aproveitando as brechas, cultivamos uma disponibilidade aos afetos que passam a ocupar territórios ainda não registrados. Ou seja, rastreamos sensações que incidem despercebidas pelo controle da consciência. Trabalhamos com atenção ao momento presente, sentir a lógica do trabalho em ato é experimentar a duração, para além do que sou ou do

que posso ser, os afetos habitam a duração enquanto multiplicidade qualitativa (BERGSON, 1988).

Entendemos multiplicidade qualitativa como um campo de forças que ao se agenciarem nunca nos tocam da mesma forma, o tempo vivido não seria uma sucessão de instantes idênticos, “a duração é o que difere de si” (DELEUZE, 1999, p. 103).

*Por alguns momentos me desloquei dos movimentos estereotipados, conhecidos e senti a criação brotar de dentro de mim. Foi um momento singular, único, e ao mesmo tempo que parecia durar teve alguns poucos minutos, acho eu! (Grácil)*

Portanto operamos com a estratégia de liberar novas áreas para variarmos de nós mesmos, não brigar especificamente com um músculo tenso, mas experimentar movimentos que escapam da serialização. Movimentos estranhos que produzem consciências de pequenos acontecimentos capazes de romper com categorias e expectativas pré - estipuladas. Tais experiências constroem pontes de sentidos que nos surpreendem com novos ritmos, suavidades e formas de agir.

*Tivemos muitas produções e ao mesmo tempo me sentia um pouco esgotada com tudo se resolvendo ao mesmo tempo, uma espécie de "stress" de satisfação. E enfim chegou a sexta e fui aberta para a experimentação. Senti que precisava me "libertar" (ou tentar pelo menos). Fui bem tranquila e disposta para a experimentação, e também não tentei prever o que poderia acontecer. Deixei rolar. Sai da experimentação com a sensação de estar mais leve e mais consciente do meu corpo. De onde dói e onde não dói. Do que preciso trabalhar mais e até onde posso ir ou ir além. As experimentações no geral me ajudam a trabalhar melhor com meu corpo, entender meu espaço e meus limites. Também consigo perceber o outro e todos ao meu redor porque amplia meu campo de contato. (Glabela)*

Dando sequencia aos exercícios fizemos contato com a terra, *grounding* (LOWEN, 1985), enraizamento, estabelecer relação entre os movimentos voluntários, semivoluntários e involuntários a partir da percepção de como nos sustentamos.

Alongamentos, boca sugando, língua fora, estica pescoço, enrola o corpo para um *grounding* invertido, fazer contato com quadril e pernas. É difícil lembrar-se das pernas quando se vive constantemente em salas de trabalho, estudos, carros, aparelhos que nos mantêm sempre sentados com a cabeça sustentada por pensamentos abstratos, longe da sala, do presente, longe até do pescoço.

Os balões espalhados pela sala são convidados a participar da respiração, atentamos para experiência do troc-ar. Com a bola de assoprar no sexo, respiramos movendo a pélvis, enquanto se libera os condicionamentos do quadril o corpo ensaia uma possibilidade de ser um canal de passagem, deixar o ar passar sem obstruções, experimentar fluxos aéreos e todas as trocas que a respiração pode ativar.

O corpo é tão-somente um conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos comunicantes: um nome próprio para cada um, povoamento do CsO, Metrópolis, que é preciso manejar com o chicote. O que povoa, o que passa e o que bloqueia? (DELEUZE, GUATARRI, 1996, p.13)

A partir dai os balões se integram aos movimentos. Utilizando os mesmos realizamos massagens em todas as camadas do corpo. Iniciando com as camadas dos órgãos internos, músculos e ossos um barulho toma conta da sala, apertando contra si os balões inicia um ranger estridente, aflora uma imagem de objetos enferrujados. Pareciam que os balões estavam abrindo dobras corroídas, portas antigas de lugares mórbidos. Na medida em que as instruções convidavam para a bola massagear a camada da pele o som muda.

Silêncio e sutileza.

A bola parece fazer carinho, aparecem rostos serenos, não trabalham mais com uma raspagem bruta. Os movimentos ganham tom de espontaneidade e leveza. Parecem intuir que o desejo habita a periferia. "O mais profundo é a pele"

(DELEUZE, 2009, p. 106). Delicadamente corpos mudam em forma de suspiro e a mudança não grita, sussurra.

Outro exercício passa a ser para explorar os movimentos das articulações com a bola. Descobrir movimentos com a bola de levantar e deitar. Em seguida estender esses gestos com a bola no mais alto e no mais baixo possível. Investir nas recombinações das dobras do corpo repetindo os planos (alto - baixo) diferindo nos gestos. A única repetição possível é a repetição da diferença. (DELEUZE, 2006).

Movimentos de ondulação<sup>6</sup> invadiram a sala produzindo quebras de rigidez e gestos robóticos. Trazemos um clima leve e agradável aos gestos. Além disso, os movimentos de ondulações que surgiam aparecem como formas de resistir aos movimentos retilíneos que a cidade impõe. Com seus caminhos, estradas, escadas, elevadores sempre retos e diretos. A partir do passeio que a bola fazia pelas curvas dos ombros, cotovelos, joelhos se construíram desenhos e contornos que desbloqueavam com leveza e alegria as formas enrijecidas pelas retas da cidade.

Após brincar com as bolas nas articulações, trabalhamos com o lançamento. Jogar a bola para cima e inventar um movimento enquanto ela cai. Dançar com a gravidade agindo sutilmente na bola. Deixar que o quase sem peso disparasse novas coreografias.

*O que mais me tocou foi estabelecer um outro tipo de relação com o balão que até então não tinha ocorrido nem em pensamento. (Tróclea)*

*Dançar com os balões foi lindo, ver quantos movimentos novos fiz junto com o balão. E fiz sem medo de que estourassem, e não me preocupei com isso, até achei que eles nunca estourariam. (Glabela)*

---

<sup>6</sup>A bioenergia, segundo Reich, flui em movimentos ondulatórios e sua característica dinâmica básica é a pulsação. (CAPRA, 1995). Quanto mais dissolvidas as couraças musculares Reich observou que suaves movimentos ondulatórios involuntários surgiam rompendo com imobilidades musculares e tensões crônicas desenvolvidas por nossa história emocional.

Após uma série de lançamentos e danças um momento para cair junto com a bola, ir ao solo, despencar um corpo que já se aproximou de diversas provocações nos sentidos.

Ao deitar, um convite a encontrar-se com algo repugnante que o constitui. Dar forma e depois movimento a isso – cada vez mais intenso. Começam a surgir uma complexidade de caretas. Caretas que assumiam formas de estranhamento, nojo, medo e sustos em poder parecer com o que se sente.

Os corpos se fecharam, travaram. Dar intensidade a essas forças era importante para fazer contato a repugnância em nós, se retraindo, se encolher para assimilar a experiência de repugnância - sentir para devir.

E neste abalo tudo se entorta e revira.

*Nesta noite com o grupo Rizoma a Metamorfose... Me senti o avesso e pude me metamorfosear com os outros corpos. (Grácil)*

Depois de intensificar ao máximo uma forma repugnante adicionamos a bola como parte da repugnância, um dispositivo para iniciar exercícios de fusão. "O problema não é mais aquele do Uno e do Múltiplo, mas o da multiplicidade de fusão, que transborda efetivamente toda oposição do uno e do múltiplo." (DELEUZE, GUATARRI, 1996 p. 15).

*Vamos ao repugnante. Um sentimento que fez meu corpo travar, se fechar e quando parei pra ver eu estava totalmente contida em mim. Numa posição trancada. Nem os olhos poderiam ver, pois estava pra dentro. Intensificar, intensificar até não caber mais naquele espaço que fiz pra mim. Se mostra um movimento forte dos pés que mexe sentindo o que é repugnante, a ponto de doer. Não sei como entra em cena o balão. E viramos um, com o mesmo movimento de sensação. (Lúnula)*

Após muitas torções, estouros de balão, raivas e repúdios um novo cenário se monta. A proposta é se deixar atrair por outros estímulos e movimentos presentes a

nossa volta. Se encontrar e compor com outros corpos esta repugnância. Este outro corpo que não necessariamente é outra pessoa, mas os corpos disponíveis na sala – parede, chão, outras bolas, ar, luz.....

Se unir aos novos encontros pra que a repugnância seja povoada. Construir zonas de povoamento com os enementos<sup>7</sup>que circulam em nossos contornos. Perceber que a produção de encontros estabelecem zonas de passagem para que novos fluxos remontem novos corpos.

*Movimento trabalhado, trabalhado, até derreter e virar outro movimento. Ufa, agora suave. (Lúnula)*

A repugnância some – a coreografia se sintoniza com toques delicados quase que assentando o ar dentro dos poros, inflando a pele com movimentos sutis. Entendemos que o desejo se faz enquanto agenciamento, um desejo é sempre coletivo, uma força conectiva que se alimenta de entorno e persiste em acontecer.

Para tanto, se instigava como incluir cada vez mais elementos aos corpos e com isso intensificar as tensões para criar zonas de variação. Estas inclusões agitavam a sala espalhando as bolas e misturando os corpos. Neste sentido os encontros se davam constantemente e sempre abalavam as formas organizadas. Abandonando os automatismos se inauguravam encontros que, em cada perturbação, geravam uma novidade.

Uma possibilidade para pensar uma produção de conhecimento que surge por encontros e perturbações mútuas conforme uma máquina autopoietica (MATURANA, VARELA, 2002). Tal máquina agencia uma cognição autopoietica (KASTRUP, 1999) um processo de incorporação das mútuas perturbações que engendravam respostas criativas.

---

<sup>7</sup>Neologismo proveniente de  $n$ =infinito (BAREMBLITT, 2013).

*Sensação de posse foi se diluindo a medida que voavam em cima de mim um monte de balões e pessoas para dançar. Fui descobrindo outros movimentos. (Helicotrema)*

Nestes encontros a alegria enquanto vontade de agir e se mexer ia se expandindo. Ganhava a sala e fragilizava as formas duras e grosas da repugnância. Alegria de celebrar um novo encontro e o desprendimento para mover-se sem medo ou restrições.

*O que mais me pegou realmente foi a metamorfose do que era repugnante em mim... Ao me deparar com outros corpos, outras coisas e muitos balões, me desprendi do meu eu repugnante e cai no desapego de tudo!!!*

*Sem falar da liberdade que senti me envolvendo em andares, coreografias, afetos... (Tonsila Palatina)*

Aprender sobre as aberturas do corpo e as modulações do aproximar ampliavam um campo de consistência aos desejos que se misturavam em outras superfícies e produziam linhas de fuga - uma metamorfose.

*O momento onde foi pedido para imaginar e pensar sobre o que era de mais repugnante em nós foi terrível. Era para ser assim mesmo, afinal, não é fácil lidar com o que há de mais horrível em nós, porém ainda assim foi uma surpresa as coisas que senti, pensava: Isso não acaba! Passa logo outros comandos! Aí os próximos foram em torno de uma forma para essa repugnância, só acabou com tudo, angústia sem tamanho. Apesar disso a sequência foi salvando a situação, a angústia se dissipando e o corpo relaxando as tensões. (Hâmulo Pterigóideo)*

*Uma delícia andar, me arrastar entre as bolas, ou sentir com força, ora sentir tão suave, como uma brisa. Que coisa boa. Ter sensações gostosas com as coisas, com a sala, com a luz do datashow. Um corpo aberto, com olhos em tudo. Pele que sente. Formar com o outro e tentar ser e dar o melhor naquele momento. Bom momento. Relaxante.*



*Sentir a bola, a sala, o chão, a mão gelada do Manguito rotador. Vivo.  
(Lúnula)*

Desta forma acredita-se construir uma política do sensível. Dramatizar a potência de um corpo enquanto produção de territórios, potências e coletivos (DELEUZE, GUATARRI, 1996). Um corpo praticado de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria de contato e composição, um corpo que responde as afetações, conhece e se alia ao sutil - guerrilha do movimento agenciando novas realidades.

*Quais as formas pelas quais um indivíduo se pensa e se reconhece como sujeito? Através de que modalidades sai em busca de si mesmo? Que experiências realiza para dar sentido à sua existência? Estas são as questões levantadas por mim após a experiência que vivenciei junto ao grupo Rizoma. A experiência foi fantástica, pois através dela pude me redescobrir/remodelar através do contato com outro e com os balões. (Escafoide)*

*Travei um pouco quando falamos das coisas ruins, mas acho que é porque as coisas ruins "travam" mesmo a gente, ou me travam. Quando tive que intensificar fiquei inquieta, mas intensifiquei com a ajuda dos balões. E a partir daí as coisas foram melhorando porque passou a ser outra coisa e uma outra coisa mais alegre e colorida. (Glabela)*

Ao final em duplas propomos cada um perguntar ao outro o que ele gostaria de receber, uma forma de cuidar atentamente do outro.

*Depois durante a massagem com o outro me senti novamente muito bem, é bom cuidar do outro e da mesma forma me deixei ser cuidada. Foi uma forma de tirar o que tinha sobrado de tensão no corpo, tanto meu quanto do meu parceiro. Nos permitimos. (Glabela)*

*Naquela "sessão de descarrego" no final entrei mais no clima tentando descarregar todas aquelas sensações ruins, e depois o que veio foi só alívio e tranquilidade. Uma montanha russa de sensações! Acho que isso que descreve a experiência, e acho que metamorfose tem muito haver com isso, pois, não necessariamente, o processo é linear ou estável. (Hâmulo Pterigóideo)*

*Repugnante em mim, só consegui pensar no meu jeito controlador de viver a vida...e assim me enrijei mais ainda. Sempre que começo a vivenciar, a primeira coisa que sinto é como estou rígida, com os músculos doloridos e vou sentindo cada vez mais a medida que a vivencia progride. Depois à medida que vou tomando contato com meu corpo vou relaxando e começo a sentir prazer e alegria. Ontem, quando Grácil me tocou na hora troca de "do que você precisa?", ela tomou um susto quando começou a massagem nos meus ombros, tamanha tensão que havia neles (imagina se ela tivesse me tocado no começo, quando a tensão era muito maior?). Então, ao final, senti que consegui ter consciência da forma que estava, comecei a me "mexer", sair da forma, mas não completamente. (Ínio)*

O cuidado então aparece como um elemento invisível que estica as bocas em sorrisos e lubrifica os quadris em danças cada vez mais soltas. Cuidar na dimensão de estar junto e se deixar alterar pelos múltiplos encontros parece uma forma de dar consistência as conexões do desejo e sua materialidade. Aprender a existir entre tonalidades, toques e ritmos que nos invadem constantemente - cuidado como uma trilha se abrindo para novos povos.

Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensor. (DELEUZE, GUATARRI, 1996, p. 22)

Por fim, nesta clínica - duração, alegria e múltiplos encontros aparecem como pistas no exercício da metamorfose. Redimensionar as formas a partir das bordas. Provocar e incorporar cada toque. Um esforço para dar conta do sensível das

coisas, de tudo que elas não dizem. Perseguir aquilo que escapa a expressão ordinária e se deparar com a infinita variedade de ser das coisas mais singelas.

*A bola é bola. Cansou. Virou mão que massageai, e agora já é vento com forma e cor.*

*Bola que é palavras. Mas antes foi pele. E pode ser um monte de coisa. É só dar bola. (Lúnula)*

## 6.2 Clínica do trabalho e crueldade



**Figura 5 - Clínica do trabalho e crueldade**

FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]

Este encontro foi montado pela endoderme.

Após visitar um festival de acordeon inspirado em Astor Piazzola (1921 – 1992) fui arrebatado por arrepios. Acordes que violentavam minha pele, desdenhavam meus ouvidos e sem pedir licença sacudiam as entranhas. Descobri novos limites que a música poderia chegar. Uma dança visceral tomou conta de mim, cada nota arrastada rasgava pedaços com precisões cirúrgicas. Nesse ritmo cruel e visceral ponho na mala a elaboração deste encontro.

Como experimentar a rigidez dos corpos que trabalham e esquarteja-los ritmicamente?

A sala novamente desocupada de carteiras se ocupa de penumbra e uma onda verde esmeralda projetada pelo Datashow.

A chegada vai se dando aos poucos, os sapatos deixados ao lado da porta vão desapertando, também, os olhares agitados e costas cansadas por carregarem uma semana inteira.

*E não conseguia pensar em muita coisa a não ser na minha dor nas costas já habitual de sexta-feira!! (Glabela)*

Andar.

Apostar na caminhada como um exercício de atenção aos ritmos que trazemos para o ambiente. Atentar-se às celeridades que impregnam nossos músculos durante o dia e testá-las passo a passo. Ao caminhar pela sala, aos poucos ampliamos nossa capacidade de estar presente e em harmonia com as velocidades, lentidões, movimentos e repousos que circulam no presente. Perceber-se caminhando parece deixar o tempo caber em nós sem arremessar expectativas e acelerações infinitas tão conhecidas pelo contemporâneo (DOMINGUES, 2010).

*Para mim vivenciar cada exercício me traz antes de tudo, paz: uma calma interior, talvez por estar me concentrando em tudo o que nos é*

*explicado, pelo próprio ambiente em si, criado de maneira que nos permite relaxar. A música, a pouca iluminação, enfim. E daí seguimos na dinâmica...(Tonsila Palatina)*

Focar no movimento da caminhada a partir do quadril, depois a partir do joelho, depois a partir do pé. Ir se alongando e sentir a participação das articulações na caminhada e no contato com o chão. Esta sequência de contato/estiramento vai resgatando a complexidade do corpo em circular pelo espaço. Nesse sentido vamos produzindo um processo de territorialização<sup>8</sup> pela sola do pé. Esse processo vai evidenciando nossas posturas, limites e bloqueios de se articular.

*Bom, minha experiência durante o exercício foi fantástica, todo exercício corporal, em minha opinião, acaba por te colocar dentre outras coisas, mas principalmente, com todos os pudores e limites que nos impomos diariamente, nos coloca em contato com nossas paixões tristes, nossas mistificações, fantasmas e expectativas. (Hâmulo Pterigóideo)*

Segundo Foucault (2007, p.151), a partir do século XVII um diagrama de poder passa a atuar

[...] no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo - política do corpo humano.

Uma série de regulamentação do gesto participa ativamente na inscrição dos corpos. Um arranjo de poder que opera em espaços e tempos determinados.

Seguindo esta linha, Lazzarato e Negri (2001) contemporizam a análise das relações de trabalho tomando em conta a diluição e o refinamento deste poder sobre todo tecido social. O trabalho torna-se cada vez mais fluido e imaterial, porém não se

---

<sup>8</sup> A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

abandona a participação direta de um regime de poder no manejo e captura dos corpos. Um modelo de registro e controle que não apenas enrijece nossos corpos de trabalho, mas também modula as formas de cooperação coletiva. (LAZARATO, 2006).

A partir destas pistas, os exercícios que foram se desenhando no decorrer do encontro tinham o intuito de sentirmos como alguns arranjos de poder institucionais incidem sobre nossos corpos. Pouco a pouco, passamos a nos debruçar sobre nossas pressões e deformações em relação ao trabalho. Trata-se de fazer contato com nossas formas e trans-formações como um aspecto de cuidado.

Trabalhar o cuidado como um modo de aprendizagem a respeito do que colocamos em funcionamento quando incorporamos as pressões disciplinares do trabalho. Perceber se nossas configurações de trabalho estão se agenciando com uma rede de cooperações singulares ou estão coladas em um sistema que visa neutralizar e modular as relações de vida, morte, doença e saúde.

Dando sequência à tentativa de fazer sentir uma série de mecanismos que atuam constringendo nossa possibilidade de expansão, realizamos os seguintes exercícios:

*Grounding*<sup>9</sup> e respiração, fixar no solo, presença.

*Grounding* invertido.

*Grounding* deitado com os pés na parede respirando e basculando o quadril.

Em todos os exercícios se estimula para uma respiração cada vez mais profunda e intensa. Trabalhar a respiração em diferentes nuances também serve como uma forma de por em análise o quanto as instituições pelas quais transitamos nos comprimem, sufocam, produzem medo e ansiedade.

---

<sup>9</sup> Estes exercícios encontram-se descritos e problematizados em: LOWEN, Alexander; LOWEN, Leslie. **Exercícios de bioenergética**: o caminho para uma saúde vibrante. São Paulo: Agora, 1985.

Segundo GAIARSA, (1995) angustia deriva da palavra apertado, apertar, pressionar, algo que toca diretamente na diminuição da amplitude da caixa torácica. Este estado pode ser notado nas formas de alerta e prontidão que o trabalho em saúde tem adotado. Corpos sempre apostos pela lógica da urgência e aceleração na finalização de protocolos. Os problemas chegam por todos os lados, mas as respostas devem se espremer para caber nos arquivos, pastas, corredores e modelos pré-determinados.

*Em alguns momentos surgia a imagem das pessoas que poderiam me observar e depois futuramente me criticar de alguma forma, mas pensava também em seguida que: eles também estão aqui nessa, não há porque se incomodar. Deixa fluir. Os exercícios de alongamento sempre são bons, e por ser sexta-feira me preparam para a próxima semana. Entretanto quando se trata de respiração não rola. Não consigo respirar de forma "solta", como você me disse: parece que mastigo um bife duro!! E é mesmo! Tudo trava! Um saco! Meu nariz sempre tranca (em todas as experimentações e também naquela sala), fico sem ar, não consigo respirar. Fazer o que né?? Acho que vou precisar mascar o bife duro por um longo tempo...(Glabela)*

Estes momentos disparam alguns desdobramentos. Entre o grupo se faz presente a implicação por uma escolha ética de entrega aos movimentos propostos.

*Para essa experimentação também decidi (decidi de decidir mesmo) ir aberta ao que poderia acontecer. Não tenho o dom ser esquizo, mas nem por isso deixaria de tentar experimentar as sensações da experimentação. Havia novas pessoas participando do nosso grupo, o que antigamente poderia me deixar muito, muito travada. Mas tentei não pensar nas pessoas como um empecilho para a experimentação, e tentei deixar fluir. (Glabela)*

A prática desta escolha permite que o corpo em movimento se prolifere e maquine como dispositivo. Montar um dispositivo com o corpo é antes um exercício de disponibilidade.



*Com o passar da entrega onde nos fluidificamos em movimentos e encontros, posto que estávamos dispostos a isso, nos fundíamos ao mix de sensações que as variações musicais e do exercício iam provocando. Não que com isso os pudores e limites fossem igualmente dissolvidos, mas certamente encontravam-se deliberadamente mais frouxos. (Hâmulo Pterigóideo)*

Com os corpos deitados de costas e os pés se apoiando nas paredes se faz uma chamada. Junto ao ritmo da música se pede para experimentar movimentos de expansão e contração apenas com quadril. Uma forma de acender esta parte do corpo tão sequestrada por pudores e pecados. Assim como um teatro da peste proposto por Artaud (2006) tentamos por em evidencia o contágio e a proliferação dos afetos. Deixar os movimentos inaugurados pelo quadril se espalharem por todo o corpo, ganhando a sala, fugindo da pele e atingindo sua expansão e contaminação máxima.

A sala explode em estilhaços de movimentos. Os gestos vão se tornando cada vez mais refinados e acoplados com a música. Os corpos parecem descobrir novas dobras tornando-se cada vez mais fluido.

*Confesso que saio da minha realidade dura e travada e viajo numa onda de bons sentimentos, de libertação de um "não sei o que", mas que me inspira exatamente isso - um desprendimento completo das minhas "durezas", que me permite ser um outro alguém, ou melhor, ser eu mesma, mas ser o meu eu que se encontra preso dentro de mim, e nada melhor do que essa libertação de amarras. (Tonsila Palatina)*

Já não era possível fazer comparações com os corpos que entraram na sala, a diferença se instaurou, era preciso guardar um momento para dar consistência a este novo território experidançado<sup>10</sup>. No plano sentado trocamos olhares atentos a

---

<sup>10</sup> Trata-se de um neologismo – experimentar com dança.

um regime de afetos que não representa como estamos, mas opera na variação contínua de nós mesmos.

Com troca de olhares formam-se duplas, ainda sentados, uma pessoa da dupla deve mover a coluna a partir do toque do outro. O toque vai se dando pela ponta dos dedos em diferentes pontos. Uma imagem me domina, um participante que se movia apenas como um bloco começa a serpentear a coluna liquefazendo até meu olhar.

Aos poucos, de pé, caminhamos e a proposta era a seguinte – um abraço de três pessoas, no qual uma ficava no meio soltando o corpo inteiro e duas sustentavam o corpo que se soltava se abraçando firme. Este exercício surgiu a partir de um desejo de abraço que foi ganhando forma em mim enquanto o grupo se entregava aos movimentos. Trata-se de um trabalho do corpo do pesquisador que por estar mobilizando cargas afetivas com o grupo também se mobiliza.

Ao se colocar em movimento o grupo brinda incessantemente seus corpos com conceitos inesperados. Este processo desloca o corpo do pesquisador que se encharca com doses incríveis de multiplicidade. Torna-se importante um exercício de abertura corporal constante do pesquisador para receber, ressoar e vibrar junto. Por isso surgem improvisações e criações de exercícios que aparecem espontaneamente.

Atuar desta forma parece garantir consistência à proposta de incorporar conceitos e aprender a sentir o cuidado como um elemento leve e sinestésico. Experimentar desejo e movimento como forma de produção tal como estes se agenciam no grupo cria um espaço de sintonia entre o que se experimenta e o que podemos colocar em análise. Parece garantir uma coerência entre o que se quer debater e o co-vivido.

*O abraço em trio foi outro momento de novidade. Um abraço diferente, gostoso, momento também de confiar no colega. Deu vontade de ficar "dentro do abraço" por muito tempo. (Glabela)*

Agora em duplas, um parado vira um boneco montado para que outro desajuste as posturas eretas e acione um novo andar, um corpo bizarro. Uma forma de sensibilizar para possibilidade de deformação e estranheza dos corpos.

Em seguida ambos param e refletem sobre a montagem do corpo que o trabalho produz em si – intensificar essa deformação ao máximo e elaborar um encontro entre os corpos deformados pelo trabalho. Este encontro foi levado ao som de uma sucessão de tangos. Colocamo-nos em experiência para sentir o que essa estética do encontro poderia produzir.

Ao longo da música congelavam os movimentos para que novos corpos descodificados pelo envolvimento se encontrem outra vez.

*O que mais me surpreendia à medida que as atividades se desenrolavam era que, o mais difícil não era formar e estar na posição do trabalho, mas sim sair dela. E como se não bastasse, após todo esforço, o medo e a insegurança de não saber o que fazer ao se perceber livre daquela posição enrijecida e viciada invadia meu corpo e vibrava com os sons da trilha sonora, como se eu não soubesse se queria mesmo sair ou voltar daquela posição. (Hâmulo Pterigóideo)*

*No momento em que tivemos que nos construir como trabalhamos, nunca imaginei que pudesse construir algo tão bizarro, mas imaginei menos ainda poder desconstruir isto (que me faz mal) de maneira que me levou a um outro estado de ser... cuidando e sendo cuidada... me permitindo desmanchar todo o peso que me assolava e à minha dupla... e disso sair movimentos leves como numa dança, o que me fez vibrar...(Tonsila Palatina)*

*No ultimo encontro do grupo rizoma pude perceber como estamos amarrados a uma deformidade no nosso trabalho e como é difícil se livrar dessa forma. É uma forma que nos aprisiona, que nos impede de agir, que nos faz paralisar. Através do que foi vivenciado no grupo isso ficou muito mais claro, um endurecimento que entra na gente, sem a gente perceber e acaba nos dominando. Ao mesmo tempo vivenciar*

*esse momento foi de grande importância, pois proporcionou um bem estar que a há muito tempo não sentia, pude reconhecer e ter consciência desse endurecimento, para devagarinho ir tentando mudar as coisas de alguma maneira. (Tróclea)*

*Nesse encontro não teve repugnância, mas tivemos a posição do trabalho. Tentar desfazer essa posição foi muito bom também, principalmente desfazê-la em dupla. Parece que deu mais força, coragem, segurança para sair daquela posição. (Glabela)*

Após um tempo de experimentação, abrimos uma roda e cada dupla apresentou o encontro para todos – a única repetição possível era a repetição da diferença. Os arrepios foram ganhando a sala a cada com-passo libertário que surgia.

*Difícil trazer em palavras, pois até no movimento quando trazemos de novo, não se repete, nem a sensação. É uma novidade. Aqui também. Agora. Eu não sei também, mas vai vindo. Então já que veio o movimento se repetindo, acho hora boa de falar da engenhoca Lúnula-Grácil. Que tremedeira e força na perna provocada pelo trabalho. E que força, até com dor e desconforto para encontrar a outra engrenagem. E no encontro, nossa!! Um tempo sustentei a cabeça dela na perna. Ai! Minha perna. Tremendo, forçando – parecia que ia arriar e desmontar, desfazer. E foi. Sustentei até onde deu. Logo fui sustentada, e passa de um para o outro. Íamos nos fazendo, des-fazendo, re-fazendo. E de novo, vamos montar o corpo do trabalho. Agora componha.*

*Já é outra. Bem leve. Mentira, no início muito endurecida, doída e tremida. BOOOM..TRAC...SHOC..XXXXXX*

*Que fantástico... impressionante. Como foi cheio de afeto, vida, vibração boa. Uma plenitude. Ecoando numa dança que veio de uma dor/desconforto. Mas na hora da dança, nem se lembra donde é que vem, nem em que hora. E nem imagino quanto tempo durou, ou quais movimentos foram feitos. Mas o que me faz lembrança e tenho de novo essa sensação – de uma alegria imensa – que extravasou de mim, da Grácil, dos corpos da sala, ar, luz verde do Datashow, se juntou ao*

*grupo e vivemos instantes de conexão muito forte. Não acabou naquela hora. Ainda está aqui e agora. (Lúnula)*

A última dupla intensificava cada vibração e pedia cada vez mais movimento. Intervimos unindo todos os participantes ao convite silencioso que a dupla estava fazendo - Os corpos podem se misturar. Neste momento salta a produção de um conceito que dança entre sorrisos e composições.

Esta experiência coletiva desconstrói a ideia de EU como identidade. Após este encontro era possível operar com outra concepção de EU. Parece interessante inventar o conceito de EU como EU-VENTO. Trata-se da produção de si como um sujeito imerso num mar de eventualidades, quando se percebe no ambiente não se reconhece como o mesmo – eu como um evento constante - aparecer num lugar que nunca imaginou estar.

Tratamos também com a ideia de eu como vento. Existir como matéria de disseminação, produzir-se na produção de encontros. Conseguir planar por entre a vontade das coisas, por suas resistências, aproveitando todas as oportunidades que elas concedem e deixar-se contrariar, deixar-se surpreender. Confiar na disseminação como uma força de criação que atrai, partilha e desaparece na mistura de corpos.

*Sensação semelhante e certamente mais intensa tive ao nos unirmos todos numa única bola de corpos se desconstruindo e reconstruindo, sentindo a vibração boa na atmosfera do momento... Era como se fossemos todos uma única bola de energia habitando aquela massa de corpos desprendidos. Foi extasiante!! Sem mais palavras...(Tonsila Palatina)*

*Foi um encontro bem legal, e no fim nem mais percebia quem era de fora, quem era novato, quem era antigo, quem era quem. (Glabela)*

*Não sabia o que era cabeça, o que era pé o que era meu o que era do outro, parecia uma bola de luz branca cuidando de todo mundo. (Tróclea)*

Parece que experimentamos uma destituição das formas, uma força de crueldade que violentou nosso sistema representativo a ponto de compartilharmos uma experiência de dissolução. Tal conceito de crueldade se configura como uma potencia de passagem de vida nas estruturas, uma destruição criativa que incide sobre todas as formas (ARTAUD, 2006). Destaca-se uma forte aprendizagem de cuidado. Cuidado participando como uma ferramenta de desterritorialização, no qual podemos desfazer limites com amparo. Cuidado como aliado para que a formação em saúde não for-mate a Saúde. Precisamos também aprender a deformar nossas certezas. Aprender a se formar e destituir-se de si, encontrar saúde nos limiares e se juntar ao que espera por lá, sentir saúde em nossas potencias de agir e variações nas formas de existir.

*A conclusão após a discussão e a grande vantagem para mim foi perceber que, toda aquela falta de posição era na verdade, o prelúdio de uma potencia pronta para fluir e compor novos encontros. Ao ouvir novamente uma das musicas daquele momento para escrever este relato percebi que lateja, que é imanente agora a vontade de novas composições, de compor bons encontros, mesmo que minhas articulações ainda estejam meio tortas e enferrujadas. Vou apelar para um clichê e dizer que o exercício me lembrou de que eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo....(Hâmulo Pterigóideo)*

Após misturas, toques, ritmos e rodopios em um só bloco nos separamos. Cada um inventava sua nova caminhada. Aos poucos, um a um, iam para o chão e recebia de todas as mãos do grupo uma sacudida coletiva. Cada participante segurava uma parte do corpo de quem estava deitado e sacudia a sua maneira.

*Além disso, um momento lindo de interação e relaxamento com o nosso grupo, que sempre faz com que a gente saia do encontro muito mais leve do que entrou. É terapêutico!!! (Tróclea)*

O debate começa circulando pela experiência de dissolução de si e como isso foi intenso para o grupo. Os olhares se cruzavam com reciprocidade. Cada frase colocada na roda pareceu ter sido vivenciada de forma comum.

*Percebi também que o grupo já é um grupo. Não está ali para cumprir uma tarefa, um horário, estamos ali porque realmente gostamos, nos sentimos bem e acolhidos independente do que irá acontecer nas sextas. (Glabela)*

As formas de trabalho também ganharam destaque na conversa. Surgiram fortes surpresas em relação ao corpo que se estavam produzindo no trabalho, corpos endurecidos, posições que produziam dor, formas que impediam o contato com os outros e não conseguiam se desmontar.

Colocamos em análise como não são apenas os usuários de saúde que entram deformados pela doença. Todos nós de certa maneira estamos sofrendo pressões que incidem de forma direta em nossos corpos. Precisamos então fortalecer as possibilidades de encontros para que as formas enrijecidas ganhem pontos de contato e apoio na produção de cuidado em saúde.

Uma surpresa aparece ao receber os relatos escritos após o encontro. As palavras parecem não dar conta do que foi vivido e sem combinar nada recebo, via midiática, relatos em forma de poesia. Torna-se evidente que inventar um corpo também é inventar uma linguagem.

Uma linguagem que começa na pele, na embocadura dos poros. Uma qualidade rítmica do poema que se ativa pelos ritmos próprios do corpo: o latejar do sangue dos músculos roçados pela afetividade com uma multidão de estímulos e conexões não verbais. (VIESENTEINER, 2011). Quando o corpo e não apenas o tímpano vibra - é mais fácil escutar poesia. Neste sentido nos implicamos por um conjunto de práticas ativas na produção de menos palavras de ordem e mais palavras de passagem. (GUATTARI, 1988)

*Essas palavras não são nada em vista do que foi. Se quer saber e provar, sugiro experimentar e experimentar. Façamos mais. Em corpo, afeto, todos os sentidos, é que extrapola palavras, razão, hierarquia, artigos, Capes. (Lúnula)*

Surgem desejos de produzir uma escrita que extravasa toda a matéria vivível ou vivida. Palavras em processo, nunca finalizadas, passagem de afetos que atravessam as conformidades do vivido. Segundo Deleuze (2011) a literatura funciona como tarefa de saúde quando disparam processos que se encontravam interrompidos, impedidos e/ou demasiados preenchidos. A doença não seria então processo, mas paragem de processo.

Neste encontro experimentamos coisas demasiado grandes, demasiado fortes a ponto de nos deformar, irrespiráveis a ponto de mascar bifés. Onde se parecia ter esgotado as passagens de vida, conseguimos inventar novos ritmos, novas montagens de corpo, novas linguagens. Se a literatura é uma tarefa de saúde, pois bem, suavemente, já estamos versando saúde.

#### *SURPREENDENTE*

*Vejo nossa força. Sinto*

*O que se dá a inventar*

*Uma vidas*

*Que pulsa. Transborda. Vida.*

*Bem querer, saúde, amor, paz*

*Tranquilidade*

*Bem delicada. (Lúnula)*

*expressão impressão compressão depressão*

*expresso os fluxos fluidos do ser*

*impressa na pele esticada e ampliada em planos e colinas*

*sinto o ser fluir e defluir*

*posso expressar*

*poço profundo de ser*

*estar com fluir fluir fluir*



*linhas curvas que se trançam e se encontram  
rizomas internos que se fazem externos  
encontros expressos e afetos diversos  
afetos afectos infectos  
suprir devir devir expresso*

*Querido Thiago como posso eu lhe dizer o que foi nosso encontro na última sexta Rizomática? Está aí eu que nunca me arrisquei em escrever poemas me vejo nesse devir poeta, sem ser. Grande abraço com muito afeto a todos vocês que nos fizeram estar juntos... (Grácil)*

*O encontro do dia 26/07 foi único e vivi uma experiência difícil de traduzir em palavras tamanha a força dos sentimentos e impressões vividas naquele momento sem igual. Por isso para traduzi-lo deixo uma canção de Dulce Pontes "Ondeia"<sup>11</sup>. Tal qual a força e impetuosidade do mar foram as sensações vividas nesse encontro. (Humor Aquoso)*

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3WFHIfMOERc>.

### 6.3 Clínica do cuidado anatômico



Figura 6 - Clínica do cuidado anatômico RABELLO, Ernesto Grillo. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



**Figura 7 - Clínica do cuidado anatômico**

RABELLO, Ernesto Grillo. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



**Figura 8 - Clínica do cuidado anatômico**

RABELLO, Ernesto Grillo. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



**Figura 9 - Clínica do cuidado anatômico**

RABELLO, Ernesto Grillo. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



**Figura 10 - Clínica do cuidado anatômico**

RABELLO, Ernesto Grillo. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]

Esta clínica se arranja a partir de uma proposição do suporte, os limites do quanto se suporta em cada situação. Refere-se a sutileza que habita entre desorientar e reorientar afetos na perspectiva do cuidado. Tendo em vista um método implicado na interação, torna-se relevante um constante plano atencional para com-sentir as vibrações do grupo. É preciso estar atento à quais direções micropolíticas o pesquisador suporta propor com o grupo, visto que o encontro compromete tudo a que dele se aproxima (GUATARRI, 1988), ou seja, as matérias de opção micropolítica, as formas de coerção e os dispositivos experimentados pelo grupo se agenciam constantemente nos corpos da pesquisa e arrastam tudo o que encontra. Desta forma se elimina qualquer possibilidade de neutralidade por parte do pesquisador. Neste sentido momentos antes de estar com o grupo e durante o processo grupal é feito um exercício rigoroso de atenção aos usos de si para sentir e fortalecer aquilo que se irá propor. Não se trata, portanto de apenas lançar exercícios programados, sem estar em sintonia com seus pontos de singularidades, os exercícios não são repetições de técnicas prontas, mas canais de contato e passagem, disparadores de multiplicidade.

Destacamos então um constante exercício de autoanálise para perceber se há uma consonância entre o que será experimentado e os pontos de apoio disponibilizados para o grupo. Nestes pontos podemos indicar: implicação do pesquisador, disposição do grupo, espaços para organizar e expressar o que foi sensibilizado... Trata-se de uma prudência para garantir consistência e núcleos maquínicos (GUATARRI, 1988). Por núcleos maquínicos podemos entender como um processo analisador que articula as heterogeneidades do grupo sobrepondo os elementos mais rígidos e ordinários as novidades sensíveis que surgem.

Tal processo criador organiza entre si um “meio interior”, articulando as experiências abstratas vividas com os modos mais eficientes de expressão, de maneira que se desenvolva uma nova política de existir passando por pontes de escrita, linguagem, novas paisagens e fisionomias que se descolam das estruturas sociais estereotipadas e criam novas relações entre sujeito, instituição e desejo.

Esta narrativa aparece especificamente nesta clínica, pois devido alguns intemperismos do dia a montagem da clínica foi completamente reformulada três

horas antes de começar o grupo. Em todos os grupos, mesmo planejando alguns exercícios anteriormente, cada clínica preserva um ineditismo único, próprio de qualquer trabalho em ato (MERHY, 2002).

Neste sentido não iremos dizer da clínica quais foram as mudanças e reformulações que se deram. Seguiremos com a obra como se deu, pois neste estudo não se trata de modelos, mas de táticas. Táticas por uma micropolítica do cuidado que tangenciam as mudanças em curso e se extinguem tão logo possível.

Os corpos chegam, os rostos trazem expressões desanimadas e vozes cansadas, a sala se apronta de luz azul e uma vontade de acolhimento arranha em minha pele rasuras de suavidade.

Aos poucos vamos tomando a sala para deitar e se espreguiçar. Montamos um momento de parada para perceber a respiração – aonde chega o ar, aonde solta o ar, mapeando como o ar está pulsando em nosso corpo.

Em seguida trazemos o máximo de ar possível para o pulmão, uma vez cheio, fazemos força para soltar bloqueando a passagem, quando não aguentar mais libera de vez o ar. Propõe-se esse exercício para desestruturar um pouco os padrões respiratórios, um modo de estimular outras experiências palpáveis, pois temos a respiração como uma ação contínua de conexão com o planeta. (KELEMAN, 1992).

Uma vez desajustado alguns padrões que constringiam o pulso respiratório apostamos em movimentos de harmonização, uma participação completa do corpo que em movimento respondia a cada troca com o ar. Com os braços paralelos ao solo inspirar abrindo o peito e expirar fechando, em seguida com o quadril, pés, mãos, todas as articulações.

Tudo que se articulava no corpo passou a se articular com o ar. O corpo passa a se encher e se esvaziar de ambiente, cada vez mais, corpo como clima. Apostamos na possibilidade de aprender a se encher de possível - “Aprender a respirar talvez signifique aprender a acontecer” (GAIARSA, 1987, p. 52).



Em seguida mudando para o plano sentado experimentamos um exercício liberando a voz entonando como um mantra cada vogal. Depois das vogais, se tocar, usar as mãos para se fazer presente, passear com a mão sobre as formas do corpo e arrumar uma maneira de ficar em pé.

Provocações são lançadas enquanto caminham:

Conhecer o plano de pé, mapear o corpo andando, como se faz presente neste espaço?

Como este corpo responde a sala, e as outras pessoas?

Como é a relação entre corpos com este corpo que chega à sala?

Não se trata de uma conscientização corporal encerrada em mapas somáticos, mas uma forma de atenção capaz de discernir as orientações do desejo e desconsustanciar as cristalizações do poder sobre o corpo. Uma atividade que dá passagem para consistência de corpos sensíveis.

Em seguida, ainda caminhando, os corpos se aproximam, propomos acelerar o máximo possível a caminhada, acelerar o ritmo como aquecimento e experiência. Diversas modulações do aproximar em velocidades que não permitem racionalizações. Passamos a instigar todos os sentidos para que os corpos não esbarrem. Assim, formas inovadoras de se mover e se arriscar ganham forma pela sala.

Uma participante não suportou a velocidade e se afastou do grupo, enquanto outros compartilham a seguinte experiência ao final do encontro

*Eu me senti bem na hora da velocidade era como se quando aumentasse a velocidade mais ágil os meus sentidos ficavam, quanto mais rápido mais interessante parecia – rapidez de sentidos – quando mais se aumentava a velocidade mais sentidos tinham que ser*

*colocados para atuar. As dimensões e distancia dos braços para não encostar esses sentidos iam além da visão. (Humor Aquoso)*

*Eu achei divertido e pensar na aceleração como desafio ia me tirando outros pensamentos. Eu senti quando eu estava rápido era uma sensação de desafio, nisso eu me diverti e esqueci completamente das outras coisas. (Tonsila Palatina)*

*No momento da velocidade veio uma sensação de fluxo. Teve um momento que virou um fluxo e eu só podia ver como eu entrava nisso. (Úmero)*

Desta forma, a dimensão do suporte entra no processo do cuidado. Um procedimento de escolhas micropolíticas opta pela aceleração ou diminuição de uma mutação interna com vias de facilitar uma transição existencial. Ou seja, não está na aceleração ou diminuição dos corpos a mudança em si, mas em como estas qualidades se agenciam em cada corpo.

Não focamos apenas em velocidades, mas em componentes de mutabilidade. Propomos então, explorar ao máximo as vias de passagem, não as velocidades em si, pois necessariamente em cada encontro, os elementos mutacionais irão se acomodar, desapertando alguns arranjos opressivos e respeitando os tempos do processo de cada corpo.

*A velocidade me faz mal fico completamente perdida, mas nos outros momentos eu me misturava, era como se eu e o outro fosse uma coisa só. (Helicotrema)*

Após alguns minutos, desfizemos a aceleração e voltamos a caminhar pela sala com um ritmo mais lento. Ao caminhar outra proposta se faz: tentar construir uma palavra que impede seu corpo de se encontrar com o outro. Aonde e qual palavra trava sua relação com os outros?

Os participantes escreveram em um pedaço de papel e caminharam com o papel amassado grudado no lugar que em que se sentiam travados. Após perceber as nuances que a palavra modificava na caminhada e no encontro com os outros - em duplas nos espalhamos pela sala. Foi pedido para que as bolinhas de papel fossem guardadas.

Uma música de fundo serena e instrumental chega junto com um convite de massagem.

As duplas imergem no convite para experimentar os enlaces de um toque, sentir saúde e produzir cuidado na simplicidade do toque. Um corpo que expande, que ganha potencia de agir, também precisa de continência, modos de tateio com o mundo. Propomos esta produção nas trocas de peles e intenções.

Neste momento tratamos o processo de cuidar como uma artesanaria. Levamos o encontro às últimas consequências do aproximar - um trabalho manual do cuidado. Pensar no profissional de saúde como um artífice abre caminhos para uma capacidade de resistir ao puro consumo de produtos e procedimentos de saúde jogados sempre antecipadamente.

Treinar a habilidade do toque como uma forma de desenvolver pensamento, uma possibilidade de pensar e formar saúde. Sincronizar o corpo com os acontecimentos do encontro e se envolver emocionalmente e intelectualmente com o trabalho.

Com as mãos cerradas esfregar e escovar a pele do outro em seguida alcançar os ossos, massagear os ossos. Na sequência, esquentar as mão e colocar nos órgãos internos, suavidade, liberar juntos travas, bloqueios, medos, estreitar cada vez mais o encontro. Por fim, massagear os músculos.

Ao percorrer nossas mãos, não nos preocupamos em definir um corpo por seus órgãos ou funções, mas por suas intensidades de afeto. Definimos, portanto um corpo a partir das relações de movimento e repouso, de lentidão e velocidade, além de seu poder de afetar e ser afetado. Relações estas que compõem um indivíduo, que o decompõem ou o modificam , aumentando ou diminuindo sua potência de agir

(DELEUZE; GUATTARI, 1997). Ou seja, um corpo complexo e aberto que não existe apenas por formas e funções, mas pelos afetos que ele é capaz.

Tal corpo vive as relações pelo meio. Desliza e se conjuga entre as coisas, fluxos e conexões que nos metamorfoseiam e produzem maneiras de viver por entre os afetos. Uma anatomia afetiva, afetos que constituem anatomias, uma arquitetura vivente com bordas móveis e flutuações de fronteiras (LIBERMAN, 2008). Por tais relações somos introduzidos pelo meio, abraçando e demarcando ritmos (DELEUZE, 2002), um exercício ético que proporciona práticas de um pensamento tátil.

- *Um corpo mais maleável, mais adaptável, mais conectável (Hâmulo Pterigóideo)*
- *Mais ligável. (Grácil)*
- *Exatamente. (Hâmulo Pterigóideo)*

Artífice, o artesão, aquele mergulha em materialidades, agencia-se, joga com afetos e corre o risco do fazer - contemplando suas consequências. Neste momento nos interessamos em intensificar um sujeito de experiência que por meio do tato, manipulando as camadas do corpo experimenta aproximações e sensibilidades. Sua invenção emerge da ação. Em meio a toques, pontos de transformação insistem em construir sua passagem e contagiam pelos detalhes, o seu agir.

“A ideia da experiência como ofício contesta o tipo de subjetividade que prospera no puro e simples processo de sentir.” (SENNETT, 2009. p. 322). Durante a massagem a postamos no toque como uma tática para construir técnicas de experiência, uma experiência que inala as impressões do corpo, amacia histórias e carnes duras, contorna os desejos silenciosos da pele, recebe afetos e desenha a sinestesia do cuidado.

*O legal é ir voltar pro ritmo sentindo tudo isso, porque a gente fica muito agitada durante a semana e a gente acha que vai chegar em casa e vai resolver – mas lá a gente não vai resolver nada – depois de passar por isso eu não quero mais chegar para resolver não quero*

*pensar em nada que esta fora do que eu posso tocar, quem vai resolver agora é o banco. (Humor Aquoso)*

*Quando eu fico envolvida com a massagem é como se eu e a pessoa fosse uma coisa só. É tão envolvida com o ato e o tato que eu não consigo diferenciar. (Helicotrema)*

Conforme sustenta Richard Sennett, o artífice era conhecido na Grécia Antiga como demioergos<sup>12</sup>, ou seja, a junção dos termos: público (demios) e produtivo (ergos), o que lhe conferia a forma daquele que produzia para si e para o coletivo, como expressão de uma “condição humana especial: a do engajamento.”<sup>13</sup> A capacidade de nosso corpo para moldar coisas materiais são as mesmas a que recorreremos nas relações sociais (SENNETT, 2009).

Quando os participantes, nesta clínica, se veem conhecendo os limites incertos do corpo e provocando rachaduras nos mapas anatômicos a saúde alcança sua qualidade de coletiva. Afinal a vida passa a ser compartilhada como um bem comum, um canal de passagem modelado por nossas próprias mãos. Destruir corpos travados, acolher corpos acelerados e aproximar corpos distantes são formas de agenciar um cuidado cada vez mais participativo. Perceber-se aprimorando técnicas da experiência influencia diretamente nosso t(r)ato com os outros.

As duplas trocam de posição, quem massageava agora recebe, não antes de uma despedida somática (FREIRE, 1991), ou seja, um tempo para sentir o que nos passa e acomodar o poder transformacional deste encontro.

As palavras somem, o ar ganha cores e texturas de **envolvimento**, parece que os pensamentos param de sobrevoar e acelerar – o pensamento se mistura o tempo todo com uma dedicação ao outro.

A respiração acha outro ritmo, se desfazem testas franzidas por intensas correntes eletrônicas cheias de pensamentos para uma experiência mais tissular.

---

<sup>12</sup> (SENNETT, 2009, p.32)

<sup>13</sup> (SENNETT, 2009, p.30)

Nesta clínica parece que quanto menos falar, mais próximo se está do cuidado. O cuidado como nevoa, algo que apenas envolve um nada mais. O resgate a uma simplicidade não objetiva.

Atualmente destaca-se um sistema de saúde que fragmenta cura e cuidado por meio de serviços hiper-especializados (CECCIM; MERHY, 2013).

Porém, quando a palavra não se inunda pelos modos de produção que serializam e reificam a saúde. Quando a palavra é escovada pelo silêncio e modelada pelo encontro dos corpos, parecemos exercitar um resgate etimológico da palavra cura. A palavra cura deriva do latim *curāre*: ter cuidados com, cuidar de, ocupar-se de, vigiar; vigiar a execução; preocupar-se com; ocupar-se, fazer o necessário. Um radical que atravessa todas as práticas de saúde e ganha consistência no grupo como integrado na produção de cuidado.

Vivemos uma hora de silêncio e atenção.

Momento em que a pesquisa e o pesquisador e tudo se silenciou.



De acordo com Foucault (2007), o ordinário, a obscuridade, a vida comum passa e deve ser dita, e mais, escrita. O discurso vai atravessar e vigiar vidas na produção de normas e monstros (FOUCAULT, 2001). E no lugar da confissão religiosa, utiliza-se a denúncia, a queixa, o relatório, o interrogatório, anamíneses. O poder que se exercerá será constituído por uma rede fina, contínua, onde se disseminam as instituições da medicina, da justiça, da política, da psiquiatria.

Deste modo, tudo que se diz é registrado por escrito, acumulado, constitui arquivos. Surgem diferentes formas de relação entre o poder, o discurso e o cotidiano, é preciso fazer falar sobre as vidas, as vidas passam a ganhar estatutos de registro para que possam ser categorizadas, comparadas, moralizadas e nutridas por toda uma inteligibilidade que o ocidente se encarregou de assentar sobre nossos gestos e nossas maneiras de agir.

O discurso que irá se formar terá a presunção da observação e da neutralidade e irá produzir uma montagem abundante de registros que vai almejar gerir e ordenar os corpos de forma intrincada, e por isso mais eficiente. Distribuição, assim, num complexo circuito de poder. Aprender com o silêncio é aprender a resistir ao registro e controle de vidas. No contemporâneo, como afirma Deleuze (1992), o falar seria constantemente evocado,

[...] de modo que o problema não é mais fazer com que as pessoas se expressem, mas arranjar vacúolos de solidão e de silêncio a partir dos quais elas teriam, enfim, algo a dizer. As forças repressivas não impedem as pessoas de se exprimir, ao contrário, elas as forçam a se exprimir. (DELEUZE, 1992.p.162)

Entre as mensagens construímos um silêncio que escapa das capturas e malhas de significados definitivos, um silêncio que vai ao encontro do ainda não, ao que virá, em contraste com a diferença ruidosa, plena de significados claros e previsíveis, encontrada nas práticas do poder e nos modos de saber em saúde.

Silêncio como disparador de sentidos, um campo intensivo onde agenciamentos operam na articulação de novos corpos. Uma relação que suavemente acomoda os desapertos da vida cotidiana e assim ao seu próprio tempo cumpre as



desestratificações necessárias com o objetivo somente de atualizar novos sentidos nas situações em que tudo parecia ser jogado anteriormente.

Movimentos silenciosos onde os olhos nada têm para interpretar, apenas assistir novos agenciamentos surgindo com uma potencia invisível que penetra até mesmo onde não frestas (Lao-Tzu, 1987). Um silêncio debruçado sobre os corpos que abre espaço para uma possibilização aberta, ou seja, monta rastros de desterritorialização para modos de sentir inovadores. O silêncio no movimento passa a trilhar por uma política de desejo que antecede os objetos especificados pelos gritos do cotidiano. Emergem sensações absolutamente novas, lisas de sentido e que, portanto, podem subverter qualquer lógica de causalidade ou categorizações.

Ao fim da massagem as duplas sentam-se uns de frente para os outros, momentos incalculáveis de olhos nos olhos. Ainda em silêncio, outro tipo de engrenagem, delicadamente, começa a romper com o silêncio. Dos corpos cansados e distantes uma mutação começa a ranger aos sons de abraços e sorrisos que espontaneamente se pulverizaram pela sala.

*Eu senti aqui, e cada encontro que passa eu sinto mais intensidade no encontro com outro corpo. Fico menos desavontade, fico mais a vontade de esbarrar nos outros de fazer e deixar acontecer e passa tudo, hoje deu pra perceber que quanto mais a gente faz mais a gente se aproxima. Aqui a gente trabalha pra perder esse pudor imposto. (Tonsila Palatina)*

Sentados, ainda em duplas, conversamos sobre como foi o momento vivido, compartilhando experiências que já haviam sido compartilhadas no registro do silêncio.

Caminhando, para se finalizar o encontro, retomamos um elemento inicial, a bola de papel com a palavra que impedia e travava nossos corpos de se encontrar. Passamos a caminhar pela sala com a bola de papel na mão, mas os corpos pareciam não reconhecer mais aquilo que antes criava quinas para o encontro. Peço para deixar então que a bolinha ganhe seu movimento próprio, ganhando

velocidade, intensidade e tensão. Um corpo que experimentou cuidados e toques silenciosos agora cuida do que o constrangia.

Aos poucos esses movimentos ganham característica de dança e em duplas tocavam-se apenas as bolinhas de papel. Com as bolinhas unidas se inicia um movimento de dança e improvisação, um movimento sem hierarquia apenas sintonia e entrega. Um exercício de se deixar levar pela dança improvisada que surgia da escuta poética dos nossos corpos.

*Eu fui criando outras palavras e outros sentidos que foram eliminando aquele sentimento que estava escrito na bolinha. Então a partir de que eu me envolvia com a outra pessoa, eu me fixava e pensava por deixa eu receber a bolinha dela ou os sentimentos sentidos dela, e fui me desligando e sentindo outra coisa e quando eu vi ela não estava mais na minha mão. (Hioide)*

Segundo Farina (2006) algumas técnicas provocam, a partir do contato e da improvisação, perda do eixo do equilíbrio que orienta as relações, o que pode significar singelas ou grandes alterações em nossa sensibilidade e nos levar a uma nova reformulação de se relacionar com os acontecimentos.

*Você não é mais o seu corpo, um corpo só – tem o corpo do outro seria uma nova coisa que é aquilo que não está na bolinha. (Tróclea)*

O conteúdo escrito nas bolas de papel não participava mais do que estava se criando no grupo, foram sendo abandonadas de forma autônoma e o grupo passa a dançar junto, colados, tocados por um ritmo coletivo.

*Eu também acho que foi como se tivesse conseguido um toque daqui um toque dali achar um meio termo entre a velocidade que eu queria, a velocidade do que a bolinha representava, a palavra representava pra mim. E eu acho que a gente sofre muito quando não consegue achar esse meio termo, não consegue nem acompanhar nem fazer os outros nos acompanhar na velocidade que a gente quer. O que eu percebi é*

*que eu estava querendo uma velocidade diferente e não consegui achar ali um meio termo encontrar esse meio termo mesmo. Acho que a palavra é bem essa consegui fazer o que eu preciso no tempo em que as coisas acontecem. Ai você se encaixa e vê o meio termo, no final ali tocando junto sentindo a interação com o outro passando por todos os poros do corpo, ai você ve que é tão pequeno o que estava escrito na bolinha, você pode tão mais quando você acha um meio termo, você acha uma conexão, você se sente mais potente. (Hâmulo Pterigóideo)*

Em uma roda fomos dando novas palavras e sons para os corpos construídos nessa clínica, nos vimos abraçados, rodando em dança e tranquilidade.

*Tranquilidade, mas feliz também né? Engraçado que da uma felicidade na gente. Nuvem, coisa boa. (Tonsila Palatina)*

*Fez bem demais (Hâmulo Pterigóideo)*

*Calma. (Tróclea)*

*Vive vive com pressa assim tututututut, e não vai dar tempo hmmmmmmaaaa, ai derrepente você para e essa correria toda esta por fora – que isso? Você vai atropelando você não sente, você passa o dia e não teve percepção nenhuma, sensação nenhuma, ai você para aqui e tanta coisa que você vai sentindo que durante o dia você nem percebe. (Hioide)*

*Senti muita liberação de energia, não era de esforço. (Humor Aquoso)*

*Teve uma vibração experimentei uma sensação de dor intensa na base da cabeça, no meio do exercício eu lembrei de episódios fora daqui, quando você vai se soltando a dor passa. (Hioide)*

Por fim em roda uma pergunta: Como seria uma aula de anatomia com toque?

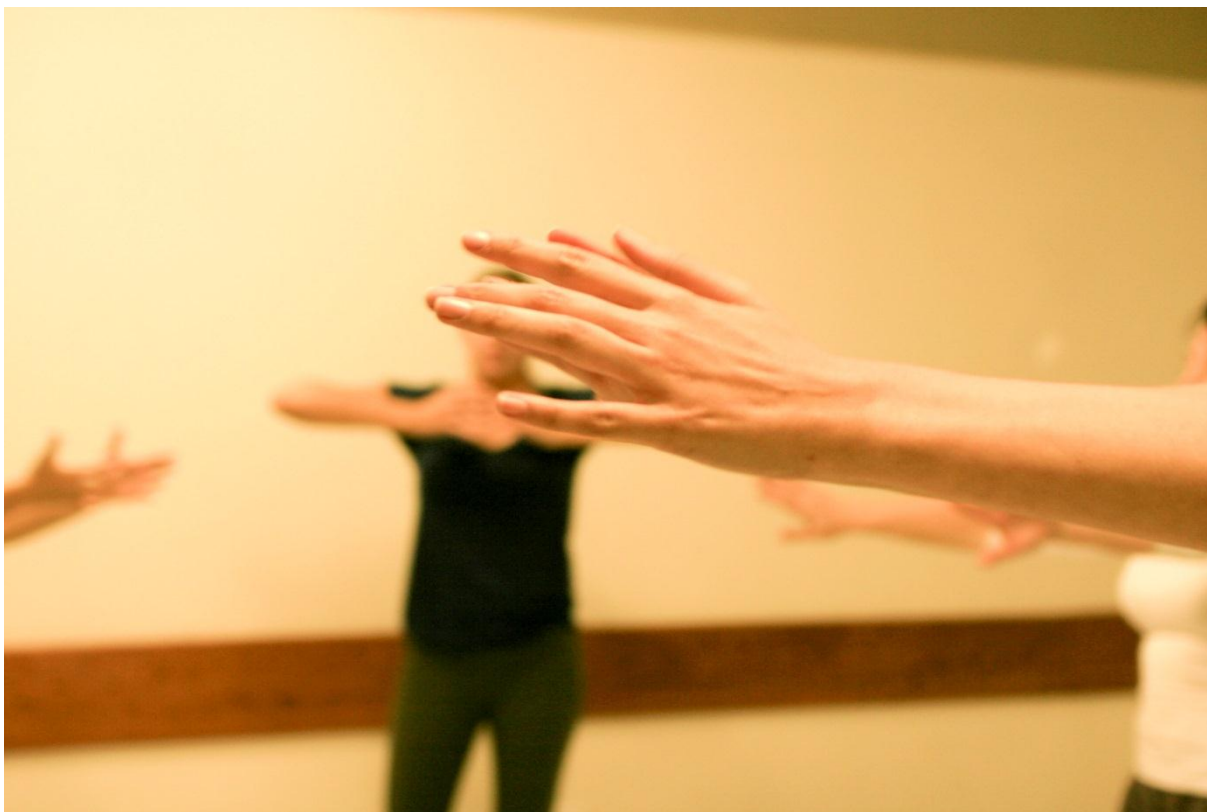
- *Seria a gente apalpar todos os cantos e tentar reconhecer através do toque a forma o contorno a textura. (Tonsila Palatina)*
  
- *Seria uma anatomia viva. (Helicotrema)*
  
- *Deixaria de ser um reconhecimento visual, porque você não cheirou, não sentiu. Seria mais humano tocando uma pessoa que tem sentimento e que dá uma resposta. (Tróclea)*
  
- *Não seria só forma seria emoção sensação. (Helicotrema)*
  
- *A aula não chamaria anatomia chamaria cuidado. (Humor Aquoso)*
  
- *Cuidado anatômico. (Tonsila Palatina)*

#### 6.4 Clínica da máquina de guerra



**Figura 11- Clínica da máquina de guerra**

MESSINA, Ivna. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



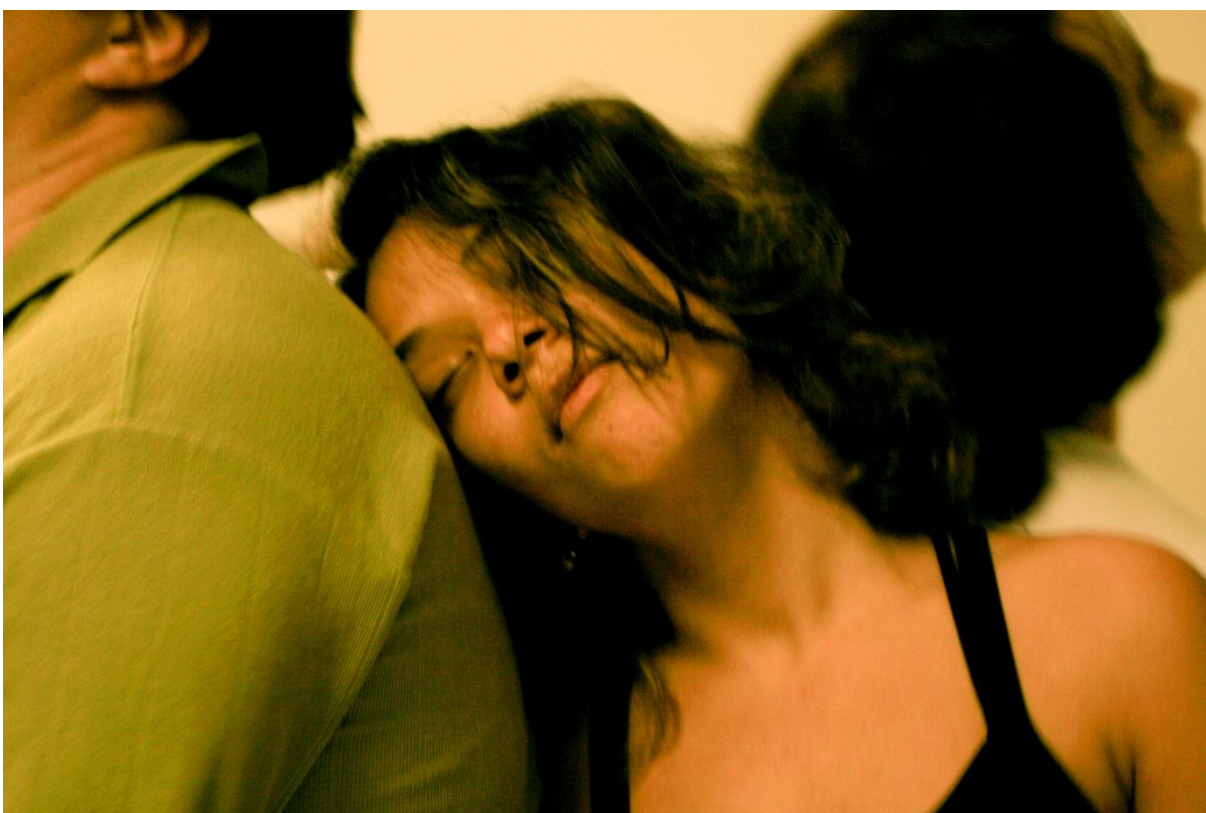
**Figura 12 - Clínica da máquina de guerra**

MESSINA, Ivna. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



**Figura 13 - Clínica da máquina de guerra**

MESSINA, Ivna. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



**Figura 14 - Clínica da máquina de guerra**

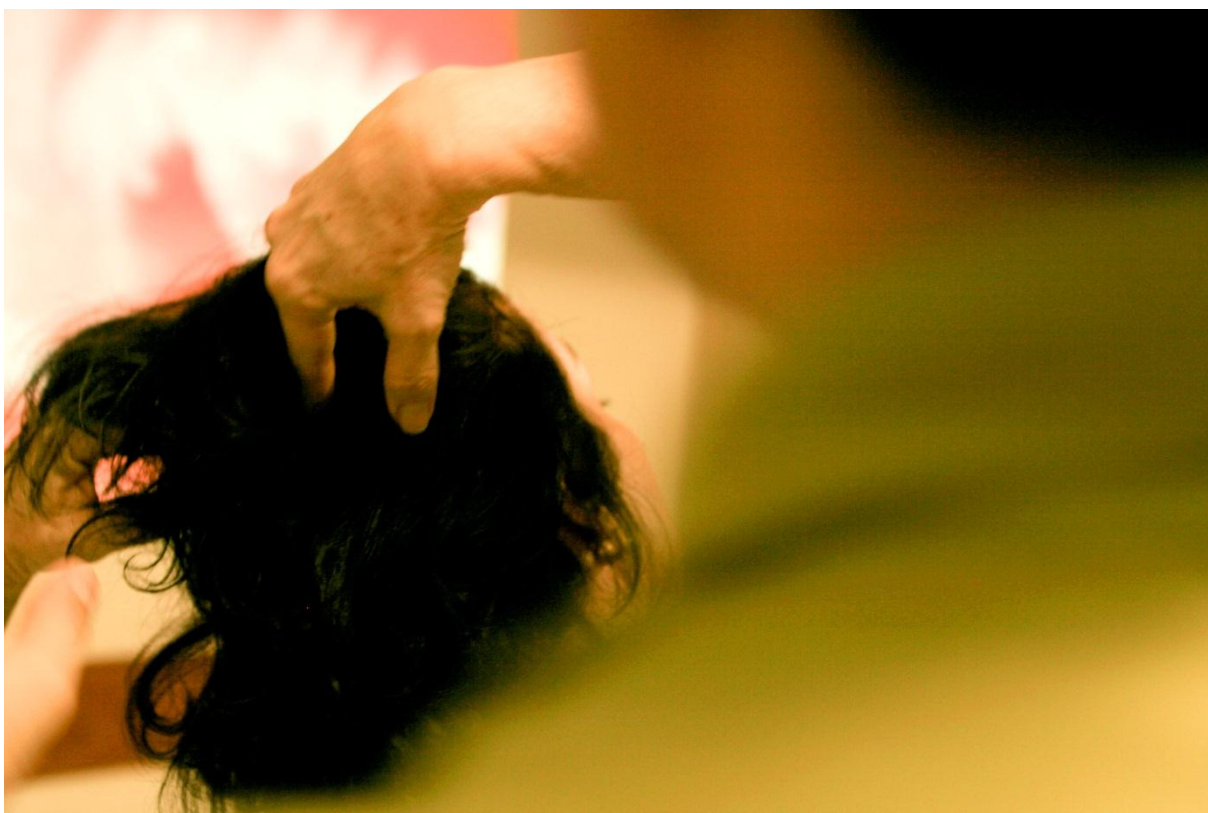
MESSINA, Ivna. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]





**Figura 15 - Clínica da máquina de guerra**

MESSINA, Ivna. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



**Figura 16 - Clínica da máquina de guerra**

MESSINA, Ivna. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]



**Figura 17 - Clínica da máquina de guerra**

MESSINA, Ivna. 2013. Fotografia. [Edição por Ignez Capovilla]

Esta clínica coloca-se exterior e, ao mesmo tempo, no meio, de certo modo de entender o processo saúde/doença ancorado nas racionalidades médicas. Modelos de pensamentos e ações que devem respeitar sobretudo funções orgânicas e a conservação de um determinado modo de vida. Tal perspectiva marca os corpos dos profissionais em saúde estabelecendo um tipo de treinamento e/ou condutas que forjam uniformes, gestos e ações enrijecidas em procedimentos que blindam dos afetos e desassossegos do cotidiano. Essa perspectiva põe em evidência práticas de saúde que investem mais em eficácia do que em encontros, mais em risco do que prudência. Tentativas de uma saúde que mina o acontecimentar das relações.

Neste contexto a produção de cuidado só pode existir exterior a tais equipamentos rígidos, ao mesmo tempo em que deve criar-se por entre essas práticas compondo campos abertos que caminham por desestruturas e mutações, pontos sensíveis capazes de acolher singularidades.

Com vistas a este tipo de produção, a clínica seguinte baseia-se no capítulo Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra, do livro Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia (DELEUZE; GUATTARI 1997). Tal escolha se deu pelas condições de guerra que o cuidado demanda frente às imposições, capturas e modos de organizar o trabalho e a formação em saúde.

Apostamos que na produção de cuidado é preciso abandonar a relação dialética estabelecida entre caridade e hierarquias de saber/poder. Torna-se relevante criar bombas de afeto que explodam essa lógica, uma vez que se entende o cuidado como um fenômeno inventivo que se constrói a partir dos acontecimentos de cada encontro.

Para tanto nos balizaremos na proposição VII “A existência nômade tem por “afectos” as armas de uma máquina de guerra” (DELEUZE; GUATTARI 1997). Neste momento os autores distinguem armas e ferramentas de acordo com seu uso. Essa distinção será explanada brevemente para localizar a proposta dos movimentos desta clínica frente os serviços e formações em saúde.

Na primeira aproximação de análise destaca-se uma relação projetiva das armas, ou seja, tudo que é lançado pode constituir uma arma, o elemento propulsor é seu momento essencial. A ferramenta, ao contrário, prepara a matéria a distância para trazê-la a um estado de equilíbrio ou adequá-la a uma determinada forma. Em sua relação com as velocidades a arma inventaria velocidades, ou a descoberta da velocidade inventa a arma.

Desta forma a máquina de guerra se desprende de vetores de velocidade com condutas moduladas, elas se inventam a cada investida, diferente de ferramentas que remetem as velocidades sempre anteriores, de acordo com objetos específicos. No manejo das ferramentas são dispendidos força e energia que tendem a se tornar constantes, homogêneas e duradouras.

As armas em seu manejo parecem reportar um modelo de ação livre, da mesma forma que as ferramentas parecem reportar a um modelo de trabalho. Não seria a ferramenta que definiria o trabalho, nem a arma definiria a guerra, mas seus modos de organizar. Apenas a partir dos agenciamentos, prevalências e seus efeitos que podemos perceber um trabalho que perpetua conservações e regras codificadas por ferramentas.

Em outra organização, percebem-se atos que não trabalham com códigos, mas com caminhos, rastros de práticas que privilegiam ação livre, um regime de máquina de guerra que é antes a dos afetos, que só remetem ao móvel em si mesmo, a velocidades e a composições de diferenciação. Trata-se de exercícios para aprender a se desfazer de condutas duras, e a desfazer-se, como é próprio da máquina de guerra: o "não-fazer" do guerreiro, o desfazer do sujeito. Tentamos nesta clínica viver momentos de descodificações frente as constantes sobre codificações que forjam as ferramentas e organizam o trabalho e formação em saúde.

Além disso, a problematização do conceito de cuidado, torna-se relevante no campo da assistência à saúde, uma vez que as profissões têm progressivamente disciplinado o cuidar em procedimentos, tarefas, tecnologias e rotinas hospitalares para lidar com as doenças, fragmentando a pessoa em especialidades distintas (PIRES, 2005).

Em grupo, experimentamos velocidades, gravidades, pontos de equilíbrio que desencadearam nas surpresas do desfazer de movimentos estereotipados, disparando afetos como flechas que atravessavam os corpos e ganhavam novas pulsações, ritmos e caminhos entre os elementos. As armas são afectos, e os afectos, armas (DELEUZE; GUATTARI, 1997. p. 79.).

No decorrer do encontro investimos na intensificação de movimentos com velocidades, alongamentos e contrações insólitas como propriedades de disseminação de afetos. Alterações de velocidades, pesos e direções desfragmenta um corpo colado em si mesmo e propulsiona uma manufatura de armas, uma composição que implica em mutações corporais. Não se trata, portanto, de treinar movimentos em série que aglutinam todas as possibilidades de se mover, mas desbaratar a lógica de movimentação no espaço, ativando circulação sanguínea e afetiva.

Para tanto propomos: corrida em câmera lenta e, em seguida, caminhar pela sala:

- esticando o braço o mais alto possível para catar o teto;
- contraindo o pulso e puxando uma corda imaginária;
- respirando abrindo e fechando o tronco;
- com os pés cavando o chão.

Outro elemento também foi inserido e de repente um pano azul se torna mar, lago e correnteza. A cada palavra sugerida uma organização grupal silenciosamente criava texturas, velocidades e paisagens diferentes. Não estava na eficiência de formar imagens a potência grupal, mas na entrega em poder experimentar ser água em estado liso.

Em seguida apostamos nas potências de reverberação de um corpo, para tal utilizamos o *grounding* com tapas nas pernas, braços e tronco para ativar a circulação periférica e respiração, achando o som cada vez mais forte, tendo a caixa torácica como uma caixa de ressonância e amplitude.

Este construto de caixa de ressonância é inspirado em Grotowski (1987), em sua preparação corporal os atores devem “saber dirigir o ar e as partes do corpo onde o som deve ser criado e ampliado, como numa espécie de amplificador” (GROTOWSKI, 1987. p. 30-31), sendo que esse amplificador não se concentra mais na cabeça, mas se dissemina pelo ambiente, tal potência é possível a partir da construção de um corpo liberado de qualquer resistência. Ainda na elaboração de ressonâncias fizemos uma roda com dança circular e canto, um canto repetitivo e entonado cada vez mais forte enquanto era ritmado pela dança.

Em seguida a roda abre e seguem caminhadas, desta vez caminhadas que se esbarram e quando dois corpos se tocam, ambos derretem até o chão. Um deslocamento de peso-gravidade, uma forma de experienciar certo descongelamento de tensões com suportes e apoios mútuos, dois corpos chegam suavemente até o chão. Uma vez no chão um tempo para sentir a experiência, levantar e seguir o exercício com outros esbarrões.

Na política por encarnar nuances de cuidado, não privilegiamos catarses, sensibilidades que transbordam. Dedicamo-nos às sensibilidades que abordam - corpos dispostos para mover-se em conexão com os encontros e no desprendimento da forma de si corpar novos conhecimentos.

*Eu fui percebendo não só ao proveito de cada dia, mas eu senti no cumulativo. Parece que eu sentia que alguma coisa mudou em mim. Parece que eu to menos travada, eu não sei, eu penso que, isso aqui, nessa dinâmica de ritmos de corpos balanço pra cá balanço pra lá. Você vai se liberando, se libertando mesmo dessa coisa que trava.  
(Tonsila Palatina)*

Com este tipo de relação em duplas elaboramos o seguinte exercício. Montar uma posição enrijecida, uma posição que ilustra todo um sistema repressivo no trabalho e na vida. O outro com toques vai liberando a imagem para ganhar movimentos em cada toque um novo movimento se expande. A sequência deste exercício acaba montando sensações e imagens alegres, estranhas, ativas. Imagens que constroem

pistas, linhas de fuga, modos de existir antes impossíveis de serem pensadas como derivadas da repressão.

A proliferação de movimentos logo dá sequência a um exercício de *contato improvisação*. Assim como Liberman (2008), tal exercício não se encerra no termo, mas na concepção de um corpo pulsante, em permanente transformação. As coreografias sempre se desestabilizavam seguindo os passos dos afetos que em cada perturbação inventava formas de expressão com um corpo que escuta as interferências do entorno e secreta ritmos possíveis.

*Eu tenho pra compartilhar que hoje a dança, foi muito gostoso o encontro no corpo do outro, movimento. Assim, é..., tava tão, é..., você não sabia onde começava onde terminava. Os braços pernas, isso que me fez me sentir muito bem essa dança dos corpos, leveza. Aí você está dançando com o outro e nem percebe onde seu corpo está encostando. Essa leveza de hoje me deixou muito bem essa dança dos corpos. (Manguito rotador)*

No entanto, esta entrega às constantes diferenciações é um exercício muito difícil e facilmente paralisado por movimentos familiares ou censuras introjetadas em nossa carne. Neste momento se põe em questão a produção de uma maquinaria de guerra, capaz de diluir as contrações morais do exercício e se aliar ao contínuo movimento, às ações livres. Para tanto, discretamente buscamos quem não conseguia se entregar à dança/improvisação e separamos a sala em dois grupos. Um grupo que seguia com a proposta de contato improvisação com corpos e música e outro grupo que não conseguiu se desprender para o movimento de dança e mistura.

Aos participantes que saíram da dança se consignou a seguinte proposta: devem fazer o que quiser para impedir qualquer movimento na sala, funcionando como máquinas disciplinadoras dos corpos que bailavam. Em outra partida o grupo que ainda estava dançando era estimulado a todo tempo encontrar movimentos aliados, movimentos que fortaleçam suas coreografias, mesmo sem saber que o outro grupo iria tentar impedir.



Surgiram estratégias de expulsar da sala e conter fisicamente. Aparelhos de barragem foram sacudidos até se escoar movimento. Expressões de muita força e inquietude foram devorando a sala e interferindo no entorno. As pessoas que tentavam conter logo se viram reféns de uma estranha alegria antes não acessada. Ao fim todos dançaram.

*Quando ele me prendeu pareceu bem sentido o jeito como eu estava. Mas ainda assim eu consegui achar prazer na dança. Porque eu tinha que fazer com mais força para eu me soltar de um jeito que ele também fique na dança. E cada vez mais forte, ai achava força em mim para desprender isso. E aí eu senti o mar depois a gente acha força no mar gelado, ou seja a gente acha força até no que prende... Que reconstrói até outra postura um grito doido pra sair, mas que ecoa.*  
(Lúnula)

Após rodopios e lançamentos, entregas e descobertas ritmadas, um convite para encerrar o encontro. Todos os corpos deitados no chão são revestidos por panos e a luz se apaga. Evoca-se novamente um corpo travado para que este seja definitivamente liberado por meio de uma técnica chamada *kiai*. Trata-se de um termo das artes marciais japonesas que remete a exteriorização das energias corporais, um caminho do grito da força. Uma técnica desenvolvida para aumentar, acelerar e exponenciar a força de ação do guerreiro.

Esta técnica consiste basicamente em contrair o abdômen respirar profundamente e localizar um círculo de energia abaixo do umbigo, este círculo se intensifica até se soltar um forte grito impulsionando com força onde está travado.

Após os gritos, um tempo de alinhamento e organização onde desenhamos a experiência em papéis individuais como forma de produzir materiais únicos de nossas experiências. Armas forjadas pelo próprio sopro um fortalecimento de armas criadas pela experiência e não jogadas antecipadamente por alguma hierarquia.

*Eu reencontrei uma força que estava faltando, estava sendo suprimida pelas barreiras que eu mesmo construí. Muito bom. (Hâmulo Pterigóideo)*

*O que eu mais senti forte foi o grito. Um grito que depois ficou assim reverberando no corpo todo, né? Uma energia muito grande. Mas ao mesmo tempo durante todo o trabalho foram coisas incríveis que eu vivi de você (Hâmulo Pterigóideo) me levantar e eu sentir meu corpo no ar. Uma coisa assim maravilhosa eu nunca tinha me sentido assim. E isso assim eu percebi, né? Em mim que muitas vezes eu vejo essa coisa mais forte, eu quero que essa coisa mais forte fique forte e apareça e não valorizo essa coisa tão delicada, tão clara e que também é importantíssima. E que eu acho que a gente tem que ter, sabe. E tem que mostrar pra muita gente que isso é possível. (Grácil)*

*Meu sentimento é que existe um grupo aqui e cada um frequenta por uma razão. Acho que a maioria aqui tem razões acadêmicas. A minha razão não é acadêmica eu estou no trabalho, não estou na pesquisa. Mas eu tive essa necessidade de participar de um grupo que pudesse compartilhar sensações e experiências. Quando você falou a questão do grito que era para deslocar a força eu acho que veio muito na cabeça um quadro de um artista plástico que eu não sei o nome. Que se chama o grito, uma pessoa assim gritando e tem toda uma, a pessoa no quadro, mas tem gente que não vê o fundo que é um fundo extremamente vermelho, forte. E essa força realmente é visceral. A sensação foi de realmente estar rompendo essas circunstâncias que prendem a gente. (Gnátio)*

E dessa forma encerramos os encontros. Descobrimos forças que saiam dos nossos próprios gestos. Podemos virar eco e em cada estalo contemplar a multidão que nos habita. Cultivamos armas de carne, osso, afeto e sangue.

*Maquina de Guerra*

*bambo+bambobambotibambotibambole á*

*Senti o chão fazer força no pé como quando uma mão bate na outra. Uma querendo a outra. O chão querendo o pé. O pé querendo o chão. Juntos fizeram um som.*

*As bocas. O grupo - chocalho e corpo. BAMBOTIBAMBOTIBAMBOLÊ  
Á*

*Me senti como nunca. Me senti como outra em mim, outras em mim.*

*Quando aterro, me faço raiz. Árvore. Lembro de Manoel de Barros "as árvores me começam."*

*Foi de fazer estonteante. Mexer, mexer, dançar, pular, movimentos incontrolados para me desprender do Hâmulo Pterigóideo. Uma agonia. Me fiz forte pra desmontar a armadura que era ele. Quanto mais eu prendia, mas queria dançar. Eu senti gosto nisso - Em dançar com força, como um agir, como uma resistência, dançar com jeito de luta. A DANÇA COMO LUTA. Foi muito importante - este sentido da dança também vem com ímpeto. Invade. Extravasa até fazê-lo / fazermos mexido em conjunto, igual, compondo. Estonteante.*

*Em combates. Vivendo esses dias nosso. Em luta. Prende. Solta. Modela. Resiste. Resiste. Sem desprezar. Mas em movimento compor. Mas em movimento. Experimentando o que pode um corpo.*

*Acho que me desconheço. Suave - Aham. Agora fera? UAU. Me espanto e me gosto assim, me agosto assim também. O que me determina? O que me prende? O que me modela? O que me trava? E me deixa parada? Sentir. Concentração. Preparo. Percebo aqui o que me faz solta. Sinto debaixo do pano força. Concentrada. Voraz num grito. Vejo que é mais que pensava que fosse. Não só vejo, mas sinto, sento, percebo-me diferente. De um jeito que não sou acostumada. Não foi só um "descarregar", mas foi muita confiança no que podemos. Essa clínica me fez pensar nessas coisas que nos modelam como areia da praia e nós como se fossemos vento. Vento forte. Vento suave. Confio no vento na invenção que pode com a areia. Pode transformar em escultura. Em obra transitória. Me fiz fera. Até a postura depois era diferente. A respiração. Os olhos. Surpreendente. Me pego assustada de novo com essa que surgiu. É que me gostei. Pode ser doidera, mas me senti mais ligada à natureza. Como sendo mais parte*

*dela e as coisas dela mais parte de mim. Fomos onda. Fui árvore e fera.*

*E ainda somos. Somos grupo. Somos bando. (Lúnula)*

## 7 DESPEDIIDAS

*Já é outro dia. Estava acabado.*

*Mas sabe o que parece? Parece que esses ecos estão sempre inacabados. Só esperando o papel, a caneta, a disposição para ecoarem outro. A imagem que tenho disso é como se houvesse um rio. Não. É como se montasse uma cachoeira escoando água, escorrendo o som o tempo inteiro. Me lavo, me mergulho, me deixo levar pela água, por estas palavras. Sabe esses dias corridos, essa pressão pra dar conta de algo. Me paralisa. Me deixa rasteira. Me senti potência. Senti que muda e fazendo parte do grupo, é pura transmissão de potência. Muito elétrica que ao toque no outro passava, como se fosse corrente elétrica mesmo.*

*Átomos. Elétrons. Quantuns: Energia. (Lúnula)*

As palavras que seguem são construções da restituição realizada com o grupo. Esta pesquisa tratou de caminhar por rastros deixados pelo desejo, trilhas talhadas por corpos e afetos. Tal perspectiva não permite se agarrar em conclusões, o que foi vivido foi apenas um caminho. “Tudo é um entre um milhão de caminhos” (CASTANEDA, 1998. p. 54). Neste sentido não se trata de concluir, mas ensaiar algumas despedidas.

Caminhando se sente a suspensão e a invasão do entorno em nosso corpo. Constante destituir de si, sair de si e experimentar as dobras do fora. Se livrar da ilusão do imutável e do indispensável. É preciso caminhar, se aventurar por trilhas e rastros para treinar um corpo que se sensibilize ao novo, ao belo, ao simples.

*Fiquei incomodada de não ter palavras na hora sobre o que é viver no momento das experimentações... então pensei tentar ver se vem alguma coisa...É como se estivéssemos à margem, nem dentro nem fora, mas disponíveis ao contato, aos sentidos, ao outro. Conhecer o rápido e o quase sem pressa. Prestar atenção no que não se presta. É um conhecimento. De mim, comigo, com o chão, o ar, habitando de outras formas a sala – o que leva a ver que posso não ser o que sou*

*sempre. Conhecimento de mim em contato com outros, e sentir essa passagem. É muito bom. Parece que um sair de mim, mas estando em mim. (Lúnula)*

Neste percurso o esforço provocou novidades que construíram novos mundos, expandindo a linguagem e o pulmão. Firmamos o contato dos pés com chão e do corpo com o cosmos. Tudo que extravasava do corpo pintava a sala e com essas cores foi possível rastrear saúde no ar, no invisível, no infinito.

*Eu penso que no movimento a gente já esta se cuidando e a proposta da gente abrir pra qualquer possibilidade – porque isso é saúde. Como a dança, você esta no movimento e sai daquilo que é paralisante daquilo que te amarra. Isso é saúde. A questão de que você não esta ali deitado e sendo cuidado você está no movimento de descoberta. Não é só saúde física e mental é uma saúde do ambiente, ecologia a forma de encarar sua própria vida e das pessoas. O grupo é saúde quando a gente pode conversar, quando eu estou angustiada, eu falar as coisas que me tocam eu ter confiança nas pessoas que estão aqui. Isso é saúde, se despir de amarras desses nódulos que a gente sente. Do braço que não era funcional e funciona novamente, do pé que paralisou, das dores, posturas de você descobrir que há outras formas de você andar, falar, gritar. Nossa de estar no espaço de outro, na hora que o Hâmulo Pterigóideo me carregou no colo é você sair assim tipo aiiii sou balarina, estou voando é uma coisa assim. Isso é saúde! (Grácil)*

Mas não é só de caminhada que narra este projeto, mas também de paradas, ranhuras, amizades, confiança e alegria. Entender que apesar do SUS com toda sua aparelhagem e rede institucional - é no sutil, no singelo, no gentil de um corpo que podemos sintetizar micro e constantes reformas sanitárias.

*Não tem como eu entro em uma reunião e eu já percebo a postura do meu corpo aquele dia. La vai eu de novo. Vou tentar recriar isso daqui soltar um pouco as mãos outras caras. Entrar com uma outra*

*disposição. E é interessante até no me arrumar. Mesmo quanto eu vou me arrumar para uma reunião eu estou revendo o que é que eu tenho que fazer com o cabelo, como eu vou me arrumar. Porque antes eu tinha aquela coisa formatada e por que não? Por que não ir de outra forma? Não estou afim de passar maquiagem hoje que só um batom simples, não estou afim de botar brinco, não estou afim de botar relógio. Então eu estou tendo esse exercício comigo mesmo. Como que isso fica o tempo todo martelando na minha cabeça pra eu sempre tentar fazer algo um pouquinho diferente. (Humor Aquoso)*

E nestes percursos vale destacar seus momentos de instabilidade. Na instabilidade ficam claros os contornos e como eles se organizam. Entre nossas organizações de trabalho e formação que funcionam por hegemonia da imagem, sempre montando soluções por imagens distantes, longe de sentidos. Porém ao reencontrar com os detalhes, somos capazes de cultivar cuidado, também, na qualidade de olhar.

*E é uma experiência assim. Engraçado que na minha casa tem muito espelho e eu tinha sempre a sensação assim: Cara parece que eu não consigo ver meu corpo por inteiro. Eu já estava tão acostumada com minha imagem me olhando no espelho que eu só via daqui pra cima (referente do pescoço para cima). Até que eu comecei a me observar de outras formas e... caraca a gente fica tão cristalizado da mesma forma. E do dia que eu sai daqui a gente começa a descoordenar e me fez pensar assim. Caramba a que ponto eu cheguei! (Hioide)*

*(...)*

*Nossa nunca me imaginei numa foto assim. (Hioide)*

*- Está linda né? (Grácil)*

*Manda essa pra mim eu vou colocar essa na parede. Pombas. Olha! Estou saindo daqui me amando muito depois dessa foto. (Hioide)*

Insistimos em ser grupo, no conhecimento por meio do conviver com afetos outros, estímulos, heterogêneses que provocaram mutações estruturais produzindo modos de viver em comunidade. Pondo um corpo em ação.

*Coloca no cercadinho e você controla. O que me impressiona são as possibilidades. Perceber que você pode mais do que a gente acredita. Que a gente pode criar o tempo todo, movimentos novos, ser diferente a cada momento e às vezes você é. E vem um espírito ruim e diz eu sempre fui. Eu acho legal no ser humano e essa possibilidade de estar o tempo todo nessa metamorfose. Me chamou muito atenção essa questão da gente aumentar a possibilidade de enxergar o quanto eu sou capaz. E legal que quando estava no grupo um ajudava o outro a sentir. Esse cuidado me fez lembrar o quanto é importante a gente prestar atenção na gente mesmo às vezes você se maltrata tanto que depois você vai querer exigir do outro a mesma coisa. É assim que a gente funciona no trabalho não bebe um copo d'água não tira um momento para relaxar, estou falando de coisas simples, a gente não se alimenta direito se enche de gordura a gente tá se maltratando e como você vai cuidar do outro se seu próprio corpo é um lixo? (Humor aquoso)*

*É e a capacidade que estes encontros tiveram de doação, Da gente se doar sem nenhum preconceito não quer saber o que o outro está pensando – nada! Você vem e se entrega isso foi muito bacana. (Hioide)*

*Tudo a ver com cuidado você começa com auto cuidado. Eu particularmente acho assim, é a gente sair um pouco desse lugar, você sair desse lugar eu acho muito cristalizado quando se fala de cuidar do outro. Ai quando você aprende, eu sai muito de mim nesses encontros Thiago, e daí eu pude perceber. Cara eu não estou me cuidando. Como que eu vou ter a dimensão do cuidado com o outro? Se eu não tiver essa dimensão do cuidado comigo e eu só consegui ver aqui. Quanto eu me cristalizo que eu fico naquele lugar. Quando eu não me*



*permito alguma coisa, eu não estou me cuidando. Aí é obvio que este processo fica mais cristalizado quando você fala de cuidar do outro. (Hioide)*

Em cada encontro conseguimos cultivar pistas para uma política de cuidado nas práticas e conhecimento em saúde, neste momento uma breve consideração de cada clínica.

A partir da clínica da metamorfose percebemos como múltiplos encontros e polissensibilidades podem nos conduzir por entre a possibilidade de novas relações. Ser tocado a todo tempo e momento por cores, balões, ritmos, peles e paredes foi produzindo certo desapegar pela repugnância e gerando alegria de se ver arrastado pela dinâmica dos afetos. Conhecer o cuidado pela possibilidade de desapego e encontros contínuos.

A partir da clínica do trabalho e crueldade, pudemos sentir certo destituir das formas, se abrir para o campo das forças e lidar com o desafio de não produzir apenas rupturas, mas encontrar limiares de saúde nessas brechas. Perceber o cuidado como um grau de prudência e conexão frente à destruição.

A partir da clínica do cuidado anatômico, o silêncio deu o tom para que o envolvimento ganhasse expressão. Treinar o cuidado por meio de um corpo capaz de se envolver, interessar, tocar o outro.

A partir da clínica da máquina de guerra, pudemos praticar formas para remover tudo que nos é enxertado, depositado, metido goela a baixo. Construimos possibilidades para um cuidado que confronta os amortecedores de sentido.

*Acho que a sequencia, por coincidência ou não pra mim foi, finalizou muito bem, eu gostei muito da ideia de desejos borbulhando, no trabalho, em como são feitas as clínicas né?! Finalizou de uma forma, com chave de ouro. Foi muito bom mesmo. (Hâmulo Pterigóideo)*

*Muito embora estes conceitos passem longe um pouco do que eu venho lendo eu achei fantástico assim o cuidado com que você Thiago teve e isso se concretizou neste início, meio e fim. Tudo que ia fazendo e trazia de volta, explicando e dizendo. Ficou muito claro. A metodologia ficou muito explícita. As coisas foram ficando visíveis (Hioide)*

*Eu sinto a mesma coisa que disse a Hioide, principalmente quando você fala assim. Perceba seu corpo e aí a gente para pra ver o nosso e assim a gente pode ver o outro também. Daí começa. Depois de tudo que aconteceu não tem como, a gente não entra da mesma forma, jamais, como que a dor das costas é a mesma? Já mudou! (Glabela)*

*Tem muita coisa boa aí nossa! (Humor aquoso)*

*Para mim esse grupo é terapêutico me faz muito bem esse cuidado que a gente falou é trabalhado a todo momento. Vir aqui já é estar se cuidando. A gente consegue refletir nossa forma de conviver com o mundo a partir dessas nossas experimentações aqui. Nestas experimentações a gente faz um com o outro aqui, isso é bem bacana aqui. (Ulna)*

Por fim, a partir destas pistas podemos construir a seguinte frase: Para cuidar é preciso ser estimulado pelo que te toca, se destituir do ordinário para compor com o encontro, se envolver e lutar para denunciar modos reprodutivos e conseguir abrir campos de vida.

## El hombre invisible

(...)

*Dadme para mi vida  
todas las vidas,  
dadme todo el dolor  
de todo el mundo,  
yo voy a transformarlo  
en esperanza.*

*Dadme  
Todas las alegrías,  
aun las más secretas,  
porque si así no fuera,  
cómo van a saberse?  
Yo tengo que cantarlas,  
dadme las luchas  
de cada día  
porque ellas son mi canto,  
y así andaremos juntos,  
codo a codo,  
todos los hombres,  
mi canto los reúne:  
el canto del hombre invisible  
que canta con todos los hombres.  
(Pablo Neruda)*

## 8 REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALMEIDA FILHO, N. **A ciência da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2000.

AMATO N., V.; B, J. L. da S.. **Doenças transmissíveis**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Sarvier, 1989.

ARTAUD, A. **O teatro e o seu duplo**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

AYRES, J. R. de C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 8, n. 14, Feb. 2004 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832004000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832004000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 21 Abril. 2012.

BAREMBLITT, G. **Dez proposições descartáveis acerca do esquizodrama**. Disponível em <[http://www.fgbh.org.br/artigos/dez\\_proposicoes.htm](http://www.fgbh.org.br/artigos/dez_proposicoes.htm)>. Acessado em 25 de junho de 2013.

BAREMBLITT, G. **Introdução à Esquizoanálise**. 3 ed. Belo Horizonte, FGB/IFG, 2010.

BAREMBLITT, G. **Klínicas esquizodramáticas**. Apontamentos de aula proferida no curso de especialização em Esquizoanálise, Esquizodrama e Análise Institucional. Belo Horizonte: Fundação Lucas Machado, 2012.

BARROS, R. D. B de. **Grupo: a afirmação de um simulacro**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 1981.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores: 2001.

BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa: Edições 70, [1988].

BEY, H. **TAZ: zona autônoma temporária**. 3. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.

SANTOS, B de S. **A crítica da razão indolente**. São Paulo: Cortez, 2000.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, Apr. 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 22 Abril. 2012.

BRETON, D. Le. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011a.

BRETON, D. Le. **A sociologia do corpo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

CAMPOS, G. W. de S. **Um método para análise e cogestão de coletivos**. São Paulo. Hucitec, 2000.

CAMPOS, G. W. de S. **Um método para análise e cogestão de coletivos**. São Paulo. Hucitec, 2000.

CAMPOS, G.W. de S. Considerações sobre a arte e a ciência da mudança: revolução das coisas e reforma das pessoas. O caso da saúde. In: CECÍLIO. L.C.O, organizador. **Inventando a mudança na saúde**. São Paulo: Hucitec; 1994. p. 60 - 78.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978

CAPRA, F. **O ponto da mutação**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

CARVALHO, Y.M.; CECCIM, R.B. Formação e educação em saúde: Aprendizados com a Saúde Coletiva. In: CAMPOS G.W.S; MINAYO M.C.S; AKERMAN M.; DRUMOND JUNIOR R.M; CARVALHO Y.M; Orgs. **Tratado de Saúde Coletiva**. 2. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009. p. 137 – 171.

CASTAÑEDA, C. **A erva do diabo**: As experiências indígenas com plantas alucinógenas reveladas por Dom Juan. 26. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 1998.

CECCIM, R. B; MERHY, E. E. Um agir micropolítico e pedagógico intenso: a humanização entre laços e perspectivas. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, 2013. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141432832009000500006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832009000500006&lng=en&nrm=iso). Acessado em 20 Fevereiro. 2013.

COUY, V.B. CONTORNOS DO CORPO. **Revista Travessias**, Paraná, Vol. 3, n. 1. 2009. s.p

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, 1995. Vol. 1.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 34,1996. Vol.3.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, São Paulo: 34, 1997. 172p. Vol.4.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1997. Vol. 5.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DELEUZE, G. O método de dramatização [tradução de Luiz B.L. Orlandi]. In: DELEUZE, Gilles; ORLANDI, Luiz B. L.; LAPOUJADE, David. **A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)**. São Paulo: Iluminuras, 2008. p. 129 -154.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: Deleuze, G.**O mistério de Ariana**. p. 83-96. Lisboa: Vega, 1996.

DELEUZE, G.. **Diferença e repetição**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Graal, 2006.

DESPRET, V. Os dispositivos experimentais. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23 – n. 1, p. 43-58, Jan./Abr. 2011.

DESPRET, V. The Body We Care For: Figures of Anthro-zoo-genesis. **Body & Society**, vol. 10 – n.(2-3), p. 111-134, 2004.

DOMINGUES, L. **À Flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ESCOSSIA, L. O coletivo como plano de criação na Saúde Pública. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832009000500019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000500019&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 16 Dec. 2012.

FARINA, C. Arte, Corpo e Subjetividade: Experiência Estética e Pedagogia. **Revista Digital Art&**, Sao Paulo, SP, v. nº 5, p. 01-14, 2006.

FOCACCIA, R.; VERONESI, R. (Ed.). **Tratado de infectologia**. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Atheneu, 2006. 2 v.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos, V. IV**. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**; tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber.** 18.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade.** 3: cuidado de si 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 20. ed. São Paulo: Graal: Paz e Terra, 2004.

FOUCAULT, M. **Os anormais:** curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FRANCO, T.B. & MERHY, E.E. Produção Imaginária da Demanda. In: Pinheiro, R. & Mattos, R.A. (orgs.). **Construção Social da Demanda;** IMS/UERJ-CEPESC-ABRASCO, Rio de Janeiro, 2005. p. 181-194

FREIRE, R. **Soma:** Uma Terapia Anarquista - A Arma é o Corpo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

GAIARSA, J. A. **Respiração e circulação.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

GAIARSA, J. A. **Respiração, angustia e renascimento.** São Paulo: Ícone, 1995.

GIL, J. **Metamorfoses do corpo.** 2. ed. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

GROTOWSKI, J. **Em busca de um teatro pobre.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GUATTARI, F. Da Produção de Subjetividade. In: GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético.** São Paulo: Editora 34, p. 11- 44. 1992.

GUATTARI, F. **Revolução molecular:** pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUATTARI, F., ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GUATTARI, Félix. **O inconsciente maquinico:** ensaios de esquizo-analise. Campinas: Papyrus, 1988.

KAFKA, F. **A metamorfose.** 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo:** uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas: Papyrus, 1999.

KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. **Políticas da Cognição.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

KELEMAN, S. **Anatomia emocional.** São Paulo: Summus, 1992.

KELEMAN, S. **Corporificando a Experiência**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

LAO-TSÉ. **Tao-te king**: o livro que revela Deus. São Paulo: Círculo do Livro, [1987].

LATOURL, B. **How do talk about the body?** The normative dimension of science studies, 1999. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/77-BODY-NORMATIVE-POR.pdf>>. Acesso em: 06 de Maio de 2012.

LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LIBERMAN, Flávia. **Delicadas coreografias**: instantâneos de uma terapia ocupacional. São Paulo: Summus, 2008.

LOWEN, A.; LOWEN, L. **Exercícios de bioenergética**: o caminho para uma saúde vibrante. São Paulo: Agora, 1985.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MATURANA, H. R., VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MATURANA, H. R., VARELA, F. J. García. **De Máquinas e Seres Vivos**: Autopoiese - a Organização do Vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MERHY E.E, FEUERWERKER L.C.M. Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea. In: Mandarino ACS, Gomberg E (org). **Leituras de novas tecnologias e saúde**. Bahia: Editora UFS; 2009. p 29-56.

MERHY E.E, ONOCKO R. **Agir em Saúde**: um Desafio para o Público. São Paulo: Hucitec, 1997.

MERHY E.E. A Perda da Dimensão Cuidadora na Produção da Saúde: uma discussão do modelo assistencial e da intervenção no seu modo de trabalhar a assistência. In Campos CR, Malta DC, Reis AT, Santos AF, Merhy EE (orgs). **Sistema Único de Saúde em Belo Horizonte**. São Paulo: Xamã; 1998. p103-20.

MERHY, E. E. **CorpoVida**, mais um na multidão. Abril. 2008. Disponível em <<http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/artigos-01.pdf>>. Acessado em 16 Dec. 2012.

MERHY, E. E. Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde. In: MERHY, E. E. & ONOCKO, R. (Orgs.) **Agir em Saúde**: um desafio para o público. São Paulo: Hucitec, 1997.



MERHY, E. E. **Saúde**: cartografia do trabalho vivo em ato. São Paulo: Hucitec, 2002.

MERHY, E. E.; FEUERWECKER, L.; GOMES, M. P. C. Da repetição à diferença: construindo sentidos com o outro no mundo do cuidado. In: Franco, T.B. (Org.). **Semiótica, afecção & cuidado em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 60-75.

MERHY, E.E. Em busca da Qualidade dos Serviços de Saúde: os serviços de porta aberta para a saúde e o modelo tecnoassistencial em defesa da vida (ou como aproveitar os ruídos do cotidiano dos serviços de saúde e colegiadamente reorganizar o processo de trabalho em busca da qualidade das ações de saúde). In: Cecílio, L. C.(org.). **Inventando a mudança na saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MERHY, E. E. O desafio que a educação permanente tem em si: a pedagogia da implicação. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 9, n. 16, Feb. 2005 . Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832005000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000100015&lng=en&nrm=iso). access on 02 Jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832005000100015>.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1992.

MINAYO. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

NEGRI, A. A **Constituição do Comum**. Conferência Inaugural do II Seminário Internacional Capitalismo Cognitivo – Economia do Conhecimento e a Constituição do Comum. 24 e 25 de outubro de 2005, Rio de Janeiro. Organizado pela Rede Universidade Nômade e pela Rede de Informações para o Terceiro Setor (RITS).

NEGRI, A. Para uma definição ontológica da Multidão. **Lugar Comum (UFRJ)**, v. 19-20, p. 15-26, 2004.

NIETZSCHE, F. W. **Assim falava Zarathustra**. São Paulo: Hemus, 2002.

OURY, J. **O coletivo**. São Paulo: HUCITEC, 2009.

PAIM. J.S. **Desafios para a saúde coletiva no século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2008.

PASSOS, E., BARROS, R D B de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010. p. 17 - 31.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. de. Por uma política da narratividade. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010. p. 150 – 171

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.(Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010.

PAVLOVSKY, E. Micropolíticas. **Revista Herramienta**, Buenos Aires, nº12, 2000. Disponível em <<http://www.herramienta.com.ar/revista-herramienta-n-12/micropoliticas>>. Acessado em 05 Jan. 2013. s.p.

PIRES, M. R. G. M. Politicidade do cuidado e processo de trabalho em saúde: conhecer para cuidar melhor, cuidar para confrontar, cuidar para emancipar. **Ciência e Saúde Coletiva** (Impresso), Rio de Janeiro, RJ, v. 10, n.4, p. 1025-1035, 2005.

POZZANA L.; KASTRUP, V. Cartografar é Acompanhar Processos. In. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010. p. 52 – 75.

QUILICI, C.S. **Antonin Artaud: teatro e ritual**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

QUINTANILHA, B. C. **Participação rizomática: um modo de participação social no Sistema Único de Saúde**. 2012. 92f. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva – UFES, Vitória, Espírito Santo. 2012.

RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta** [tradução de Pedro Sússekind]. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Sulina, 2006.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SPINOZA, B. de. **Ética**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TEIXEIRA R.R ; COSTA R. Novas tecnologias e sociedade pedagógica – uma conversa com Michel Serres. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação** v.4 n.6. 2000. p.129-142.

TEIXEIRA, R. R.. Agenciamentos tecnosemiológicos e produção de subjetividade: contribuição para o debate sobre a trans-formação do sujeito na saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232001000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232001000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 10 Jan. 2013.

TESTA, M. **Pensar em saúde**. Porto Alegre, Artes Médicas/Abrasco., 1992.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Tradução de Maria Rita S. Hofmeister. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VARELA, F. O reencantamento do concreto. In: PELBART, P. P.; COSTA, R. (Org). **Cadernos de subjetividade**: o reencantamento do concreto. São Paulo: Hucitec; 2003. p. 71-86.

VIANNA, K. **A dança**. São Paulo: Siciliano, 1990.

VIESENTEINER. J. L. Nietzsche e Deleuze: sobre a arte de transfigurar. **Discusiones Filosóficas**. Año 12. n. 18, enero – junio, 2011. pp. 187 – 204.



**APÊNDICE I**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Estudo: POR UMA KLÍNICA DOS POROS: CONHECIMENTO E PRÁTICAS EM SAÚDE A PARTIR DO EXERCÍCIO DE UM CORPO SENSÍVEL

**Nome do pesquisador:** Thiago de Sousa Freitas Lima, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo. Contatos: tel: (27) 8893 4512 – email: lima.thiagosousa@hotmail.com.

**Orientador da pesquisa:** Túlio Alberto Martins de Figueiredo, professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo. Contatos: tel: (27) 3335 7287 – email: tulioamf@hotmail.com.

**Comitê de Ética em Pesquisa/UFES:** Contatos: (27) 3335-7211 - cep@ccs.ufes.br.

**Objetivos do Estudo:** Compreender e intervir no processo formativo de profissionais em saúde que frequentam o grupo de estudos: “Rizoma - Saúde Coletiva e Instituições”.

Estamos lhe convidando a participar de uma pesquisa. É muito importante que você compreenda todos os princípios desta pesquisa: 1- você só participa se desejar; 2- você pode deixar de participar a qualquer momento. 3- durante as orientações você poderá fazer qualquer pergunta que desejar, não fique com nenhuma dúvida.

**Riscos:** A pesquisa não oferece risco aos sujeitos envolvidos, pois utiliza como metodologia: diário de campo, registro fotográfico, além de movimentos de consciência corporal e dramatização de cenas cotidianas; não traz, portanto nenhum risco à integridade física, social e psicológica dos sujeitos da pesquisa.

**Benefícios:** O benefício será a construção de vivências que ampliem a capacidade de análise dos sujeitos frente à realidade de seu cotidiano e seu processo de trabalho, possibilitando espaços que fortaleçam as estratégias de cuidado e vínculo na criação de momentos de disponibilidade e contato ao outro, tendo como consequência redução de estresse, maior disposição para enfrentar os desafios do trabalho e ampliação de ferramentas para o cuidado.

**Procedimentos:** Caso concorde em participar do nosso estudo, realizaremos encontros quinzenais expondo conceitos de esquizodrama, Saúde Coletiva e

vivências de expressão corporal. Segundo BAREMBLITT (2010) <sup>14</sup>, entende-se por esquizodrama o conjunto de técnicas artísticas, pedagógicas e psicoterápicas que se baseiam a partir da participação ativa dos sujeitos. Tem como objetivo ativar uma troca de experiências e relações por meio de exercícios de consciência corporal e dramatizações. As técnicas são incorporadas de acordo com o que surge no grupo afim de produzir compreensões e enfrentamentos aos desafios do processo de trabalho.

**Confiabilidade do estudo:** Sua identidade não será revelada; em nenhum lugar da pesquisa constará o seu nome.

**Se você ficou sem entender alguma parte deste documento, solicite explicação ao pesquisador. Somente assine, caso tenha entendido tudo.**

Eu, em pleno gozo de minhas faculdades mentais, faço-me voluntária/voluntário para participar desta pesquisa. Sendo a minha participação voluntária e conhecida a natureza, o objetivo, duração, riscos e benefícios, métodos da pesquisa, esclarecidos a mim pelos pesquisadores. Sei que a qualquer momento posso deixar de participar desta pesquisa e não sofrer qualquer dano ou perda de todos os meus direitos.

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_\_

Nome do Pesquisador: \_\_\_\_\_

Nome da/do voluntária/voluntário (em letra de forma):

\_\_\_\_\_

Assinatura da/do voluntária/voluntário:

\_\_\_\_\_

---

<sup>14</sup> BAREMBLITT, G. **Introdução à Esquizoanálise**. 3 ed. Belo Horizonte, FGB/IFG, 2010. 146 p.

**APÊNDICE II**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE FOTOGRAFIAS**



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE FOTOGRAFIAS

Eu, \_\_\_\_\_, solteiro(a) (  ) Casado(a) (  ),  
 profissão: \_\_\_\_\_, residente na rua  
 \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_, Bairro \_\_\_\_\_, complemento  
 \_\_\_\_\_, cidade \_\_\_\_\_, Estado \_\_\_\_\_,  
 portador da Cédula de Identidade (RG) nº \_\_\_\_\_, inscrito no CPF nº  
 \_\_\_\_\_, **AUTORIZO** o uso de minha imagem em todo e qualquer  
 material como fotos, documentos e outros meios de comunicação para fins de  
 divulgação na dissertação de mestrado intitulada “POR UMA KLÍNICA DOS POROS:  
 CONHECIMENTO E PRÁTICAS EM SAÚDE A PARTIR DO EXERCÍCIO DE UM  
 CORPO SENSÍVEL”, realizada pelo mestrando Thiago de Sousa Freitas Lima, sob  
 orientação do professor Drº Túlio Alberto Martins de Figueiredo, no Programa de  
 Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo.

Após a leitura do termo, eu concordo que as minhas imagens sejam usadas para o  
 propósito acima descrito.

Eu entendo que sou livre de aceitar ou recusar a divulgação das minhas imagens.

Eu entendi a informação apresentada neste termo de autorização. Eu tive  
 oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas.

Eu recebi uma cópia assinada e datada deste documento de autorização.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida,  
 manifesto minha autorização para divulgação das minhas imagens nesta pesquisa.

**Data:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

**Assinatura do participante da pesquisa**

---

**Assinatura do pesquisador**

---

**Assinatura do orientador**

**Nome do pesquisador:** Thiago de Sousa Freitas Lima, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo. Contatos: tel: (27) 8893 4512 – email: lima.thiagosousa@hotmail.com.

**Orientador da pesquisa:** Túlio Alberto Martins de Figueiredo, professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo. Contatos: tel: (27) 3335 7287 – email: tulioamf@hotmail.com.

**Comitê de Ética em Pesquisa/UFES:** Contatos: (27) 3335-7211 - cep@ccs.ufes.br.



**ANEXO I**

**Entre desejos – tempos e prazos para produzir uma dissertação**

### **Algumas linhas...**

Por isso, que fique registrado aqui, desde logo, um pedido meu: leia o mínimo possível textos críticos e estéticos - ou são considerações parciais, petrificadas, que se tornaram destituídas de sentido em sua rigidez sem vida, ou são hábeis jogos de palavras, nos quais hoje uma visão sai vitoriosa, amanhã predomina a visão contrária. Obras de arte são de uma solidão infinita, e nada pode passar tão longe de alcançá-las quanto a crítica. Apenas o amor pode compreendê-las, conservá-las e ser justo em relação a elas. Dê razão sempre a si mesmo e a seu sentimento, diante de qualquer discussão, debate e introdução; se o senhor estiver errado, o crescimento natural de sua vida íntima o levará lentamente, com o tempo, a outros conhecimentos. Permita a suas avaliações seguir o desenvolvimento próprio, tranquilo e sem perturbação, algo que, como todo avanço, precisa vir de dentro e não pode ser forçado nem apressado por nada.

Tudo está em deixar amadurecer e então dar à luz. Deixar cada impressão, cada semente de um sentimento germinar por completo dentro de si, na escuridão do indizível e do inconsciente, em um ponto inalcançável para o próprio entendimento, e esperar com profunda humildade e paciência a hora do nascimento de uma nova clareza: só isso se chama viver artisticamente, tanto na compreensão quanto na criação. Não há nenhuma medida de tempo nesse caso, um ano de nada vale, e mesmo dez anos não são nada. Ser artista significa: não calcular nem contar; amadurecer como uma árvore que não apressa a sua seiva e permanece confiante durante as tempestades de primavera, sem o temor de que o verão não possa vir depois. Ele vem apesar de tudo. Mas só chega para os pacientes, para os que estão ali como se a eternidade se encontrasse diante deles, com toda a amplidão e a serenidade, sem preocupação alguma. Aprendo isto diariamente, aprendo em meio a dores às quais sou grato: a paciência é tudo! (RILKE, 2009. p.36)



CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE/UFES



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** POR UMA KLÍNICA DOS POROS: CONHECIMENTO E PRÁTICAS EM SAÚDE A PARTIR DO EXERCÍCIO DE UM CORPO SENSÍVEL.

**Pesquisador:** THIAGO DE SOUSA FREITAS LIMA

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 15762113.6.0000.5060

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências da Saúde ((CCS-UFES))

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 324.926

**Data da Relatoria:** 26/06/2013

**Apresentação do Projeto:**

- Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa.
- A hipótese trabalhada é de que a aplicação do esquizodrama melhora a resposta dos profissionais de saúde em relação a capacidade de afetar e ser afetado aumentando o coeficiente de comunicação e disponibilidade ao outro. A técnica amplia a capacidade de analisar as relações cotidianas.
- Serão realizados encontros quinzenais com participantes (profissionais de saúde e pesquisadores do grupo Rizoma - saúde coletiva e instituições.
- Todos os encontros, serão divididos em três momentos: 1) Acolhimento: refere-se ao recebimento das pessoas e preparação do espaço; 2) Aquecimento: movimentos de consciência corporal, alongamentos, exercícios de respiração, contato e relaxamento; 3) Clínicas esquizodramáticas: dramatizações que dão visibilidade aos usos de si no cotidiano e possibilidades e reorganizar formas estereotipadas de gestos e respostas com a realidade.
- A coleta de dados será realizada a partir de diários de campo e registro fotográfico, com registro sistemático das atividades e das percepções;

**Objetivo da Pesquisa:**

Compreender como as tecnologias relacionais se corporificam a partir da utilização de clínicas

**Endereço:** Av. Marechal Campos 1468

**Bairro:** S/N

**UF:** ES

**Telefone:** (27)3335-7211

**Município:** VITORIA

**CEP:** 29.040-091

**E-mail:** cep.ufes@hotmail.com ; cep@ccs.ufes.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE/UFES**



Continuação do Parecer: 324.926

esquizodramáticas.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisa não oferece riscos.

Possibilitar a criação de espaços que ampliem a capacidade de análise e intervenção dos sujeitos implicados no processo. Construir experiências que produzam corpos mais disponíveis ao contato, aos sentidos e atento ao outro.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto bem delimitado e de acordo com as diretrizes da Resolução 196/96.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O TCLE está adequado.

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As adequações solicitadas foram realizadas.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

VITORIA, 03 de Julho de 2013

\_\_\_\_\_  
Assinador por:  
**Karina Tonini dos Santos Pacheco**  
(Coordenador)

<b>Endereço:</b> Av. Marechal Campos 1468	<b>CEP:</b> 29.040-091
<b>Bairro:</b> S/N	
<b>UF:</b> ES	<b>Município:</b> VITORIA
<b>Telefone:</b> (27)3335-7211	<b>E-mail:</b> cep.ufes@hotmail.com ; cep@ccs.ufes.br